

**Universidade Estadual Paulista – UNESP
Faculdade de Filosofia e Ciências
Campus de Marília**

**Anais
X Encontro de Pesquisa na Graduação em
Filosofia da UNESP
Marília – 18/05 a 22/05**



2015

**Universidade Estadual Paulista – UNESP
Faculdade de Filosofia e Ciências
Campus de Marília**

Diretor:

Prof. Dr. José Carlos Miguel

Vice-Diretor:

Prof. Dr. Marcelo Tavella Navega

Comissão Organizadora

Pedro Geraldo Aparecido Novelli – Unesp/Marília (Coordenador)
Amanda Veloso Garcia (Mestranda em Filosofia)
Pedro Bravo de Souza (Graduando em Filosofia)
Renato de Oliveira Pereira (Graduando em Filosofia)
Augusto Rodrigues (Graduando em Filosofia)
Jéssica Lopes Carvalho (Graduanda em Filosofia)
Leonardo Queiroz Assis Poletto (Graduando em Filosofia)
Verônica Barros Sifuentes (Graduanda em Filosofia)
Felipe Gomide (Graduando em Filosofia)

Promoção:

Departamento de Filosofia - UNESP
Programa de Pós-Graduação em Filosofia da FFC-Unesp/Marília
Conselho de Curso de Filosofia - UNESP

Apoio:

FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo)
PROPG-UNESP (Programa de Pós-Graduação em Filosofia)
STAEPE (Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão)
STI (Serviço Técnico de Informática)

Editoração:

Amanda Veloso Garcia
Jéssica Lopes Carvalho
Renato de Oliveira Pereira

<http://www.encfilunesp.com/>

Anais X Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da
UNESP / Pedro Geraldo Aparecido Novelli (Org.). – Marília,
2015.

136 f.

ISSN 2317-5877

1. Filosofia. 2. Pesquisa. 3. Graduação.

SUMÁRIO

PROGRAMAÇÃO GERAL DO EVENTO	7
RESUMOS DAS CONFERÊNCIAS E MINICURSOS.....	10
PROGRAMAÇÃO DAS SESSÕES DE COMUNICAÇÃO	14
RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES E PÔSTERES	32
ALBUQUERQUE, Gleyce Kelly da Luz.....	33
ALBUQUERQUE, João Victor.	33
ALCANTARA, Rafael dos Santos.....	33
ALVES, Carlos Danilo dos Santos; SANTOS, Inês Ferreira.	34
ARAMOR, Marlon Henrique.....	35
AVANÇO, Leonardo Dias.	36
BACHINSKI, Nara Ebres.	37
BARROS, Leander Alfredo da Silva.	38
BATISTA, Ana Paula.	39
BELATTO, Michelle.	40
BELFANTE, Maria Caroline.	41
BEZERRA, Marco Antonio Correa.	41
BOTARO, Rafael Wellington.	42
CABEÇA, Juliana Torres.....	43
CAMPOS, Débora.....	43
CARVALHO, Felipe Fernandes Fagundes de.	44
CARVALHO, Jéssica Lopes.....	45
CARVALHO, Joebson Gonçalves de.	45
COELHO, Márcio Bruno Leal.	45
COELHO, Rafael Teruel.....	46
COELHO, Rebeca Míriam Siqueira.	46
CONSTANTINO, Ethannyn Mylena Moura Lima; LIMA, Ezion Moura.....	47
CORRÊA, Patrícia Aurora.	48
COSTA, Jerlan dos Santos.....	48
COSTA, Nathalia Rodrigues da.	49
COSTA, Sâmara Araújo.....	49
CRUZ, Guilherme Fernandes da.	50
CRUZ, Nayara Sandrin da.	51
CUNHA, Wirlley Quaresma da.	52
DANSIGER NETO, Germano Aparecido.....	52
ESQUIVEL, Raquel de Andrade.	53
FACIROLI, Carlos Eduardo Nogueira.	54

FARIA, Adegmar Gomes de.....	55
FARIA, Aline Apipe de.....	56
FARIAS, João Guilherme Alvares de.....	56
FERNANDES, Lailson André; LIMA, Paulo Willame Araujo de.....	57
FERREIRA, André Prock.....	58
FERREIRA, Kailani A. P.....	59
FERREIRA, Rafael de Melo.....	59
FITIPALDI, Danilo.....	60
FREITAS, Bárbara de Abreu.....	60
FREITAS, Felipe Sampaio de.....	61
GAZOLA, Iago Orlandi.....	62
GHIRALDELLI, Paulo Francisco Martins.....	63
GOMES, Ester da Silva.....	64
GOMES, Paulo Uiris da Silva.....	65
GOMES, Robson Farias.....	66
GONÇALVES, Luiz Felipe Xavier.....	66
GONDIM, Paula Cristina Padilha.....	67
GORJON, Melina Garcia.....	68
GRAÇA, Aline Vanessa Brito da.....	69
GUIOMARINO, Hailton Felipe.....	70
HOLLANDA, Leandro.....	71
JARES, Mayara Karoline Leite.....	71
LACERDA, Márjore Mariana Lima.....	72
LARÊDO, David Alípio dos Santos.....	72
LIMA, Antônio Ismael da Silva.....	72
LIMA, Cristiane Moreira de.....	73
LIMA, Paulo Willame Araújo de.....	74
LIMA, Vitor de.....	75
LISBOA, Wallacy Ancelmo.....	76
LUIZ, Felipe.....	77
LULLI, Bárbara Ferrario.....	77
MAGALHÃES, Marcelo Marconato.....	78
MAIA, Leila Maria Neves.....	79
MALDONADO, Luccas Eduardo Castilho.....	80
MATOS, Diogo Luiz Souza de.....	81
MENDES, Ramon Guillermo.....	81
MILANI, Johnatas Ximenes.....	82
MILITÃO, Sandro Eduardo Gaia.....	83
MORAES, Rodrigo Juventino Bastos de.....	84
MOREIRA, Ana Alessandra Gomes.....	84
MOREIRA, Karla.....	85

MORGADO, João Pedro.....	85
MOURA, Eva Klilvia Vasconcelos.	86
MOURA, Izabela Cristina de Carvalho.	87
NASCIMENTO, Matheus Colares do.....	88
NASCIMENTO, Paulo Henrique Costa.....	88
NASCIMENTO, Rodrigo Trindade.	89
NERI, Diego Calassa.	90
ARAUJO NETO, Manoel Alves de.	36
OEIRAS JUNIOR, Elias Freitas de.....	91
OLIVEIRA, Carlos Augusto Gouvêa de.....	91
OLIVEIRA, Eder Renato de.	92
OLIVEIRA, Maria Luiza Alves de.	93
OTTONICAR, Flávio Gabriel Capinzaiki.	94
PEREIRA, Renato de Oliveira.	94
PIRES, Joyce Aparecida.	95
PLEBANI, Anderson Kaue.	96
POLETTO, Leonardo Queiroz Assis.	96
PRADO, Cleudete Aparecida Dias do; SANTOS, Polliany Ramos dos.	97
QUEIROZ, Paulo Sérgio de.	98
RAYOL, Ana Caroline Tavares.	99
REIS, Edson Sá dos.....	100
REIS, Rachel Ferreira dos; MELO, Máximo Gustavo Rodríguez de.	100
RENTE, Karoline de Araujo.	101
RIBEIRO, Cristiane Santos.....	102
RIBEIRO, Jose Fernando Rosa.....	102
RODRIGUES, Anderson da Silva.	103
RODRIGUES, Augusto.	104
RODRIGUES, Yuri de Lima.	105
SALVIO, Thiago de Souza.	106
SAMPAIO, Thiago Henrique.....	106
SANCHES, Elissa Gabriela Fernandes.....	107
SANTO, Deborah Gadelha Espírito; ALVES, Leon Victor Fernandes; CUNHA FILHO, Paulo Cesar Franco da.....	108
SANTOS, Alan Ferreira dos.	109
SANTOS, Diemmenon Miguel Maria dos.	109
SANTOS, Gabriela Esther Nascimento dos.....	110
SANTOS, Héder Junior dos.	110
SANTOS, Heriberto Gregorio dos; COSTA, Jerlan. r.....	111
SANTOS, Inês Ferreira; ALVES, Carlos Danilo dos Santos.....	112
SANTOS, Jean Holanda.....	112
SANTOS, Leandro Rocha dos.	113

SANTOS, Rodrigo Silva.....	113
SHIRAKAVA, Rafael da Silva.....	114
SILVA, Adam Augusto Silva e.....	115
SILVA, Camila da Cruz.....	115
SILVA, Carlos Henrique Lemes da.....	116
SILVA, Cássio Vasconcelos e.....	117
SILVA, Guilherme Diniz da.....	118
SILVA, Júlia Pereira da.....	118
SILVA, Patrick dos Santos.....	119
SILVA, Pedro Henrique Ciucci da.....	120
SILVA, Sergio William Damasceno da.....	121
SILVA, Tâmmilys Rafaely Soares da.....	122
SILVA, Wellington Aparecido.....	122
SIQUEIRA, Kassia de Oliveira Martins.....	124
SOUZA, Albert Matos de.....	124
SOUZA, Sam Alves.....	125
SOUZA, Cleiton Silva.....	126
SOUZA, Felini de.....	126
SOUZA, Franciele Vaz de.....	127
SOUZA, Igor Ismars de.....	128
SOUZA, Jéssyca Brenda Barradas de.....	128
SOUZA, Lays Alvarez de.....	129
SOUZA, Marcos Aurelio da Costa.....	129
SOUZA, Paulo Roberto Lima de.....	130
SOUZA, Pedro Bravo de.....	130
TOALIARI, Juliana.....	131
TOMAZ, Mauro Sérgio de Carvalho; CARVALHO, José Maurício.....	132
VALE FILHO, José Pereira do.....	132
VALENTE, Alan Rafael.....	133
VEIGA, Dean Fabio Gomes.....	134
WARMLING, Diego Luiz.....	134
XAVIER, Tiago.....	135

PROGRAMAÇÃO GERAL DO EVENTO

18 de maio (segunda-feira)

9h – 12h: Sessão de Comunicações

14h - 18h: Sessão de Comunicações

19h: Apresentação Artística: Dança do Ventre (Escola de Dança Pietra Lincah)

19h30: ABERTURA Pedro Novelli (Coordenador do Evento e Chefe do Departamento de Filosofia – UNESP/Marília)

José Carlos Miguel (Direção FFC/UNESP)

19h30 - 22h30: Conferência "*Filosofia clínica: métodos e questionamentos*"

Expositora: Mônica Aiub da Costa (Mackenzie)

Debatedora: Eloisa Benvenuti (USP)

19 de maio (terça-feira)

8h00 - 12h: Sessão de Comunicações

14h - 18h: Sessão de Comunicações

19h30 - 22h30: Conferência "*Pesquisa científica, inovação tecnológica, e os interesses da justiça social, participação democrática e sustentabilidade*"

Expositor: Hugh Lacey (Baltimore College/USP)

Debatedor: João Antonio de Moraes (UNICAMP)

20 de maio (quarta-feira)

8h00 - 12h: Sessão de Comunicações

14h - 18h: Minicurso "*As bases filosóficas do pensamento oriental*"

Expositor: Antônio Florentino Neto (UEL)

19h30 - 22h30: Conferência "*A formação da filosofia universitária no Brasil*"

Expositor: Marcelo Silva de Carvalho (UNIFESP)

Debatedor: Amanda Veloso Garcia (UNESP)

21 de maio (quinta-feira)

9h30 - 12h: Sessão de Comunicações

14h - 18h: Minicurso "*Aspectos da metafísica da modalidade*"

Expositor: Desidério Murcho (UFOP)

19h30 - 22h30: Conferência "*Filosofia e universidade na mudança de modelo de sociedade no Brasil*"

Expositor: Marcos Nobre (UNICAMP)

Debatedor: Hélio Alexandre da Silva (UESB)

22 de maio (sexta-feira)

9h30 - 12h: Sessão de Comunicações

14h - 18h: Minicurso "*A Tragédia como problema filosófico em Nietzsche*"

Expositor: Oswaldo Giacoia Jr. (UNICAMP)

19h30 - 22h30: Mesa-redonda comemorativa

Expositores:

Cinthia Alves Falchi (UNESP/Marília)

Eloisa Benvenutti (USP)

Hélio Alexandre da Silva (UESB)

João Antonio de Moraes (UNICAMP)

Márcio Tadeu Girotti (UFSCAR)

RESUMOS DAS CONFERÊNCIAS E MINICURSOS

Conferência: *Filosofia Clínica: Métodos e questionamentos*

Expositora: Monica Aiub da Costa (Mackenzie)

A passagem do século XX para o século XXI é marcada por mudanças significativas em nossas formas de existência. Muitas de nossas questões existenciais, educacionais, sociais e políticas passam a ser tratadas nos consultórios médicos, com prescrição de medicamentos. A depressão é anunciada como a “doença do século XXI”. Altos investimentos em pesquisas sobre o cérebro são feitos na tentativa de encontrar medicamentos para as dores da existência e para os problemas sociais. Qual o papel da filosofia neste contexto? Observando que “a medicina possui instrumentos para tratar as doenças, mas não para nos auxiliar a lidar com o sofrimento” advindo das limitações e das dores do existir, o brasileiro Lúcio Packter, na década de 1990, inspirado no movimento iniciado por Achembach – denominado Filosofia Prática e inaugurado na Alemanha, na década de 80 –, desenvolve uma metodologia própria, cujo objetivo é utilizar os métodos filosóficos para nos auxiliar com as questões existenciais. Alguns questionamentos imediatamente surgem: Por que filosofia? Por que clínica? Pode a filosofia ser terapêutica? De que maneira os métodos filosóficos podem nos auxiliar na condução de nossas questões cotidianas? A filosofia, ao tornar-se clínica, perderia sua característica reflexiva? A formação em filosofia possibilita uma abordagem terapêutica? Haveria riscos, advindos da formação filosófica, para o exercício da filosofia clínica? Como selecionar, entre tantos e diferentes métodos, quais os mais adequados para abordar as questões? A conferência “Filosofia Clínica: Métodos e questionamentos” apresentará a metodologia da Filosofia Clínica em seus limites e possibilidades, discutindo alguns dos questionamentos feitos à prática dos filósofos clínicos.

Conferência: *Pesquisa científica, inovação tecnológica, e os interesses da justiça social, participação democrática e sustentabilidade*

Expositor: Hugh Lacey (Baltimore College/USP)

Nas décadas recentes, aumentaram as pressões para dar prioridade à pesquisa científica que visa gerar inovações tecnocientíficas que prometam contribuir ao fortalecimento do crescimento econômico; e os resultados dessa pesquisa frequentemente não servem bem os interesses que incorporam os valores da justiça social, participação democrática e sustentabilidade. Nesta conferência, quero abrir uma outra perspectiva acerca do potencial da pesquisa científica – por meio de refletir sobre a pergunta: “Como deve ser conduzida a pesquisa científica (e por quem), com quais prioridades e utilizando quais metodologias (estratégias da pesquisa), e como deve ser utilizado o conhecimento científico e as tecnologias desenvolvidas e administradas, de modo a assegurar que os direitos, o bem-estar, e as condições para a participação construtiva numa sociedade democrática sejam fortalecidos para todo o mundo em todo lugar, e que a natureza seja

respeitada, que seus poderes regenerativos não sejam mais solapados e restaurados sempre que possível?"

Minicurso: *As bases filosóficas do pensamento oriental*

Expositor: Antonio Florentino Neto (UEL)

O pensamento filosófico oriental é tão vasto e diverso quanto à tradição filosófica ocidental, mas alguns elementos das duas tradições podem ser considerados as referências fundamentais que nortearam algumas importantes vertentes destas duas tradições. Na história da filosofia oriental encontramos alguns “conceitos” que fundam e fundamentam algumas de suas principais correntes, tais como o princípio de co-originação dependente e vacuidade em Nāgārjuna e wu wei e wu wo no taoísmo de Laozi e Zhuangzi. Essas duas vertentes orientais e seus “conceitos” principais são as bases do Budismo Māhāyana que surge e se constitui como a principal vertente antimetafísica e anti-substancialista da filosofia oriental. O caráter antimetafísico do Budismo Māhāyana permite uma instigante comparação e confronto com alguns elementos fundamentais da origem da metafísica ocidental, principalmente com o conceito de substância em Aristóteles e suas pressuposições lógicas.

Referências:

FLORENTINO NETO, A. (Org.) ; GIACOIA Jr., O. (Org.). Budismo e Filosofia em Diálogo. 1. ed. Campinas - SP: Editora PHI, 2014, 342p. (ISBN: 978-85-66045-17-8).

FLORENTINO NETO, A. (Org.) ; GIACOIA Jr., O. (Org.) . O Nada absoluto e a superação do niilismo: Os fundamentos filosóficos da Escola de Kyoto. 1. ed. Campinas: Editora Phi, 2013. v. 1. 256p. (ISBN: 978-85-66045-07-9)

FLORENTINO NETO, A. (Org.) ; GIACOIA JR., O. (Org.) . Heidegger e o Pensamento Oriental. 1. ed. Uberlândia: EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2012, 248p. (ISBN: 978-85-7078-304-2)

LOPARIC, Z. (Org.). A Escola de Kyoto e o perigo da Técnica, 1. ed. São Paulo, DWW, 2009, 246 p. (ISBN: 978-85-62487-00-2)

Conferência: *A formação da filosofia universitária no Brasil*

Expositor: Marcelo de Carvalho (ANPOF/UNIFESP)

A Filosofia passa por um momento bastante singular no Brasil hoje, marcado por uma forte ampliação de sua presença, desde a Educação Básica até a Pós-Graduação. A compreensão deste novo contexto pressupõe uma revisão do percurso do ensino da filosofia desde meados do século XX. A compreensão deste percurso explicitará também as questões relevantes que se colocam hoje em nossa pauta de debates.

Conferência: *Filosofia e universidade na mudança de modelo de sociedade no Brasil*

Expositor: Marcos Nobre (UNICAMP)

A fórmula “pensar o país” parece apelar para algo conhecido e familiar, mas pertencente ao passado, marca de um “país” que já não existe. Uma arena de debate como essa parece à primeira vista ter desaparecido sob o peso seja do discurso acadêmico especializado, seja da luta política-partidária direta em condições democráticas. E, no entanto, há muitos indícios e indicações de que princípios normativos substantivos decantaram no debate público como demarcadores de uma arena de disputa que se assemelha ao que se costuma chamar de “pensar o país”. A dificuldade de explicitar as balizas normativas já presentes de maneira implícita nessa arena está ligada a três fatores concomitantes: ao longo declínio do modelo de sociedade nacional-desenvolvimentista; aos padrões estabelecidos pela tradição intelectual do pensamento social brasileiro; e ao desenvolvimento da universidade nas últimas décadas. Tentar explicitar a arena de debate “pensar o país” exige que esses três elementos sejam apresentados e examinados em suas conexões internas, de maneira a abrir o terreno para que o problema possa ser formulado em um novo patamar. O objetivo primordial da intervenção proposta é tentar apresentar os termos desse problema.

Minicurso: *A tragédia como problema filosófico em Nietzsche*

Expositor: Oswaldo Giacoia Jr. (UNICAMP)

Tomando como ponto de partida a primeira obra publicada por Nietzsche: *O Nascimento da Tragédia*, o mini curso explicitará o conceito de trágico na fase inicial da trajetória filosófica de Nietzsche e, em seguida, mostrará como os problemas nucleares que estão envolvidos nesse conceito, como por exemplo, a relação entre arte, ciência e metafísica, acompanham todo o desenvolvimento do pensamento do filósofo, até sua obra de maturidade.

**PROGRAMAÇÃO DAS SESSÕES DE
COMUNICAÇÃO**

18 de maio - Segunda-feira

9h - 12h: Sessão de Comunicação

Fenomenologia: Merleau-Ponty, Husserl e suas ressonâncias

Moderador: Eloisa Benvenutti

Local: Anfiteatro I

A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL

OLIVEIRA, Maria Luiza Alves de. Universidade Federal do Pará (UFPA).

SUBJETIVIDADE E MUNDO VIRTUAL: UMA DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA A PARTIR DE MERLEAU-PONTY

COSTA, Jerlan dos Santos. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

A FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY REVELADA NA VIDA E OBRA DE CÉZANNE

COSTA, Sâmara Araújo. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A TEORIA DO AGIR COMUNICATIVO DE JÜRGEN HABERMAS A PARTIR DO CONCEITO DE MUNDO DA VIDA (LEBENSWELT) DE EDMUND HUSSERL

RAYOL, Ana Caroline Tavares. Universidade Federal do Pará (UFPA).

Idealismo e Filosofia Crítica

Moderador: Lucas França

Local: Sala 64

A HISTÓRIA FILOSÓFICA DA HUMANIDADE EM KANT

COELHO, Márcio Bruno Leal. Universidade Federal do Pará (UFPA)

CONDIÇÕES E POSSIBILIDADES DA TRANSMISSÃO DA FILOSOFIA SEGUNDO KANT: O QUE É E COMO APRENDER FILOSOFIA

SILVA, Camila da Cruz. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

A IMPORTÂNCIA DO IMPERATIVO CATEGÓRICO NA FUNDAMENTAÇÃO DA METAFISICA DOS COSTUMES DE KANT

SOUSA, Albert Matos de. Universidade Federal do Pará (UFPA).

DIALÉTICA E RAZÃO NO PENSAMENTO DE HEGEL

SALVIO, Thiago de Souza. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

A FENOMENOLOGIA DO CONCEITO NA DIALÉTICA DA CONSCIÊNCIA COMUM

SILVA, Guilherme Diniz da. Faculdade de São Bento (FSB)

A GUERRA EM HEGEL

FACIROLI, Carlos Eduardo Nogueira. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

14h - Sessão de Comunicação

Filosofia e Saúde

Moderador: Amanda Veloso Garcia

Local: Anfiteatro I

UMA REFLEXÃO SOBRE A CONCEPÇÃO FRAGMENTADA DE SAÚDE À LUZ DA TEORIA DA COMPLEXIDADE

CUNHA, Wirley Quaresma da. Universidade Federal do Pará (UFPA).

FILOSOFIA PARA PENSAR POLÍTICA E POLÍTICA SEM FILOSOFIA: PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ÉTICA E MORAL NA PRODUÇÃO DO CONCEITO DE SAÚDE

SIQUEIRA, Kassia de Oliveira Martins. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

A TRANSDISCIPLINARIDADE E SEU PAPEL

SILVA, Carlos Henrique Lemes da. Universidade Estadual Paulista (FCLAr - UNESP).

POR QUE MELHORAR? QUESTIONAMENTOS ACERCA DA IDEIA DE "MELHORAMENTO HUMANO"

GUIOMARINO, Hailton Felipe. Universidade Federal do Pará (UFPA).

A TERAPÊUTICA DE DOUTOR FREUD: QUAIS AS POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE MEDICINA E PSICANÁLISE?

COELHO, Rafael Teruel. Universidade Estadual Paulista (UNESP-Marília)

O CORPO SEM ÓRGÃOS E O DESEJO: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA PSICOLOGIA CRÍTICA

GORJON, Melina Garcia. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis).

Descartes e a Filosofia Moderna

Moderador: Rafael Teruel Coelho

Local: Sala 64

A MORAL PROVISÓRIA NA FILOSOFIA CARTESIANA

CAMPOS, Débora. Universidade Federal do Pará (UFPA).

A TEORIA DO CONHECIMENTO DE DAVID HUME CONTRAPONDO COM A DE RENÉ DESCARTES

MOURA, Eva Klilvia Vasconcelos. Universidade do Estado Do Amapá (UEAP).

PAIXÕES E MORAL NA OBRA "AS PAIXÕES DA ALMA" DE RENÉ DESCARTES

SOUZA, Felini de. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O INATISMO CARTESIANO E A CRÍTICA DE JOHN LOCKE

LARÊDO, David Alípio dos Santos. Universidade Federal do Pará (UFPA).

CONTRAPOSIÇÕES AO INATISMO CARTESIANO: OS POSICIONAMENTOS DE LOCKE E HUME

MATOS, Diogo Luiz Souza de. Universidade do Estado do Amapá (UEAP).

Filosofia Antiga: Platão

Moderador: Pedro Bravo de Souza

Local: Sala 71 (sujeito a alteração)

AS DOCTRINAS NÃO-ESCRITAS E O FILEBO: UMA RELEITURA DA METAFÍSICA DO BEM DE PLATÃO

BARROS, Leander Alfredo da Silva. Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ)..

O ESCRITOR DA VERDADE NO "FEDRO" DE PLATÃO

BELATTO, Michelle. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

PLATÃO E A DESCOBERTA DO EU

FREITAS, Bárbara de Abreu. Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ).

O PROBLEMA DA PROPRIEDADE DOS NOMES A PARTIR DO CRÁTILO DE PLATÃO

RODRIGUES, Yuri de Lima. Universidade Federal do Ceará (UFC).

A SIMETRIA ENTRE A ALMA E A CIDADE EM PLATÃO

DANSIGER NETO, Germano Aparecido. Universidade Federal da Bahia (UFBA).

ANÁLISE COMPARATIVA DAS IDEIAS POLÍTICAS E DOS PROJETOS CULTURAIS DE PLATÃO E JOSÉ MUJICA

AVANÇO, Leonardo Dias. Universidade Metropolitana de Santos.

16h - Sessão de Comunicação

Sartre e Filosofia da Psicologia

Moderador: Leonardo Poletto

Local: Anfiteatro I

ANÁLISE DOS CONCEITOS DE IMAGINAÇÃO, CONSCIÊNCIA E BELO NA OBRA O IMAGINÁRIO DE JEAN PAUL SARTRE

TOALIARI, Juliana. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

OS DADOS ESTÃO LANÇADOS: A ESCRITA INTENCIONAL EM SARTRE

FERNANDES, Lailson André; LIMA, Paulo Willame Araujo de. Universidade Estadual do Ceará (UECE).

DA INJUSTIFICABILIDADE À RECUSA DA ANGÚSTIA: O CONCEITO DE MÁ-FÉ

SANTOS, Diemmenon Miguel Maria dos. Universidade do Estado do Pará (UEPA).

EXAME CRÍTICO DA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE IMAGEM NAS TRADIÇÕES METAFÍSICAS E PSICOLÓGICAS

MORGADO, João Pedro. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília)

O PRIMÁRIO NO EVOLUÍDO: SOBRE O RASTRO DA VIOLÊNCIA NA VIDA CIVILIZADA

QUEIROZ, Paulo Sérgio de. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Pensar a Escola e a Universidade

Moderador: Éliton Dias da Silva

Local: Sala 64

FÉ E RAZÃO NA UNIVERSIDADE

SILVA, Wellington Aparecido. FAEF/Marília.

ORTEGA Y GASSET: UNIVERSIDADE E CIÊNCIA

TOMAZ, Mauro Sérgio de Carvalho; CARVALHO, José Maurício. Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

ESQUIZOANÁLISE E TEORIA DA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

NASCIMENTO, Paulo Henrique Costa. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA DA FILOSOFIA NO BRASIL E EMANCIPAÇÃO HUMANA PELA FILOSOFIA CRÍTICA

NETO, Manoel Alves de Araujo. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

MÉTODOS EDUCACIONAIS E SUAS CRISES NAS ESCOLAS BRASILEIRAS E AMERICANAS

MOURA, Izabela Cristina de Carvalho. Universidade Federal de Goiás (UFG).

Metafísica: de Tales à Heidegger

Moderador: Elói Maia

Local: Sala 71 (sujeito a alteração)

A SUBSTÂNCIA DE SPINOZA

JARES, Mayara Karoline Leite. Universidade Federal do Pará (UFPA).

O INTELLECTO NA METAFÍSICA DE IBN SINA (AVICENA)

BATISTA, Ana Paula. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

HEIDEGGER: UMA PROVOCAÇÃO AO PENSAMENTO

PLEBANI, Anderson Kaue. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DO INFINITO E A SUA RELAÇÃO COM O ETERNO E AS COISAS ETERNAS NA METAFÍSICA DE ARISTÓTELES

SOUZA, Igor Ismars de. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

A RELAÇÃO HOMEM, MUNDO: O COGITO E O DASEIN COMO MODOS ANTAGÔNICOS DE COMPREENDER ESSA RELAÇÃO

FERREIRA, André Prock. Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

CONSIDERAÇÕES NIETZSCHEANAS SOBRE O PERCURSO DA INTUIÇÃO DE TALES A HERÁCLITO

GAZOLA, Iago Orlandi. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

19 de maio – Terça-feira

8h-10h – Sessões de Comunicação

Gênero, Corpo e Sexualidade

Moderador: Amanda Veloso Garcia

Local: Anfiteatro I

SER MULHER: REFLEXÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO DAS CATEGORIAS DE GÊNERO À LUZ DA OBRA *PROBLEMAS DE GÊNERO: FEMINISMO E SUBVERSÃO DE IDENTIDADE* DE JUDITH BUTLER

CABEÇA, Juliana Torres. Universidade Federal do Pará (UFPA).

PARA ALÉM DOS MUROS DO CONVENTO: MULHERES E TRAJETÓRIAS DE VIDAS EM UMA ETNOGRAFIA COM FREIRAS

PIRES, Joyce Aparecida. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

MERLEAU-PONTY E A QUESTÃO DA SEXUALIDADE: ESPECULAÇÕES FILOSÓFICAS ENTRE AS CLASSIFICAÇÕES INTERNACIONAIS DE DOENÇAS MENTAIS (CID E DSM) E OS CONCEITOS DE “NORMAL” E “PATOLÓGICO” PRESENTES NOS DISCURSOS MÉDICOS

WARMLING, Diego Luiz. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)..

INTERSECÇÕES ENTRE FILOSOFIA E ANTROPOLOGIA: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE CONTEMPORANEIDADE EM GIORGIO AGAMBEN, CLAUDIA FONSECA E LÚCIA ARRAES MORALES

SANTOS, Heder Junior dos. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

“BIXA, DENUNCIA ESSE OCÓ!” UMA DISCUSSÃO SOBRE O USO DA LEI ANTI-HOMOFOBIA COMO INSTRUMENTO DA MORAL NOBRE EM NIETZSCHE

RIBEIRO, Jose Fernando Rosa. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Filosofia da Ciência e da Tecnologia

Moderador: Mariana Vitti

Local: Sala 64

A POSSIBILIDADE DE UMA CIÊNCIA EMPÍRICA: UMA ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE KANT E POPPER

GOMES, Paulo Uiris da Silva. Universidade Federal do Pará (UFPA).

HOMEM: NATUREZA E TECNOLOGIA

REIS, Rachel Ferreira dos; MELO, Máximo Gustavo Rodríguez de. Universidade Federal do Pará (UFPA).

DESMISTIFICANDO A IMAGEM POPULAR DA CIÊNCIA: INDUTIVISMO VERSUS FALIBILISMO

SILVA, Adam Augusto Silva e. Universidade Federal do Pará (UFPA).

UMA ANÁLISE ESPECULATIVA ENTRE A PROPOSTA DE CIÊNCIA DE PAUL FEYERABEND E A TEORIA DA COMPLEXIDADE DE EDGAR MORIN

VALENTE, Alan Rafael. Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).

O FALSIFICACIONISMO POPPERIANO

VALE FILHO, José Pereira do. Universidade Federal do Pará (UFPA).

10h – Sessões de Comunicação

Subjetividade, Virtualidade, e Diferença

Moderador: Vinicius Sene

Local: Anfiteatro I

RESSENTIMENTO E O DESEJO SUBJUGADO

CARVALHO, Felipe Fernandes Fagundes de. Universidade de São Paulo (USP).

SUBJETIVIDADE E MUNDO VIRTUAL: UMA DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA A PARTIR DE MERLEAU-PONTY

COSTA, Jerlan dos Santos. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

A (NOVA) BARBÁRIE SOCIAL DELIMITADA PELA PRÁTICA DO NARCISISMO CONTEMPORÂNEO

COELHO, Rebeca Míriam Siqueira. Universidade Federal do Pará (UFPA).

VIGIAR E PUNIR: PANOPTISMO INFORMACIONAL NOS ANOS 2000?

FREITAS, Felipe Sampaio de. Universidade Federal do Pará (UFPA).

A TRAMA ACABADA DO NIILISMO: NIETZSCHE OU DOSTOIÉVSKI?

MORAES, Rodrigo Juventino Bastos de. Universidade de São Paulo (USP).

Sócrates e a(s) Sofística(s)

Moderador: Augusto Rodrigues

Local: Sala 64

RELAÇÃO ENTRE SÓCRATES E A SOFÍSTICA POR MEIO DE UMA ANÁLISE DA RETÓRICA GORGIANA E PROTÁGORICA

FARIA, Aline Apipe de. Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ).

SÓCRATES E OS PARADOXOS DO ENSINO DA FILOSOFIA

FERREIRA, Rafael de Melo. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

O ELENKHOS EM APOLOGIA 21b-22a

FITIPALDI, Danilo. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

UMA POSSÍVEL RELAÇÃO ENTRE O DISCURSO SOFÍSTICO E O DISCURSO DAS PROPAGANDAS PUBLICITÁRIAS: UMA FORMA DE INDUÇÃO E MANIPULAÇÃO

SANTO, Deborah Gadelha; ALVES, Leon Victor Fernandes; FILHO, Paulo Cesar Franco da Cunha; Espírito. Universidade Federal do Pará (UFPA).

O APORTE SOFÍSTICO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

SOUZA, Franciele Vaz de. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília)

14h - 16h - Sessões de Comunicação***Filosofia do Ensino da Filosofia***

Moderador: Tiago Brentam Perencini

Local: Anfiteatro I

DAS PRATELEIRAS EMPOEIRADAS AO PRESENTE: NOTAS SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA NO BRASIL

RODRIGUES, Augusto. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

FILOSOFANDO COM AS CRIANÇAS FORA DA SALA DE AULA

SANTOS, Heriberto Gregorio dos; COSTA, Jerlan. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E O ENSINO DE FILOSOFIA

ALBUQUERQUE, João Victor. Universidade Federal de Goiás (UFG).

PIBID: UMA ATIVIDADE REFLEXIVA DE ENSINO E APRENDIZAGEM

LIMA, Paulo Willame Araújo de. Universidade Estadual do Ceará (UECE)

ENSINO DE FILOSOFIA E COMUNICAÇÃO: EDUCOMUNICAÇÃO UMA NOVA PROPOSTA METODOLÓGICA?

OLIVEIRA, Carlos Augusto Gouvêa de. Universidade Federal do Pará (UFPA).

Filosofia Ecológica e Filosofia da Mente

Moderador: Franciele Leal

Local: Sala 64

MÁQUINAS PODEM PENSAR? UMA BREVE INTRODUÇÃO

BACHINSKI, Nara Ebres. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

ANTIMATERIALISMO E TEORIA DA IDENTIDADE: O ARGUMENTO DE KRIPKE CONTRA A IDENTIDADE ENTRE ESTADOS MENTAIS E ESTADOS CEREBRAIS

SILVA, Patrick dos Santos. Universidade Federal do Pará (UFPA).

INFORMAÇÃO E AÇÃO: INVESTIGAÇÕES ACERCA DO PAPEL DA INFORMAÇÃO NO DIRECIONAMENTO DA AÇÃO DE ORGANISMOS, NO ÂMBITO DA FILOSOFIA ECOLÓGICA.

CARVALHO, Jéssica Lopes. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

UMA ABORDAGEM ECOSSISTÊMICA INFORMACIONAL SOBRE A ORIGEM DO CONHECIMENTO

OEIRAS JUNIOR, Elias Freitas de. Universidade Federal do Pará (UFPA)

MANIFESTAÇÃO DE VONTADE

SOUSA, Sam Alves. Universidade Federal do Pará (UFPA).

Filosofia Moderna: de Descartes à Kant

Moderador: Lucas França

Local: Sala 71

UMA COMPREENSÃO DE VERDADE E RAZÃO EM DESCARTES E KANT

SANTOS, Inês Ferreira; ALVES, Carlos Danilo dos Santos. Universidade Federal do Recôncavo Bahiano (UFRB).

BACON E DESCARTES, CIÊNCIA MODERNA E INTERDISCIPLINARIDADE: IMPLICAÇÕES ATUAIS

VEIGA, Dean Fabio Gomes. Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

CONTRAPROPOSTA A TEORIA DE DESCARTES, MEDIANTE ABORDAGEM SOBRE O PENSAMENTO EMPÍRICO DE LOCKE E HUME

GRAÇA, Aline Vanessa Brito da. Universidade do Estado do Amapá (UEAP).

"DEUS SIVE NATURA": CONSIDERAÇÕES SOBRE A SUBSTÂNCIA EM ESPINOSA

CONSTANTINO, Ethannyn Mylena Moura Lima; LIMA, Ezion Moura. Universidade Federal de Goiás (UFG).

MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE: A CONSTRUÇÃO IMAGINÁRIA DA IDENTIDADE PESSOAL NA FILOSOFIA HUMEANA

HOLLANDA, Leandro. Universidade de São Paulo (USP).

ESPINOSA ERA PANTEÍSTA?

PEREIRA, Renato de Oliveira. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

16h - Sessões de Comunicação

Filosofia, Direito e História

Moderador: Silvana Colombo

Local: Anfiteatro I

O POTENCIAL EMANCIPATÓRIO DO DIREITO LIBERAL NA OBRA DE FRANZ NEUMANN

SANTOS, Alan Ferreira dos. Universidade Federal do ABC (UFABC).

PERSPECTIVA DOS *PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA DO DIREITO* DE HEGEL

LIMA, Cristiane Moreira de. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

NOTAS SOBRE A CRÍTICA MARXISTA DO DIREITO DE PIOTR STUTCHK

FARIAS, João Guilherme Alvares de. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

O JUÍZO REFLEXIVO DO TRABALHO NA SOCIEDADE CIVIL-BURGUESA EM HEGEL

ARAMOR, Marlon Henrique. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

PSEUDO-REFORMA NO SISTEMA PENAL OCIDENTAL: A NOVA FACE DO MODELO ESCOLÁSTICO

SANTOS, Jean Holanda. Universidade Federal do Pará (UFPA).

HEGEL: A PAIXÃO, A RAZÃO E OS INDIVÍDUOS - A TRÍADE DA HISTÓRIA

NERI, Diego Calassa. Universidade Federal de Goiás (UFG).

Filosofia e Educação

Moderador: Éliton Dias da Silva

Local: Sala 64

MULTIPLICAÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO: SUBVERSÃO DA ORDEM SAGRADA NO REINO DO INTELLECTO

XAVIER, Tiago. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

FILOSOFIA DA PRÁXIS: CONSIDERAÇÕES DE PESQUISA NO ENSINO MÉDIO

CORRÊA, Patrícia Aurora. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

UMA CRÍTICA COMPORTAMENTALISTA AS METODOLOGIAS DE ENSINO TRADICIONAIS

MOREIRA, Karla. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

PARA UMA AÇÃO POLÍTICA E TEÓRICA NA ABORDAGEM DA PEDAGOGIA DA AUTONOMIA

SILVA, Pedro Henrique Ciucci da. Pontífica Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

20 de maio - Quarta-feira

8h - 10h – Sessões de Comunicação

Amor e Filosofia

Moderador: Nathália Pantaleão

Local: Anfiteatro I

AMOR E BELEZA NO ELOGIO DE FEDRO NO *BANQUETE*

LACERDA, Márjore Mariana Lima. Universidade Federal do Pará (UFPA).

A ORIGEM DO AMOR MUNDI: A BASE AGOSTINIANA DO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT SOBRE O AMOR

SANCHES, Elissa Gabriela Fernandes. Universidade do Sul de Santa Catarina-Faculdade Nazarena do Brasil.

DOS PRINCÍPIOS ANTERIORES À RAZÃO: AMOR DE SI E PIEDADE NO HOMEM NATURAL DE ROUSSEAU

MILANI, Johnatas Ximenes. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

AMOR E ÓDIO EM ESPINOSA, E OS MODOS PELOS QUAIS SE EXPRIMEM

NASCIMENTO, Rodrigo Trindade. Universidade Federal do Pará (UFPA).

SÓCRATES, ALCIBÍADES E A NATUREZA DO AMOR

MOREIRA, Ana Alessandra Gomes. Universidade Federal do Pará (UFPA)

Filosofia Política

Moderador: Renato Oliveira Pereira

Local: Sala 64

ESPINOSA E HEGEL: DA ESTRUTURAÇÃO DO ESTADO À LEGITIMAÇÃO DO PODER SOBERANO

CRUZ, Nayara Sandrin da. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

O MAL DO ALIENISMO POLÍTICA SOBRE O OLHAR DE HANNAH ARENDT

RENTE, Karoline de Araujo. Universidade Estadual de Londrina (UEL).

AS BASES FILOSÓFICAS DO MÉTODO DE KARL MARX: UMA INTRODUÇÃO

OLIVEIRA, Eder Renato de. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília)

HANNAH ARENDT E KANT: RELAÇÕES ENTRE A MENORIDADE KANTIANA E A BANALIDADE DO MAL

MILITÃO, Sandro Eduardo Gaia. Universidade Federal do Pará (UFPA).

A CATEGORIA DA SUBSTÂNCIA EM GYÖRGY LUKÁCS

ALCANTARA, Rafael dos Santos. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

Filosofia e Ciências

Moderador: Edilene de Souza Leite

Local: Sala 71 (sujeito a alteração)

A POTÊNCIA VITAL E SUAS DIREÇÕES EM BERGSON

GHIRALDELLI, Paulo Francisco Martins. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília)

CONCEITO DE MATÉRIA EM BERTRAND RUSSELL

CARVALHO, Jobson Gonçalves de. Universidade Federal do Pará (UFPA).

CONCEPÇÕES MODERNAS DE ESPAÇO E TEMPO

NASCIMENTO, Matheus Colares do. Universidade Federal do Pará (UFPA).

DESCARTES E BACON: SOBRE O MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO DA NATUREZA

FERREIRA, Kailani A. P. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

RAÍZES DA VIRADA LINGÜÍSTICA: ENTRE MILL E FREGE

MAGALHÃES, Marcelo Marconato. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

10h - 12h - Sessões de Comunicação

Filosofia Moderna: Schopenhauer

Moderador: Pedro Bravo de Souza

Local: Sala 71 (sujeito a alteração)

A MÚSICA COMO ESSÊNCIA DO MUNDO: UM ENCONTRO ENTRE SCHOPENHAUER E LUIZ GONZAGA

LIMA, Antônio Ismael da Silva. Universidade Federal do Cariri (UFCA).

O CONCEITO DE SABEDORIA TRÁGICA EM SCHOPENHAUER E EM NIETZSCHE

MAIA, Leila Maria Neves. Universidade Federal do Pará (UFPA)

DISPOSIÇÕES INICIAIS PARA UMA ÉTICA EM SCHOPENHAUER NO MUNDO ENQUANTO VONTADE

SILVA, Sergio William Damasceno da. Universidade do Estado do Pará (UEPA)

ÉTICA: A NEGAÇÃO DA VONTADE

SOUZA, Jéssyca Brenda Barradas de. Universidade Federal do Pará (UFPA)

Ética Aristotélica

Moderador: Amanda Veloso Garcia

Local: Sala 71 (sujeito a alteração)

O CONCEITO DE VIRTUDE NO PENSAMENTO DE ARISTÓTELES

BEZERRA, Marco Antonio Correa. Universidade Federal do Pará (UFPA).

A CONQUISTA DA CONSCIÊNCIA ADVINDO DO SURGIMENTO DA ÉTICA

LISBOA, Wallacy Ancelmo. Universidade do Estado do Pará (UEPA).

A CONCEPÇÃO DE PHRONESIS NA ÉTICA A NICÔMACO DE ARISTÓTELES

SANTOS, Gabriela Esther Nascimento dos. Universidade Federal do Pará (UFPA).

ASPECTOS DA ÉTICA ARISTOTÉLICA E O CONCEITO DE EUDAIMONIA

SOUZA, Lays Alvarez de. Universidade Federal do Pará (UFPA).

21 de maio – Quinta-feira

9h30 – Sessões de Comunicação VI

Filosofia, História e Contemporaneidade

Moderador: Jonas Rangel de Almeida

Local: Anfiteatro I

**REPENSAR O IMPERIALISMO ATRAVÉS DOS CLÁSSICOS:
PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS DO COLONIALISMO MODERNO**

SAMPAIO, Thiago Henrique. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis).

**A COMUNIDADE ANTRÓPICA: O FORA DA OIKONOMIA, O DENTRO DA
HOSPITALIDADE E A FALÊNCIA DO PARQUE HUMANO**

MENDES, Ramon Guillermo. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

**BELICIDADE, NÃO-BELICIDADE E FALSA BELICIDADE NO
PENSAMENTO DE HERÁCLITO DE ÉFESO**

LUIZ, Felipe. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

**AVALIAÇÃO DA ÉTICA NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI NA
PERSPECTIVA DE ADOLFO SANCHEZ VAZQUEZ.**

LIMA, Vitor de. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Franca)

SILÊNCIO E HISTÓRIA

MALDONADO, Luccas Eduardo Castilho. Universidade de São Paulo (USP).

Lógica, Filosofia da Linguagem e Metafísica Analítica

Moderador: Iraceles Ishii

Local: Sala 64

**REALISMO MODAL: O PRINCÍPIO METAFÍSICO DOS MUNDOS EM
LEWIS**

SOUZA, Marcos Aurelio da Costa. (UFRRJ)

**AS ANÁLISES SOBRE O TEMPO DE RAMSEY E SUA RESPOSTA AO
PARADOXO DE MCTAGGART**

FARIA, Adegmar Gomes de. Universidade Federal de Goiás (UFG).

OS UNIVERSAIS FANTÁSTICOS E A AUTO-ORGANIZAÇÃO

SQUIVEL, Raquel de Andrade. Universidade Federal do Pará (UFPA).

AS IDEIAS ABSTRATAS EM BERKELEY

ALVES, Carlos Danilo dos Santos; SANTOS, Inês Ferreira. Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia (UFRB).

**A QUESTÃO ACERCA DA JUSTEZA DOS NOMES NO CRÁTILO DE
PLATÃO**

GOMES, Robson Farias. Universidade Federal do Pará (UFPA).

**PEDRO ABELARDO E O NOMINALISMO E REALISMO PRESENTE EM
SUA OBRA LÓGICA PARA PRINCIPIANTES**

POLETTI, Leonardo Queiroz Assis. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Filho (UNESP).

Filosofia da arte: Música, Literatura, Teatro e Cinema

Moderador: Héder Santos

Local: Anfiteatro I

LITERATURA E SEU PAPEL TRANSFORMADOR: UMA REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO DO HOMEM E CLARICE LISPECTOR

BELFANTE, Maria Caroline. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

AS BASES FILOSÓFICAS DA TEORIA DA LITERATURA

SILVA, Cássio Vasconcelos e. Universidade Federal do Ceará (UFC).

A MÚSICA COMO ESSÊNCIA DO MUNDO: UM ENCONTRO ENTRE SCHOPENHAUER E LUIZ GONZAGA

LIMA, Antônio Ismael da Silva. Universidade Federal do Cariri (UFCA).

SARTRE: O CONFRONTO DE IDEOLOGIAS ENTRE O HOMEM E DEUS NA PEÇA AS MOSCAS

GOMES, Ester da Silva. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis).

RAZÃO INSTRUMENTAL NO CINEMA DE FICÇÃO CIENTÍFICA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO

GONÇALVES, Luiz Felipe Xavier. Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

22 de maio - Sexta-feira

9h30 - Sessões de Comunicação

Teoria Crítica e Filosofia Política Contemporânea

Moderador: Vinicius Sene

Local: Anfiteatro I

A CRÍTICA DE DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO AO PROJETO ILUMINISTA

GONDIM, Paula Cristina Padilha. Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

O PODER EDUCATIVO NO PENSAMENTO DE ADORNO

SHIRAKAVA, Rafael da Silva. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

O RISO PERVERSO DA INDÚSTRIA CULTURAL: A DOMINAÇÃO PELO SORRISO

SILVA, Júlia Pereira da. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Franca).

O CONCEITO DE DEMOCRACIA NO PENSAMENTO DE NORBERTO BOBBIO

CRUZ, Guilherme Fernandes da. Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

SOB O VÉU DA IGNORÂNCIA: UMA TEORIA DA JUSTIÇA EM RAWLS

SANTOS, Leandro Rocha dos. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

O ESTADO DE CRIAÇÃO NO ESTADO DE EXCEÇÃO: O CORPO ARTÍSTICO COMO PROTESTO DA VIDA - CONCEPÇÕES DE NIETZSCHE E AGAMBEN

SOUZA, Paulo Roberto Lima de. Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Diálogos entre Filosofia, Religiões e Políticas

Moderador: Danilo Nobre dos Santos

Local: Sala 64

CONCEITO DE PODER PASTORAL EM FOUCAULT E SUA RELAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

SILVA, Tâmmilys Rafaely Soares da. Universidade Federal do Pará (UFPA).

CASTIDADE, POBREZA E OBEDIÊNCIA: UMA EXPERIÊNCIA RADICAL DO CATOLICISMO CONTEMPORÂNEO

RODRIGUES, Anderson da Silva. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

KIERKEGAARD E AS RELAÇÕES ÉTICAS E ESTÉTICAS ENTRE ABRAÃO E AGAMEMNON

ALBUQUERQUE, Gleyce Kelly da Luz. Universidade Federal do Pará (UFPA).

SOCIEDADE DE MASSAS: POTENCIALMENTE APOLÍTICA

COSTA, Nathalia Rodrigues da. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Estética Alemã

Moderador: Héder Santos

Local: Sala 71 (sujeito a alteração)

OBJETIVAÇÃO E EFETIVAÇÃO DO BELO EM SCHILLER

LULLI, Bárbara Ferrario. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

KANT E A POSSIBILIDADE DA ESTÉTICA

REIS, Edson Sá dos. Universidade Estadual do Ceará (UECE).

A CRÍTICA DE NIETZSCHE E ADORNO AOS ESPETÁCULOS DE MASSA

BOTARO, Rafael Wellington. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

A CRÍTICA DE WALTER BENJAMIN A REPRODUÇÃO EM MASSA DA OBRA DE ARTE

SANTOS, Rodrigo Silva. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

O CONCEITO DE AURA NA FILOSOFIA DE WALTER BENJAMIM

SOUZA, Cleiton Silva. Universidade Federal da Bahia (UFBA)

SESSÃO DE PÔSTERES

19 de maio - Terça-feira

17h30 - Sessão de Pôsteres

Moderador: Felipe Gomide

Local: Sala 64

“COM CIÊNCIA”: CONTRIBUIÇÕES À CONSCIENTIZAÇÃO DE ALUNOS E PROFESSORES NO PROCESSO DO ENSINO E APRENDIZAGEM COM O USO DA TECNOLOGIA

PRADO, Cleudete Aparecida Dias do; SANTOS, Polliany Ramos dos. Universidade Sagrado Coração (USC-Bauru).

RELAÇÃO CORPO E ALMA NA FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY

RIBEIRO, Cristiane Santos. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

TEORIA POLÍTICA NOS DOIS TRATADOS SOBRE O GOVERNO DE JOHN LOCKE

OTTONICAR, Flávio Gabriel Capinzaiki. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

XAMANISMO E LÓGICA-MATEMÁTICA, GÖDEL E QUESALID: UM ESTUDO PRELIMINAR SOB O VIÉS DA ANTROPOLOGIA SIMÉTRICA

SOUZA, Pedro Bravo de. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES E PÔSTERES

KIERKEGAARD E AS RELAÇÕES ÉTICAS E ESTÉTICAS ENTRE ABRAÃO E AGAMEMNON

ALBUQUERQUE, Gleyce Kelly da Luz. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientador: Prof. Me. José Edison Ferreira. E-mail: metal.finlandia@gmail.com

O presente trabalho possui como objetivo a análise das relações encontradas no personagem bíblico Abraão, cuja crítica ao mesmo, feita pelo Filósofo Søren Kierkegaard se encontra explícita em sua obra “Temor e Tremor” (1843) que foi publicada sob o pseudônimo de Johannes de Silentio, e Agamemnon, um Herói trágico Grego que, assim como Abraão, obteve a ordem de sacrificar a vida de alguém querido para obtenção de triunfo. O contraste da questão do homem ético em “Temor e Tremor” se dará em Abraão através da religiosidade presente na questão do crer sem precisar de provas para isso. Para contraponto, em Agamemnon, a ética se dará através do pensamento em benefício de toda uma população. Por último, ao se tratar das questões estéticas, o estudo se dará através da poética contida em ambas as tramas.

Palavras-chave: Ética. Estética. Religião.

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E O ENSINO DE FILOSOFIA

ALBUQUERQUE, João Victor. Universidade Federal de Goiás (UFG). Orientador: Prof. Me. Silvio Carlos Marinho Ribeiro. Bolsista do PIBID/CNPq. E-mail: joao.victorcbjr@hotmail.com

No ano de 2015, trabalhamos com pesquisas e estudos sobre metodologias que visavam pensar um problema didático primordial: como estabelecer um processo de ensino e aprendizagem que mobilizasse os alunos do ensino médio? Tendo como objetivo o desenvolvimento de aulas interessantes e produtivas, o filósofo da educação, Silvio Gallo, em diversos artigos, elaborou uma proposta que pretende tornar as aulas interessantes e verdadeiramente filosóficas. Tendo como ponto de partida a proposta do Silvio Gallo, o principal objetivo do presente trabalho foi refletir sobre o uso das histórias em quadrinhos (HQs), como um meio de sensibilização para o processo de ensino e aprendizagem de conteúdos filosóficos em turmas de ensino médio, e aplicar a teoria à prática em atividades em sala de aula da escola parceira a qual o projeto PIBID realiza a suas atividades.

Palavras-chave: Ensino. Histórias em quadrinhos. Aprendizagem.

A CATEGORIA DA SUBSTÂNCIA EM GYÖRGY LUKÁCS

ALCANTARA, Rafael dos Santos. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Orientadora: Prof.^a Dr.^a Angélica Lovatto. E-mail: rafaelsalcantara@gmail.com

Esta pesquisa se inscreve no campo da ontologia e teoria política cujo tem a pretensão de discutir uma sistematização que explique diversos fenômenos sociais. Sendo assim, será discutido como a teoria de György Lukács, assentada sobre o edifício teórico desenvolvido por Karl Marx, contribuiu para explicar a alienação do homem, sobretudo na era do capitalismo. Portanto, seguindo os escritos da obra “Para uma Ontologia do ser social”, o objeto estudado será a centralidade da categoria trabalho na ontologia do ser social. Para iniciar, a pergunta a ser feita é: por que o trabalho tem um estatuto de centralidade para o ser social? Isso porque, o trabalho tem uma natureza ontológica transitória. Ela é em sua natureza uma inter-relação entre homem em sociedade e natureza, de maneira que organiza a separação do ser puramente biológico do ser social. Nessa direção, todas as determinações presentes na essência do ser social estão contidas, de maneira embrionária, no trabalho. Portanto, o trabalho pode ser visto como fenômeno originário de todas as demais formas de sociabilidade (linguagem, primeira forma de divisão do trabalho e etc), ou seja, o que Lukács chamará de protoforma do ser social. Se as primeiras formas de sociabilidade dos homens tem origem no ato laborativo, o trabalho constitui-se como categoria intermediária que possibilita o “salto ontológico” das formas pré-humanas para o ser social. Sendo assim, a categoria trabalho está no centro do processo de humanização do homem. Sendo assim, este trabalho irá discutir uma das categorias centrais para compreensão da dialética marxista desenvolvida por Lukács: a categoria da substância.

Palavras-chave: Ontologia. Teoria Política. Filosofia da Praxis.

AS IDEIAS ABSTRATAS EM BERKELEY

ALVES, Carlos Danilo dos Santos; SANTOS, Inês Ferreira. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: carlos_dafiel@hotmail.com

Ao contrário de outros pensadores, como Platão, Berkeley fala que as ideias não possuem existências próprias, necessitando sempre, da presença de alguém que a perceba, apoiando-se na constatação de que para que uma ideia pudesse ser gerada, ou seja, para que ela fosse uma representação abstrata de varias ideias particular, seria preciso que ela separasse o inseparável, nesse caso, que ela separasse cada quantidade ou qualidade da determinação particular que a constitui; como para perceber a cor em geral, seria preciso não pensar em cor alguma, dado que, para pensar em uma cor é preciso pensá-la em uma cor particular e pensar uma determinação particular, isso seria excluir todas as demais que já tenha percebido, com isso pretendo assim desenvolver uma discussão a respeito do mau uso da linguagem que seria a postulação da natureza das coisas distintas de sua percepção do pensamento na separação em ideias simples, desses modos ou qualidades que só existem em conjunto nos objetos e, mais do que isso, da separação desses modos ou qualidades de sua caracterização particular, ou seja, daquilo que os constitui enquanto tal, sendo assim, será proposto com esse trabalho a apresentação da impossibilidade de separação das qualidades de um objeto ou forma, por exemplo, como separar a cor da extensão e da forma em que essa cor é percebida e a

impossibilidade de dar sentido aqueles termos que costumam ser considerados características próprias da matéria (como extensão, forma e movimento) sem uma referência precisa, dada da percepção para evidenciar o contrassenso em postular a existência dessa matéria além de suas determinações sensíveis, sabendo que as qualidades dos objetos existem apenas em conjunto nos objetos e que, no entanto, aqueles que afirmam a capacidade da mente tomar isoladamente essas qualidades e torna-las cada uma separada das demais, conteúdo de uma ideia, a mente teria que ao observar um objeto extenso, colorido e móvel, considerar isoladamente cada uma dessas qualidades e construir uma ideia de extensão sem cor, de cor sem extensão e de movimento sem a consideração de qualquer corpo extenso e colorido.

Palavras-chave: Berkeley. Linguagem. Percepção.

O JUÍZO REFLEXIVO DO TRABALHO NA SOCIEDADE CIVIL-BURGUESA EM HEGEL

ARAMOR, Marlon Henrique. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). E-mail: marlon_ha@hotmail.com

O presente trabalho tem como objetivo a análise da noção de mercado e trabalho que se efetiva na sociedade civil-burguesa à luz do pensamento hegeliano. No interior de sua sistematicidade e em particular em sua Filosofia do Direito encontra-se teses e problematizações que após 200 anos causam impactos notórios que podem e devem ser reformuladas em nossa época: em termos de oposição entre sociedade e Estado; o nexo interno entre trabalho e produção ou, ainda, a autonomia da sociedade apoiado na liberdade de escolha. De modo que a sociedade civil-burguesa em Hegel é uma instituição ética ao lado de outras instituições éticas: a família e o Estado. Cada uma possui a sua devida importância em relação à outra e a sua existência, da sociedade civil-burguesa, faz-se em relação às outras, de modo que essas outras instituições éticas, a saber, a família e o Estado, existem por aquela também, a sociedade civil-burguesa. Nesse sentido a noção de mercado se efetiva na medida em que as necessidades de cada um são satisfeitas pelas necessidades de outros em trocas impessoais no momento da sociedade civil-burguesa e que, nesse sentido, Hegel é o pensador de uma economia de mercado que, em certo sentido, estabelece relações contratuais entre os indivíduos. De modo que todo o conjunto dessas liberdades, determinações e principalmente o conceito de trabalho abstrato na sociedade civil-burguesa e suas consequências são o desfecho ou a suprassunção de toda a tradição contratualista da filosofia política, da economia moderna e de todas as suas nuances nas leituras que pôde fazer de Hobbes, Locke, Rousseau, Kant, Smith, Wolff entre outros.

Palavras-chave: Sociedade civil-burguesa. Sistema de necessidades. Juízo reflexivo. Divisão social do trabalho. Eticidade.

REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA DA FILOSOFIA NO BRASIL E EMANCIPAÇÃO HUMANA PELA FILOSOFIA CRÍTICA

ARAUJO NETO, Manoel Alves de. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Bolsista da CAPES e do CNPq. E-mail: uh_neto@hotmail.com

O presente texto visa reflexões críticas sobre o contexto histórico educacional da filosofia no Brasil. Será delimitado partir da chegada dos jesuítas portugueses no Brasil na segunda metade do século XVI, cujo recorte auxiliará nas reflexões dos pressupostos da emancipação humana pela história. Tem-se que, a filosofia nesta época se abrangia por concepções classistas e religiosas para fundamentar caminhos para uma educação moralista. Partindo deste referencial histórico, o texto buscará filosoficamente pensar as relações que atenuaram o desvelamento de uma filosofia crítica, assim como a emancipação de sujeitos pela percepção da realidade. Como conservação da ideologia conservadora, percebe-se nas notas de Kant, na obra “Sobre a Pedagogia”, práticas de conduta moral que prezava pela formação de indivíduos, baseando-se num plano que fundamenta a perfeição humana. Esta concepção norteará o comportamento humano, pois a educação para Kant está ligada ao exercício da disciplina e da cultura. Neste sentido, pretende-se discutir, por meio de interpretações de Marx (2009), (2010) e Mészáros (2008), o processo emancipatório de sujeitos pela educação empírica. Esta dialoga numa perspectiva desveladora com as relações sociais e históricas, pois são compreendidas aqui, pelo processo do devir, como movimento de constante mudança e transformação tanto da história, dos sujeitos, quando da realidade. Acredita-se, por meio as compreensões destes autores, que educação formalista anula a individualidade e a essência dos indivíduos, ao ponto que ele aponta caminhos educacionais libertários e posturas críticas. A partir disto, conclui-se que, a educação deve ser utilizada como elemento de emancipação, promovendo por meio do envolvimento nos âmbitos supramencionados, o desvelamento de possibilidades para superação de indivíduos em meio às crises construídas nestas relações. Assim, pela apreensão destas, orientado pela “filosofia libertadora” poderá propiciar o desenvolvimento de práticas que objetive nos indivíduos posturas críticas fundamentadas metodologicamente pela compreensão histórica e social, bem como, na interação com a realidade.

Palavras-chave: Filosofia no Brasil. Educação. Emancipação.

ANÁLISE COMPARATIVA DAS IDEIAS POLÍTICAS E DOS PROJETOS CULTURAIS DE PLATÃO E JOSÉ MUJICA

AVANÇO, Leonardo Dias. Universidade Metropolitana de Santos. Orientador: José Milton de Lima. E-mail: ldavanco87@gmail.com

O presente trabalho estabelece por objetivo central analisar e comparar as ideias políticas e os projetos culturais de Platão e José Mujica. Para realizar essa comparação, limitamos nossa análise, por um lado, às ideias políticas desenvolvidas no diálogo A república de Platão e, por outro, ao discurso de José Mujica pronunciado na Conferência

das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, em 20 de junho de 2012 no Rio de Janeiro. Nesse sentido, o problema sobre o qual versa o presente trabalho pode ser enunciado nos seguintes termos: quais são as semelhanças e as diferenças entre as ideias de Platão e José Mujica nos referidos discursos? Embora estejam separados por aproximadamente 2.400 anos no tempo e, portanto, suas ideias sejam distintas devido aos diferentes contextos econômicos e políticos das épocas que os condicionaram, Platão e José Mujica partilham de um mesmo desejo: transformar a sociedade e a cultura de seus tempos. Tanto na Grécia Antiga quanto no capitalismo globalizado da atualidade, a humanidade era e é atingida pelo flagelo da fome, da guerra, da miséria e da injustiça, se bem que de modos muito distintos. Cada qual em consonância com sua própria época apresenta soluções para os problemas com os quais se depararam: por um lado, Platão vê na democracia ateniense de seu tempo o signo da degeneração e, para solucioná-la, apresenta um programa político conjugado a uma ampla proposta de reforma cultural que abrange a educação e a arte; por outro, José Mujica vê nos mecanismos de hegemonia da sociedade de mercado de nosso tempo as principais causas das calamidades ocorridas a nível global e, para saná-las, apela para uma transformação política e cultural que leve a humanidade ao controle dos referidos mecanismos. Tanto Platão quanto José Mujica arriscaram suas próprias vidas com fito de defenderem suas ideias políticas, bem como ambos atribuem à transformação cultural um papel de suma importância na edificação de uma sociedade mais justa. Fundamentados nos referidos discursos de A república e do pronunciado na Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, o presente trabalho procura contextualizar histórica e respectivamente as ideias de Platão e José Mujica, esclarecer suas concepções de justiça e, por fim, ancorados em suas ideias políticas, refletir sobre seus diferentes projetos de transformação cultural.

Palavras-chave: Política. Cultura. Platão. José Mujica.

MÁQUINAS PODEM PENSAR? UMA BREVE INTRODUÇÃO

BACHINSKI, Nara Ebres. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Prof. Dr. Rogério Passos Severo. E-mail: naraebresb@gmail.com

A inteligência artificial (IA) avançou muito durante a 2ª Guerra Mundial, quando Alan Turing criou a máquina “Colossus” para decodificar mensagens nazistas transmitidas pela máquina “Enigma”. Em (1950), Turing endereça a questão sobre se máquinas podem pensar. Ele argumenta, entretanto, que a palavra “pensamento” é demasiadamente vaga para permitir uma resposta clara. Propõe, em troca, questões parecidas que podem ser respondidas sem ambiguidade. Turing faz isso por meio de um “jogo da imitação”. Nesse jogo, há três indivíduos – um homem, uma mulher e um “interrogador” de qualquer sexo –, cada qual em uma sala isolada e sem comunicação direta. O interrogador tenta descobrir onde estão o homem e a mulher por meio de perguntas por escrito, enquanto o homem e a mulher tentam enganá-lo. Turing pergunta o que aconteceria se o homem fosse substituído por um computador, e se o objetivo do

interrogador passasse a ser o de descobrir onde está o computador. O interrogador seria enganado com tanto sucesso quanto o homem originalmente fora? Se um computador conseguisse enganar o interrogador com tanta frequência e por tanto tempo quando um homem, então passaria no “teste de Turing”. Embora haja controvérsias, há hoje máquinas capazes de passar nesse teste, mas a questão sobre se máquinas podem pensar segue em aberto. Neste trabalho, apresento uma parte da discussão posterior sobre o tema. O objetivo é delinear o percurso principal do pensamento filosófico recente sobre o assunto e indicar o estado atual da reflexão sobre o tema. Em um trabalho influente, John Searle propôs o seguinte experimento mental: imagine-se que um homem que nada sabe de chinês está em um quarto isolado com um manual de instruções. Por uma abertura, recebe sinais (ou textos) em chinês. Ele então consulta o manual, que diz o que sinais devem ser escritos em resposta ao que foi recebido. Dessa maneira, estaria somente manipulando símbolos sem saber o que significam. Estaria fazendo o mesmo que um computador. Isso mostra, para Searle, que programas de computador não pensam. Em resposta a Searle, Jerry Fodor argumentou que embora programas de computador, por si sós, não sejam capazes de pensar, se o programa estiver ligado a um corpo (um robô), a manipulação de símbolos estaria causalmente conectada a objetos no mundo. Desse modo, não haveria apenas de manipulação de símbolos, mas também relações referenciais (semânticas) com objetos no mundo. Nessa mesma linha de pensamento, Patricia e Paul Churchland argumentam o argumento original de Searle é circular, e que embora seja improvável que a IA clássica produza computadores pensantes, é provável que computadores que tenham uma arquitetura parecida com a de cérebros humanos e que estejam ligados a máquinas ou robôs sejam capazes de pensar. Ou, ao menos, não haveria boas razões para se pensar o contrário.

Palavras-chave: Computação. Inteligência Artificial. Filosofia da Mente.

AS DOCTRINAS NÃO-ESCRITAS E O FILEBO: UMA RELEITURA DA METAFÍSICA DO BEM DE PLATÃO

BARROS, Leander Alfredo da Silva. Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). Orientador: Prof. Dr. Luiz Paulo Rouanet. Bolsista da FAPEMIG. E-mail: leander_fam@yahoo.com.br

Nosso trabalho versa sobre as concepções presentes no diálogo Filebo de Platão que se mostram relevantes à defesa das doutrinas não-escritas de Platão. Em outros termos, versa sobre a filosofia oral de Platão, que não se mostra evidente em sua obra escrita. No Filebo, encontram-se algumas das assim chamadas “passagens de retenção”, nas quais o filósofo ateniense remete-nos a investigações ulteriores, consideradas de “maior valor” (timiótera), e que não se destinam à exposição presente do diálogo. Tais passagens, segundo os defensores das doutrinas não-escritas de Platão, dirigem-nos à hipótese plausível dos ensinamentos orais de Platão reservados ao âmbito da academia. Considerado um diálogo da fase final platônica, será nesta obra que nosso autor dará as últimas indicações acerca da dialética, e nela retomará a questão da metafísica do Bem

(agathón). Apoiando-nos nos estudos da Escola Tübingen-Milão, mais precisamente as investigações de Thomas Slèzak e Giovanni Reale, o objetivo a que nos propomos é a análise da obra citada, invocando ao mesmo tempo a presença de algumas outras passagens de outros diálogos platônicos, no quais a recusa da definição do Bem por Platão não significa ausência de conhecimento acerca do mesmo, e sim manifesta recusa da escrita sobre determinado tema, considerado como importante e sério para Platão, destinado ao discurso dialético mediante o ensinamento oral. Tal estudo mostra-se relevante, pois é nesta mesma obra escrita, componente dos diálogos da última fase de Platão, que fundamentalmente se apoiam alguns dos pontos principais dos defensores da filosofia oral do filósofo ateniense, quais sejam: a diferença (metafísica) do filósofo em relação aos pitagóricos, a defesa do Uno como Primeiro Princípio e a relevância dos testemunhos de Aristóteles e dos neoplatônicos a respeito da teoria dos Primeiros Princípios platônicos. Portanto, torna-se necessária uma releitura da metafísica platônica, só que agora pelos cânones das interpretações trazidas a nós pelos estudiosos platônicos de um novo paradigma hermenêutico.

Palavras-chave: Platão. Filebo. Bem. Metafísica. Uno.

O INTELECTO NA METAFÍSICA DE IBN SINA (AVICENA)

BATISTA, Ana Paula. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). E-mail: anapguanumbi@gmail.com

Esta comunicação se propõe a resgatar o pensamento do filósofo árabe medieval Ibn Sina (Avicena), discutindo sua descrição de intelecto presente no “Kitab Al-Shifa” (Livro da Alma). Ibn Sina (980-1037) foi um filósofo muçulmano, que nasceu em Afshana próximo a Bukhara na Pérsia e morreu em Hamadhân. É tido como o maior filósofo produzido pelo Islã Oriental, e marca o apogeu da Falsafa (termo que designa a filosofia feita pelos árabes) tendo o nome registrado entre os maiores nomes da História. A influência da obra de Aristóteles nos escritos de Avicena é significativa, e seu conceito de intelecto vai estar fundamentado nos conceitos aristotélicos presentes no “De Anima” e no “Analíticos Posteriores”. Para Avicena, existem diversas definições de intelecto sendo que algumas destas definições não devem ser consideradas filosoficamente. Na teoria da alma o autor distingue oito definições de intelecto, sendo que este começa nos sentidos com o Intelecto Material em contato com as formas materiais, passa pelo Intelecto Hábito até chegar no Intelecto em Ato e ser assimilado na alma. Desta forma, todo o modo de percepção é um modo de abstração que se inicia com os sentidos externos num grau de abstração mais baixo, até a abstração ser feita pelo intelecto que é o mais alto grau nesta operação. O intelecto é o lugar mais íntimo e próprio da alma. A ligação do corpo com a alma é evidente e liga o material ao imaterial, pois o conhecimento intelectual é uma operação da alma que só pode ocorrer pela introjeção dos dados sensíveis através de quatro graus do intelecto, e sem rupturas bruscas entre o material e o imaterial; assim como não há rupturas entre o corpo e a alma, mesmo sendo substâncias, a hierarquia das faculdades indica os níveis de ligação

e a mútua colaboração que estabelece uma continuidade de um extremo ao outro sem interrupção. O autor utiliza as categorias aristotélicas de ato e potência para definir como ela participa da constituição da alma humana. A inteligência só é possível devido estas categorias. Assim, também estabelece uma diferença entre os sentidos externos e internos, colocando o sentido comum, a formativa, a imaginativa, a estimativa e a memória entre os sentidos internos.

Palavras-chave: Filosofia Medieval. Intellecto. Falsafa. Avicena.

O ESCRITOR DA VERDADE NO "FEDRO" DE PLATÃO

BELATTO, Michelle. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: mibelatto@gmail.com

No começo do Diálogo platônico, Sócrates se diz um “doente por ouvir discursos”, no entanto, o “remédio” descoberto pelo menino Fedro, capaz de tirar o filósofo da cidade, de onde este não costuma sair, é um discurso escrito. Notamos, então, que a questão sobre a qual proporemos refletir, neste trabalho, anuncia-se, de algum modo, nas primeiras cenas do Diálogo, embora nos pareça que Sócrates a apresenta a Fedro bem mais tarde, após a exposição das exigências do que respeita à arte e sua ausência nos discursos, quando lhe pergunta qual é o melhor meio de agradar os deuses nessa matéria. Tomemos, assim, a indagação de Sócrates como base, a fim de analisarmos qual o discurso mais adequado a ser escritor da verdade na alma: o falado ou o escrito? Com esse objetivo, investigaremos o poder de sedução que tal “remédio” teria, mencionando o termo utilizado por Sócrates, para referir-se ao texto – motivo pelo qual aceitou passear para fora dos muros com Fedro - a ponto de afastá-lo de seu lugar de aprendizagem. Trilharemos nosso caminho a partir do “Mito de Theuth”, uma tradição que o filósofo ouviu dos antigos e a narra para tornar declarado o tema da conveniência ou da inconveniência da escrita. Vista, inicialmente, como atividade reprovável em relação à fala, que seria “animada” por ter um pai vivo que a assistiria a qualquer momento, a escrita passa a ser compreendida, também, como um meio eficaz à grafia psíquica da verdade, uma vez que o importante seria os discursos – falados ou escritos – seguirem os requisitos da retórica filosófica e serem inspirados pelo amor. Dessa maneira, trataremos de dois tipos interligados de escritura: uma viva e amparada pela reminiscência escritora do verdadeiro; outra suplementar, que funcionaria como “recordatório”, ajudando os que sabiam a lembrar seus aprendizados, mas podendo dar aparência de sábio a quem não o seria.

Palavras-chave: Discurso. Escritura. Verdade. Alma.

LITERATURA E SEU PAPEL TRANSFORMADOR: UMA REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO DO HOMEM E CLARICE LISPECTOR

BELFANTE, Maria Caroline. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Bolsista da Capes. E-mail: carolbelfante@hotmail.com

A literatura tem um caráter envolvente, que nos pega à mão e leva-nos para outro lugar, uma situação nova, com diferentes pessoas. Ela nos ensina através do acompanhamento de sua história, por meio da “vivência” dos acontecimentos no decorrer do livro. São exemplos de situações da qual sempre retiramos um sentido e uma aprendizagem que nos acompanham pelo resto da vida, diferentemente das disciplinas tradicionais vistas nas escolas. É preciso aceitar ser envolvido, permitir um relacionamento íntimo com a obra, quando um escritor empresta parte de suas ideias para o leitor que no mesmo exercício empresta sua imaginação para experienciar o que é lido. É uma relação mútua, onde um elemento precisa do outro para se realizarem, a obra de arte só ganha sentido quando existe alguém para interpretá-la. De tais elementos surge a importância de ser incentivado este tipo de atividade tanto nas escolas quanto em casa. Entretanto, a literatura não se limita àqueles que estão no período escolar, pois não é preciso um diploma ou determinado grau de escolaridade para poder ler ficção, é algo ao qual todos têm acesso. Segundo o filósofo Jean Paul Sartre, a leitura tem um caráter transformador na medida em que desvenda o mundo para as pessoas, fazendo com que torne-se possível muda-lo. O indivíduo se situa em relação aquilo que é descoberto e como se vê perante o seu desvendar, a transformação ocorre de dentro para fora, na medida em que ele se reposiciona em relação a sua descoberta, mudando a visão que fazia de seu próprio ser. A cada livro, Clarice Lispector transmite um caminho de conhecimento, uma trilha onde anda e a partilha conosco. Seus personagens sempre nos fazem refletir e filosofar. Ler Clarice é mergulhar no desconhecido e ao mesmo tempo em nós mesmo, por isso é estar em constante aprendizado. Seu modo particular de escrever e desvendar as coisas vai muito além das leituras tradicionais que normalmente encontramos.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Literatura. Educação. Jean Paul Sartre.

O CONCEITO DE VIRTUDE NO PENSAMENTO DE ARISTÓTELES

BEZERRA, Marco Antonio Correa. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientador: Pedro Paulo da Costa Corôa. E-mail: correa.mab10@gmail.com

Este artigo pretende refletir sobre o termo virtude compreendido no Livro II da Ética a Nicômaco. Nesse livro, Aristóteles distingue as virtudes morais das intelectuais. As morais são aquelas que têm como objeto os atos da vida prática, isto é, a justiça, a liberdade, a coragem, a amizade etc. No que se refere às virtudes intelectuais, são aquelas que têm como objeto o saber e a contemplação. Entende-se, então que virtude é a tradução da palavra grega *αρετή* que designa a perfeição de um ato ou função. Aristóteles admite que a virtude não surge em nós por natureza, no entanto a virtude não é contrária ao natural. Pois, somos adaptados por natureza a recebê-las e temos o dever

de nos tornamos perfeitos pelo hábito. A perfeição do hábito a qual Aristóteles menciona, refere-se às modalidades de escolhas - são disposições de caráter. Desse modo, virtude é a preservação da mediania entre o infortuno e a felicidade. Porém, Aristóteles concede que nem toda ação e paixão há um meio termo, por exemplo, a maldade e o despeito como paixões e o assassinio e o adultério como ações, de qualquer forma que sejam praticadas, são más. Portanto, virtude é uma disposição de caráter relacionada à escolha sustentada numa justa medida, sendo a mediania um princípio racional da vida prática.

Palavras-chave: Razão. Dever. Moral. Natural.

A CRÍTICA DE NIETZSCHE E ADORNO AOS ESPETÁCULOS DE MASSA

BOTARO, Rafael Wellington. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Orientador: Prof. Dr. Marcio Benchimol Barros. E-mail: rafaelbotaro@hotmail.com

O presente trabalho tem por objetivo dissertar sobre as reflexões críticas de dois filósofos alemães, a saber, Friedrich W. Nietzsche e Theodor W. Adorno, sobre os espetáculos de massa. Para tanto, utilizaremos como fundamentação teórica, num primeiro momento, a obra *O caso Wagner e Nietzsche Contra Wagner* (1888) de Nietzsche, no qual este tece uma crítica incisiva à Ópera ou Drama Musical de Richard Wagner, compositor e músico alemão com quem o filósofo desenvolveu, por vários anos, uma forte relação artística e intelectual. Nessa obra, Nietzsche explicita os motivos de seu rompimento com o compositor, afirmando que, em detrimento do projeto elaborado por eles de resgate do espírito trágico da música grega, Wagner cristianizara sua ópera e a carregara de valores ascéticos, revelando assim em suas obras, o próprio espírito de decadência da sociedade europeia. O filósofo também acusa Wagner de colocar sua música a serviço do estado alemão, transformando-a em música para entreter e emocionar, ou seja, em espetáculo para as massas. Em seguida, utilizaremos a obra *Dialética do Esclarecimento* (1947) de Adorno e Horkheimer para também refletir sobre os espetáculos de massa, e o foco principal nessa obra se dará sobre o capítulo que aborda a Indústria Cultural, no qual Adorno efetua sua crítica aos meios massivos de comunicação que fazem circular produtos carregados de conteúdos simbólicos. E o filósofo não poupará o cinema hollywoodiano, na verdade, este se tornará um de seus grandes alvos, afirmando que o cinema não poderia ser considerado como arte, mas sim, como a principal vertente dos espetáculos de massa, utilizado, naquele período, para a dominação ideológica e reprodução do sistema capitalista, na medida em que incutia na população a falsa necessidade de consumir produtos e comportamentos. Por fim, efetuar-se-á um esforço no sentido de relacionar a crítica de Nietzsche aos espetáculos para as massas, aqui encarnado no Drama Musical wagneriano e sua posterior recepção por Adorno, quando este formula sua crítica à Indústria Cultural e ao cinema hollywoodiano.

Palavras-chave: Drama Musical. Espírito Trágico. Cinema Hollywoodiano. Espetáculos de Massa.

SER MULHER: REFLEXÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO DAS CATEGORIAS DE GÊNERO À LUZ DA OBRA *PROBLEMAS DE GÊNERO: FEMINISMO E SUBVERSÃO DE IDENTIDADE* DE JUDITH BUTLER

CABEÇA, Juliana Torres. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientador: Prof. Me. Tiago Luís Coelho Vaz. E-mail: juliana.cabeca@hotmail.com

O objetivo desta pesquisa é analisar o sentido da desconstrução da noção de gênero, sugerida por Judith Butler em sua obra *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*, que tem por base a falsa estabilidade das categorias de gênero e sua relação com as categorias de sexo. O objetivo central da obra de Butler é a desnaturalização de tais categorias, bem como a da “performatividade” das categorias de gênero – esta fundamentando a dialética de gênero – criadas em conformidade com as normas culturais que determinam o social ao biológico. Assim como o desenvolvimento do discurso de legitimação do domínio masculino, que determina a construção de tais categorias e que só entram em contestação a partir das revoluções sexuais que ganharam força no século XXI. A partir disto, as questões relacionadas ao rosto ôntico feminino e sua identidade ganham o foco da discussão por problematizarem o Ser mulher em conjunto com os predicados da mulher, aproximando gênero e essência que devem ser trabalhadas juntamente com a quebra da ordem das “categorias discursivas” da matriz heterossexual. Os avanços e reflexões das ideias da autora sobre gênero e sexualidade se mostram de suma importância para a desmistificação do limite encontrado pelo gênero e para o debate contemporâneo contra as delimitações socioculturais da sexualidade, pois, os argumentos acerca do aspecto sociocultural da construção comportamental de mulheres e homens frente à junção do caráter biológico ao social são questões significativas para a formação do ser humano e a posição de Butler ao colocar em foco uma crítica filosófica ao movimento feminista que deve, juntamente ao “sexo dominador”, se desfazer de tais predicados, marcam uma nova ordem de pensamento a ser exercido pela posteridade pela liberdade humana. Nesse sentido, esta pesquisa apresenta não só os debates que a Butler faz com autores como Beauvoir, mas também sobre a transformação desses debates em ferramentas a favor da melhor discussão de temas como “o que é ser mulher” e do melhor entendimento sobre limites da liberdade sexual e de gênero na contemporaneidade.

Palavras-chave: Judith Butler. Desonstrução. Mulher. Gênero.

A MORAL PROVISÓRIA NA FILOSOFIA CARTESIANA

CAMPOS, Débora. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientador: Prof. Dr. Agostinho de Freitas Meirelles. E-mail: dcamposrodrigues@hotmail.com

O presente trabalho pretende desenvolver uma análise sobre a concepção filosófica de René Descartes denominada de Moral Provisória. Embora o filósofo Francês não tenha escrito nenhum tratado dedicado à Ética, em várias passagens de suas obras, como o Discurso do Método, Meditações Metafísicas e nos Princípios de filosofia, é caracterizado um pensamento voltado à Ética. Porém, em nosso texto, exploraremos o comentário sobre a Moral Provisória desenvolvida na terceira parte do Discurso do Método.

Palavras-chave: Descartes. Moral. Máximas.

RESSENTIMENTO E O DESEJO SUBJUGADO

CARVALHO, Felipe Fernandes Fagundes de. Universidade de São Paulo (USP). E-mail: felipefernandesfc@gmail.com

O ressentimento é um conceito difundido especialmente por Nietzsche que indica uma disposição psicológica caracterizada, entre outras coisas, pela delegação da responsabilidade do desejo próprio a outro e pela incapacidade de colocar-se como sujeito implicado desse desejo. O ressentido se impossibilita de esquecer uma perda sofrida, remoendo e lamentando sua situação, de maneira que sua existência é marcada pela repetição do sofrimento, mas de maneira narcísica. O narcisismo presente no ressentido possui a ambiguidade de ser uma autodepreciação que funciona como mecanismo de defesa, produzindo paradigmaticamente um desejo de vingança acentuado que restauraria sua integridade ao mesmo tempo em que o ressentido não consegue se engajar na ação e realizar o desejo, esperando que sua realização venha por meio da ação de outrem. Assim entendido, ressentimento se configura como paradigma do neurótico. Espectro da servidão voluntária, o ressentimento é ainda a marca de submissão e omissão política presente naquilo que Nietzsche chamaria de moral do escravo. O ressentido se coloca perante a lei de maneira peculiar, esperando obter da instância de repressão a realização daquilo que deveria ser obtido por si ou por meio de instituições específicas. Dito isso, investigaremos tal conceito no interior do debate de patologias do social e políticas dos afetos, investigando a constituição desse tipo psicológico e suas interações com as formações morais e sociais que a sustentam. Para isso, usaremos primordialmente os textos morais de Nietzsche, em especial a Genealogia da moral, na elaboração dos conceitos de ressentimento e má consciência. A psicanálise surgirá eventualmente pela análise do sujeito neurótico como belo exemplo do sujeito ressentido, mas também pela contribuição que a teoria das pulsões traz na análise de como o desejo do ressentido pode chegar a desejar a própria repressão. Nesse sentido, as análises do desejo e do ressentimento na obra de Deleuze serão fundamentais no entendimento de como o desejo no ressentido se encontra voltado contra si mesmo.

Palavras-chave: Nietzsche. Deleuze. Ressentimento. Desejo.

O CONCEITO DE HÁBITO EMBASADO NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E “AFFORDANCES” DE DIVERSOS ORGANISMOS, COM ENFOQUE NA FILOSOFIA ECOLÓGICA E NO PRAGMATISMO

CARVALHO, Jéssica Lopes. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). E-mail: jessica.lopes.carvalho@hotmail.com

Nessa comunicação tenho o objetivo de analisar o conceito de hábito, e nesse sentido será apresentada, inicialmente, a análise dos primeiros capítulos da obra “Ensaio sobre o Entendimento Humano” (1748), de David Hume, a fim de caracterizar o conceito clássico de hábito. Em seguida analisarei “Fixação da Crença” (1877), entre outros textos de Charles Sanders Peirce, e “O que é Filosofia Ecológica”, de David Large (2003), de modo a contrapor o conceito clássico de hábito, apontando para as perspectivas pragmática e ecológica. A partir dos autores (Hume, 1748; Peirce, 1877 e Large, 2003), problematizarei o conceito de hábito com embasamento na análise comportamental dos organismos em geral.

Palavras-chave: Hábito. Comportamento Tendencioso. Crença. Affordance.

CONCEITO DE MATÉRIA EM BERTRAND RUSSELL

CARVALHO, Jobson Gonçalves de. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: jobsoncarvalhofilosofia@outlook.com

O objetivo principal deste artigo é apresentar um conceito imprescindível abordado na Física e na Filosofia no Período Moderno: Matéria. Tal conceito será exposto em duas perspectivas: uma no que diz respeito à representação e a validade epistemológica em relação ao mundo físico. A segunda como o filósofo aborda os desdobramentos e reflexos, baseado no homem de senso-comum, acerca de sua percepção do mundo material, das relações de objetos e sua constituição material e suas inferências. E, finalmente, perpassaremos sobre a compreensão deste [o homem de senso-comum] sobre tal mundo em sua “constituição” do objeto e sua percepção deste objeto situado no espaço.

Palavras-chave: Percepção. Matéria. Espaço. Tempo. Senso-comum.

A HISTÓRIA FILOSÓFICA DA HUMANIDADE EM KANT

COELHO, Márcio Bruno Leal. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientador: Prof. Dr. Agostinho Meirelles. E-mail: marcio.coelhoX25@gmail.com

O presente trabalho tem o objetivo de mostrar que a filosofia na concepção de Imannuel Kant, embora entendida como uma tradição racional do pensamento, no que tange a sua história, também trará considerações na perspectiva da história da

humanidade. Para isso, levamos em consideração estas duas visões de história: história da filosofia, pensada enquanto Metafísica e da história da humanidade, como trata em sua obra intitulada “Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita”. O filósofo entenderá que na Teleologia da história humana é sempre abertura de novos eventos seguintes, consequentemente, não deverá ser pensada como uma linha com ponto final na sucessão de eventos históricos em sua universalidade.

Palavras-chave: História. Metafísica. Teleologia.

A TERAPÊUTICA DE DOUTOR FREUD: QUAIS AS POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE MEDICINA E PSICANÁLISE?

COELHO, Rafael Teruel. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). E-mail: rafael_unespmarilia@hotmail.com

Esta comunicação tem como objetivo principal investigar as *Cinco Lições de Psicanálise* proferidas por Freud na Clark University, no ano de 1909. Em tais lições, Freud esboça sistemática e brevemente a gênese, o desenvolvimento e os cânones da psicanálise. Nessa comunicação, nos debruçaremos acerca das possíveis relações entre medicina e psicanálise; salientaremos que, muito embora a psicanálise tenha sua gênese no seio da medicina, os psicanalistas irão prescindir das práticas terapêuticas e metodológicas preconizadas pelos médicos. Em suma, à luz das lições de Freud, argumentaremos que a psicanálise é caracterizada como um processo terapêutico e semiológico que, não obstante possua intrínsecas relações com as ciências médicas, constitui algo absolutamente novo e original.

Palavras-chave: Freud. Medicina. Psicanálise.

A (NOVA) BARBÁRIE SOCIAL DELIMITADA PELA PRÁTICA DO NARCISISMO CONTEMPORÂNEO

COELHO, Rebeca Míriam Siqueira. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientadora: MSc. Verônica de Araújo Capelo. E-mail: becamsc@gmail.com

O presente artigo propõe uma discussão sobre narcisismo como uma característica marcante da sociedade capitalista. Para tanto, iniciaremos com uma breve exposição acerca do mito de Narciso e do estatuto do conceito freudiano de narcisismo, visando fundamentar a compreensão acerca da relação pressuposta entre narcisismo, barbárie e banalização da violência, que tem como consequência a erosão do espaço público (SENNET, 1988). A tarefa da educação contemporânea consiste em “desbarbarizar” a educação pela promoção da reflexão e revalorização da política (ADORNO, 1995). Além disso, o consumismo compulsivo da sociedade capitalista, baseando-se num ethos hedonista, favorece a “fruição narcísica” em detrimento de ideais políticos coletivos,

ênfatizando a legitimidade do eu e a ênfase na autossatisfação como ressalta Lasch (1988).

Palavras-chave: Narcisismo. Barbárie. Consumismo. Banalização da violência.

"DEUS SIVE NATURA": CONSIDERAÇÕES SOBRE A SUBSTÂNCIA EM ESPINOSA

CONSTANTINO, Ethannyn Mylena Moura Lima; LIMA, Ezion Moura. Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: ethannyn@gmail.com

O Deus de Espinosa se traduz em Deus, ou seja, a Natureza (Deus sive Natura), ou seja, o criador se expressa na natureza, em toda a natureza. E afirmando esse modo de ver Deus, Espinosa rompe com os preceitos e doutrinas da ortodoxia judaica de sua época, sendo então, afetado com isso, pelo famoso hérem, a excomunhão, aplicada pela Comunidade Judaica de Amsterdã, a Talmud Torah. É o desdobramento desse pensamento em sua minuciosidade, que vemos principalmente na Ethica. A substância (do latim, substantia, que pode ser traduzido livremente como “o que está sob”) a que Espinosa se refere é a fonte última da realidade, a verdadeira causa das coisas, nos termos do Escólio 2 da Proposição VIII da Ethica. Deus seria, portanto, segundo Espinosa, a substantia causa e fonte última de tudo aquilo que existe na Natureza. A substância espinosana existe em si mesma e por si mesma é concebida. A substância não exige o conceito de outra coisa para ser concebida ou formada. Ela é por si mesma. Tudo que existe, para o filósofo, existe em si mesmo ou em outra, e nesse caso, ela existe em si mesmo, pois ela não pode ser concebida por meio de outra coisa, uma vez que ela é concebida por meio de si mesma. A substância é única e necessariamente infinita. Uma vez que ela é única e infinita por necessidade e nunca por contingência, à sua natureza pertence o existir, pois é única, e não pode ser produzida por outra coisa (Proposições 7, 8/Escólio 1 e 2). Dessa forma, o objetivo do presente trabalho é fazer algumas considerações concernentes ao papel do conceito de Substância na Ethica, dado mais precisamente na Parte I, onde encontramos a definição de Substância, que diz: “por substância compreendo aquilo que existe em si mesmo e o que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado”, e nos desdobraremos em certa medida sobre esse conceito para tecer o que propomos.

Palavras-chave: Deus. Substância. Natureza.

FILOSOFIA DA PRÁXIS: CONSIDERAÇÕES DE PESQUISA NO ENSINO MÉDIO

CORRÊA, Patrícia Aurora. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Orientador: Prof. Dr. Vandeí Pinto da Silva. Bolsista PIBIC/CNPq. E-mail: pma_013@hotmail.com

O projeto “Senso comum e filosofia no ensino médio: perspectivas da filosofia da práxis”, que desenvolvemos na iniciação científica, tem sua motivação no problema da especificidade da filosofia no processo de formação do estudante do ensino básico. Pressupõe-se que a perspectiva da formação omnilateral que propõe a integração da formação intelectual, corporal e tecnológica coloca-se como uma diretriz para o enfrentamento de visões unilaterais. A hipótese é a de que as propostas escolares, se adequadamente relacionadas com o contexto histórico-social vivido, podem tornar-se significativas a professores e estudantes e contribuir a que se reconheçam como sujeitos da sua história formativa. O objetivo central do projeto é contribuir para a valorização da escola no processo de formação omnilateral do estudante, enfatizando o papel da filosofia, no sentido de ampliar a formação aos âmbitos da autonomia intelectual, da sensibilidade estética e da formação ética. São objetivos específicos: investigar, com base em Gramsci e Vázquez, possibilidades de relações entre conhecimentos e experiências do senso comum e a atividade filosófica; conhecer expectativas de estudantes do ensino médio e estabelecer relações destas com temas filosóficos. Além destes referenciais, utilizamos as reflexões elaboradas por Oswaldo Porchat Pereira, principalmente na sua obra “Vida comum e ceticismo”, na qual, por ter desistido de buscar respostas verdadeiras na experiência religiosa e na Filosofia, o autor descreve sua própria filosofia, esta que consiste na “filosofia da vida comum”. Baseando-se nas premissas desta pesquisa, realizamos entrevistas que foram aplicadas para 128 alunos do ensino médio que cursam as séries do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio da Escola Estadual Professor Antônio Reginato.

Palavras-chave: Senso comum e filosofia da práxis. Formação omnilateral. Experiência.

SUBJETIVIDADE E MUNDO VIRTUAL: UMA DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA A PARTIR DE MERLEAU-PONTY

COSTA, Jerlan dos Santos. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: jakc_jerlan@hotmail.com

O escopo deste trabalho está intrinsecamente ligado à compreensão da subjetividade contemporânea a partir do conceito de virtual presente na obra de Pierre Levy. Pretende-se analisar os processos de constituição do corpo em sua relação com as novas tecnologias de informação e comunicação notadamente no que toca as questões virtuais, ou seja, ao espaço cibernético.

Palavras-chave: Subjetividade. Corpo. Mundo virtual.

SOCIEDADE DE MASSAS: POTENCIALMENTE APOLÍTICA

COSTA, Nathalia Rodrigues da. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Orientadora: Prof.^a Dr.^a Yara Adário Frateschi. Bolsista da FAPESP. E-mail: nathaliarodrigues1304@gmail.com

A comunicação que pretendo apresentar tem por base o tema de meu projeto de pesquisa de Iniciação Científica, cujo título é: A impossibilidade da Política e a Sociedade de Massas, orientado pela Prof. Dra. Yara Adário Frateschi da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e fomentado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Nesta comunicação proponho-me a abordar um aspecto da crítica que Hannah Arendt faz à sociedade de massas em duas de suas obras, a saber: As Origens do Totalitarismo (1951) e A Condição Humana (1958). A autora tece sua crítica ao enxergar na sociedade de massas uma tendência de impossibilitar a realização da política à medida que ela cria barreiras para a interação entre os homens. Essa interação, como ela diz, deve ser perpassada pela pluralidade de seres únicos que agem e falam uns com os outros a partir de interesses comuns. É nesse agir e falar uns com os outros que para Hannah Arendt os homens são capazes de expor sua singularidade e adquirem realidade pública. Não obstante, é apenas quando estes homens estão em interação através de ação e de discurso, em prol de interesses comuns, que se torna possível a construção de um domínio público, de um domínio que os relacione e ao mesmo tempo mantenha intacta suas individualidades, que para a autora é o campo onde é possível a efetivação da política. Nesse sentido, nessa comunicação pretendo 1. mostrar qual a importância desses dois elementos – ação e discurso – para o estabelecimento da política, relacionando-os com os conceitos de pluralidade e singularidade; e, 2. Explicar porque a sociedade de massas tende a inviabilizá-los – a partir da atomização e individualização extremas que tornaram os indivíduos em homens de massa - impossibilitando, em última instância a criação de um campo para a política; tornando-se assim, como sustentamos, apolítica e não-pública.

Palavras-chave: Hannah Arendt. Sociedade de Massas. Política. Ação. Discurso.

A FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY REVELADA NA VIDA E OBRA DE CÉZANNE

COSTA, Sâmara Araújo. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: samara.araujo@gmail.com

A descrição da percepção para Merleau-Ponty é o tema central dos esforços de sua fenomenologia, o corpo como em tensão para ação recebe os apelos para se aderir ao mundo, para olhá-lo, explorá-lo. O pintor é um homem que está engajado no mundo que vê, ele o descreve sem explicá-lo, mostra-o e cria significado em seu tempo. Pinta um

mundo pré-reflexivo, muito mais robusta é a sua descrição dos fenômenos com imagens, que uma explicação. Cézanne é aquele que foi por Merleau-Ponty escolhido como o fenomenólogo que não com palavras, mas pinceladas, com seu corpo, cria sentido ao pintar o mundo que vê. Em seu ensaio A dúvida de Cézanne Merleau-Ponty desenvolve e aponta como sua fenomenologia se relaciona à vida e obra de Cézanne. Este trabalho pretende adentrar nos apontamentos de Merleau-Ponty na tentativa de entender por que não outro pintor, quais são as razões que correspondem às intenções de sua fenomenologia como descrição do mundo pré-reflexivo, e como a pintura de Cézanne assim o faz. Ao passo que esta descrição não é fazer uso de uma perspectiva particular de um determinado sujeito, não é uma comunicação intersubjetiva do que se vê no mundo. Compõe também a ideia de uma filosofia que não pretende explicar o mundo, e sim apontar para o que importa para o autor, o homem que está entrelaçado ao mundo, que o percebe com o seu corpo, em perspectivas e o descreve-o. Este trabalho pretende explorar as razões para Cézanne representar tamanha importância em um dos seus escritos sobre filosofia da arte, mas também fenomenologia da percepção. Ao pintar o mundo com ausência de perspectivas, trazendo todos os objetos à frente da tela, apresentarei razões na tentativa de entender o que pretendia Cézanne e sua relação com a fenomenologia proposta por Merleau-Ponty.

Palavras-chave: Descrição fenomenológica. Cézanne. Merleau-Ponty. Percepção.

O CONCEITO DE DEMOCRACIA NO PENSAMENTO DE NORBERTO BOBBIO

CRUZ, Guilherme Fernandes da. Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Orientador: Prof. Dr. José Luiz de Oliveira. E-mail: guilhermefilos@gmail.com

Este trabalho procura analisar uma interpretação do conceito de democracia no pensamento do filósofo italiano Norberto Bobbio. A importância do respeito pelo posicionamento político do outro, numa sociedade em que as relações e convicções políticas do indivíduo parecem estar cada vez mais divididas e acaloradas, não configuram, ainda, uma sociedade completamente harmoniosa. Contudo, mediante esse processo que deve ser promovido por qualquer cidadão, atualmente qual seria o sentido da democracia se não for pensada pela via da educação? A educação como menção de uma relação democrática de qualidade depende de uma iniciativa de respeito entre todas as partes. Para o filósofo italiano o conceito de democracia inicia seu processo de construção, examinando as bases das relações políticas entre os homens e perceberá a questão da educação como eixo fundamental e necessário. A democracia para se efetivar propõe-se numa necessidade de uma ação mais educada por parte do homem. O cidadão não-educado, desprovido dessa consciência pode promover impasses e até conflitos. Dessa forma, as relações democráticas dificilmente ocorrerão.

Palavras-chave: Democracia. Sociedade. Política. Educação.

ESPINOSA E HEGEL: DA ESTRUTURAÇÃO DO ESTADO À LEGITIMAÇÃO DO PODER SOBERANO

CRUZ, Nayara Sandrin da. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Orientador: Prof. Dr. Pedro Geraldo Aparecido Novelli. Bolsista PIBIC/Reitoria E-mail: nayarasandrin@gmail.com

O cenário político em que viveu o filósofo Baruch Spinoza (1632-1677) na Holanda por volta do século XVII contribuiu diretamente para o desenvolvimento de sua filosofia, a luta contra o absolutismo assim como as revoltas acerca das intolerâncias produzidas pelo mesmo, influenciou o filósofo a pensar em um Estado cujo regime conduzisse os indivíduos a uma vida livre e ao mesmo tempo mantivesse o poder soberano do Estado em segurança. Segundo Spinoza, o Estado se constitui pela união dos indivíduos em prol de um bem comum, portanto só merecendo existir desde que represente os interesses da maioria da população, a Multitude, a soberania pertencerá então a Multidão em Estado democrático, visto que o autor considera tanto o regime monárquico e aristocrático incapazes de desempenhar a real função do Estado que é o desenvolvimento livre dos cidadãos. A partir do pensamento de Espinosa construiremos uma ponte buscando analisar o pensamento do filósofo Hegel (1770-1831) que, dois séculos depois, inspirado pela revolução francesa e o sonho de ampliação da participação do poder do Estado com ideais que pregavam “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” conduzirá a mesma discussão acerca do Estado destacando também a forma de regime que condiz com a sua real finalidade que para o autor também é a liberdade dos indivíduos. Para fundamentarmos de forma clara e coerente a comparação proposta analisaremos etapas importantes na estruturação de Estado, a fase anterior à sua constituição, os direitos universais, o reconhecimento do poder soberano e o papel do restante dos indivíduos frente ao Estado. Resgataremos o hipotético Estado de natureza utilizado de forma precursora por Hobbes como exercício analítico para abordagem de um período anterior a constituição do Estado. Por tratarmos de dois pensamentos com distanciamento cronológico de dois séculos Hegel discutirá pouco acerca deste estado hipotético, mais tratará de forma mais estruturada a constituição do Estado assim como o desenvolvimento histórico da sociedade que partirá de dois momentos iniciais: família e sociedade civil-burguesa. Muito embora não consigamos tratar da estruturação do Estado democrático que é considerado pelo autor Espinosa o melhor regime de governo faremos uma análise de sua discussão acerca dos Estados monárquico e aristocrático, tentando estabelecer relação com o pensamento Hegeliano. Comparemos então a constituição do Estado e as críticas a esses mesmos regimes em ambos os autores, assim como a fundamentação do sujeito detentor do poder soberano do Estado. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa nos utilizaremos da análise bibliográfica da obra dos autores Espinosa e Hegel, assim como de alguns de seus comentadores, porém por se tratar de uma pesquisa em andamento não daremos resultados ou conclusões aprofundadas sobre o tema.

Palavras-chave: Spinoza. Hegel. Soberania.

UMA REFLEXÃO SOBRE A CONCEPÇÃO FRAGMENTADA DE SAÚDE À LUZ DA TEORIA DA COMPLEXIDADE

CUNHA, Wirley Quaresma da. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: wirleyquaresma@outlook.com

A fragmentação dos saberes se instaura, sobretudo, na modernidade. Inspirado na exatidão da geometria, o método cartesiano se utiliza da análise, o qual prevê iniciar primeiramente pela divisão dos objetos mais complexos em partes mais simples, em outras palavras, para se conhecer o todo dever-se-ia começar pelo o estudo das partes, assim surgem as especialidades e as disciplinas. A hegemonia do modelo científico da modernidade pôde ser visualizada praticamente em todas as áreas do conhecimento, e com as ciências biológicas não poderia ser diferente. O corpo humano passou a ser objeto de estudo compreendido isoladamente, como um conjunto de órgãos e tecidos funcionando tal qual uma máquina. O modelo biologicista ou biomédico começou a ser questionado, sobretudo a partir da década de 60, pois não conseguia dar conta da complexidade da realidade humana. Assim, surge o movimento de reforma sanitária, com o intuito de superar a insuficiência do modelo médico clássico, orientado por uma nova concepção de saúde, de caráter ampliado, em contraposição a concepção de saúde circunscrita no corpo biológico. Apesar disto, a fragmentação na assistência à saúde vem sendo apontada com um dos principais obstáculos na consolidação do ideário desejado para o sistema de atenção à saúde, pois o indivíduo é visto em seus aspectos biológico, social e psicológico isoladamente, como se estas fossem instâncias ou departamentos separados. Percebemos que apesar das críticas indicando a insuficiência do modelo biomédico na saúde, ainda se tem uma compreensão compartimentada desta, a nosso ver, isto se explica pelo fato de o paradigma racionalista ainda não ter sido substituído por outro modelo epistemológico, assim, podemos dizer que ainda é um paradigma a ser superado. Atualmente, a Teoria dos Sistemas Complexos (TSC) se constitui como um importante campo de saber, propondo-se como novo paradigma científico em alternativa ao modelo desgastado de ciência moderna. Aquela pretende superar a visão fragmentada herdada desta com a religação de saberes, através da transdisciplinaridade. Desta forma, nos interessa perceber como a teoria da complexidade pode lançar luz à saúde coletiva, a fim de suplantando a visão fragmentada e compartimentada da saúde, oriunda do modelo reducionista cartesiano, e passar a compreender a saúde e o ser humano de forma holística.

Palavras-chave: Fragmentação dos saberes. Saúde. Transdisciplinaridade. Teoria da complexidade.

A SIMETRIA ENTRE A ALMA E A CIDADE EM PLATÃO

DANSIGER NETO, Germano Aparecido. Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: germanoadn@gmail.com

Ao investigar "A simetria entre a alma e a cidade em Platão" é preciso expor em linhas claras o que se quer dizer com a palavra "simetria" que se apresenta implicitamente nas discussões registradas pelo autor. O termo mais próximo que poderíamos empregar para definir, basicamente, o que "simetria" entendida no contexto grego, quer dizer, seria medida (métron) comum ou compartilhada (sym). Portanto, dizer que há uma "symmetria" entre a alma dos cidadãos (psyché-polítiké) e a cidade (pólis) significa dizer que há uma medida comum, entre a alma e a cidade, ou seja, a cidade funciona como um espelho cujo reflexo são os efeitos das escolhas dos seus cidadãos. As dificuldades contidas na tradução das palavras "psyché" e "politikós", bem como a "symmetria" entre elas, torna ainda mais complexo o entendimento deste fenômeno, sendo necessário delinear com precisão à luz dos seus significados. É sob este olhar que se localiza o foco desta investigação.

Palavras-chave: Psyché. Pólis. Symmetria.

OS UNIVERSAIS FANTÁSTICOS E A AUTO-ORGANIZAÇÃO

ESQUIVEL, Raquel de Andrade. Universidade Federal do Pará(UFPA). Orientador: Prof. Dr. Sérgio Nunes. Bolsista do Programa Panamericano de Defensa y Desarrollo de la Diversidad biológica, cultural y social.. E-mail: dra.raquelesquivel@hotmail.com

O pensamento do filósofo italiano Giambattista Vico surge em contraposição à filosofia racionalista moderna, que teve como seu maior expoente René Descartes. Em síntese, para VICO a racionalidade nem sempre foi característica da espécie humana, de forma que para ele, anteriormente ao desenvolvimento da razão, existiram estágios outros cuja lógica, de fato, diferia da racional cartesiana, visto que o homem primigênio não fazia uso de conceitos lógicos e abstratos, fato este ignorado pelos racionalistas, por conceberem a racionalidade como inerente à natureza humana. Nesta medida, VICO defende que na ausência de conceitos abstratos, os universais fantásticos, presentes no pensamento mítico, emergem de forma espontânea como princípio organizador da sociedade civil, do mundo e do ambiente. Segundo aduz, da barbárie teria se estruturado a sociedade e as instituições civis, sendo que a linguagem mítica forneceria a chave para o estabelecimento de uma Ciência Nova cujo objetivo é compreender como emerge a ordenação civil. A lógica característica do mito, é a lógica poética e, nesta comunicação se pretende estabelecer uma possível relação entre a filosofia Viquiana e a Teoria dos Sistemas Complexos (TSC), mais precisamente entre o conceito de Universais Fantásticos e o de Auto-organização desenvolvido por Edgar Morin. A Teoria dos Sistemas Complexos desponta como importante campo do saber por que se propõe como novo paradigma cognoscente como alternativa ao modelo racionalista cartesiano. Nesse contexto a relação com o conceito de auto-organização parece se mostrar pertinente, especialmente tendo em vista o fato de os universais fantásticos emergirem espontaneamente. Surgindo os seguintes questionamentos: é possível compreender os universais fantásticos como forma de auto-organização? De que modo a emergência desses universais se davam como forma princípio auto-organizativo do mundo

primigênio? Como a filosofia de Vico pode contribuir para o debate filosófico contemporâneo, tendo como pressuposto a lógica poética em contraposição à lógica cartesiana? A compreensão do percurso histórico-mítico e o estabelecimento da ordenação civil nos parece ser de grande valia para uma melhor elucidação acerca da emergência auto-organizativa no âmbito social, querela esta ainda pouco estudada.

Palavras-chave: Vico. Descartes. Universais fantásticos. Teoria dos Sistemas Complexos. Auto-Organização.

A GUERRA EM HEGEL

FACIROLI, Carlos Eduardo Nogueira. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Orientador: Prof. Dr. Pedro Geraldo Aparecido Novelli. E-mail: eduardo_facirolli@hotmail.com

Esse trabalho tem objetivo de discutir pontos importantes da Filosofia política de Hegel, como o Conceito de Guerra, uma vez que a Europa passava por turbulentas convulsões Bélicas.

Podemos destacar o profundo impacto da figura de Napoleão, casou na alma de Hegel, tendo ele escrito a seu amigo Niethammer em 13 de outubro de 1806: “Vi o imperador – esta alma do mundo – saía da cidade a cavalo para um reconhecimento; certamente é uma sensação maravilhosa a de ver um tal indivíduo que, subindo num cavalo, concentrado num ponto, abarca o mundo e o domina.” Tendo desde então a Guerra, além da revolução, fatores de suma importância no pensamento político do pensador, sendo para Hegel as muitas filosofias são etapas necessárias para que a razão tome consciência de si, e que na refutação de uma filosofia temos sempre elementos negativos que demonstram os limites, a unilateralidade de um princípio, e também seu elemento afirmativo que é sua justificação, sua compreensão da participação na Idéia. Sendo a última filosofia carregada de todas as outras anteriores, pois o configurado contradiz seu conteúdo e deve morrer, sendo preservado seu princípio na filosofia sucessora. Assim todas as filosofias refutadas aparecem como partes, momentos de apenas uma filosofia, que progride livre e determinada apenas pela necessidade da Idéia. Assim sua concepção de Filosofia, da História e Política, se condensam num sistema complexo e coerente, lembrando que como muitos outros pensadores Hegel é um homem de seu tempo, tendo sofrido influências e pressões decorrentes das tensões sócias e política que assolava a Europa. Esta pesquisa faz parte de corpo mais amplo de pesquisas ainda em andamento, tomando não só as relações políticas do tempo de Hegel, mas também os desdobramentos políticos que causaram no século XX.

Palavras-chave: Hegel. Guerra. Estado.

AS ANÁLISES SOBRE O TEMPO DE RAMSEY E SUA RESPOSTA AO PARADOXO DE MCTAGGART

FARIA, Adegmar Gomes de. Universidade Federal de Goiás (UFG). Orientador: Prof. Dr. Guilherme Ghisoni da Silva. Bolsista do CNPq. E-mail: adegmargomes@gmail.com

O objetivo desta comunicação é explorar as análises sobre o tempo de Ramsey e sustentar que ele apresenta elementos originais ao debate teoria-A/teoria-B (isto é, ao debate entre os filósofos analíticos que sustentam uma teoria metafísica temporal (tensed) e os que sustentam uma teoria metafísica atemporal (tenseless)). Pretende-se que tal objetivo seja alcançado a partir da resposta de Ramsey ao célebre paradoxo de McTaggart. Célebre porque a filosofia analítica do tempo se desenvolve (a partir do início do século XX) principalmente em resposta à tese da irrealidade do tempo de McTaggart, que pode ser resumida como se segue. O tempo aparece a nós, *prima facie*, de dois modos: (i) cada posição é passada, presente ou futura; e (ii) cada posição é anterior ou posterior a alguma outra posição. As posições no tempo (as quais designaremos como ‘momentos’) são ocupadas pelos eventos. Ao modo como os eventos, ou momentos, são passados, presentes ou futuros McTaggart denomina ‘série-A’; ele chama ‘série-B’ ao modo como os eventos, ou momentos, se relacionam entre si pelas relações de ‘antes’ e ‘depois’. Tempo envolve necessariamente mudança, que não pode ser obtida através das relações da série-B, mas somente a partir das características da série-A (passado, presente e futuro). Mas a aplicação da série-A à realidade envolve uma contradição e, conseqüentemente, o tempo é irreal. Segundo Ramsey, podemos imaginar uma série temporal de dois modos: (i) repassar os eventos, um depois do outro, na ordem em que eles aconteceram; ou (ii) ter todos os eventos em nossa mente de uma só vez, alinhados diante de nós. O primeiro modo preserva a qualidade temporal, mas é limitado para analisar as relações que os eventos da série mantêm entre si. E quando é isto que queremos, adotamos o segundo modo. Mas então a série perde sua qualidade temporal, a saber, a diferença entre antes e depois. Para restaurar esta diferença, somos inclinados a imaginar a presentidade se movendo pela série dos eventos alinhados diante de nós e a considerar a presentidade como uma característica, que seria possuída por um evento de cada vez ao se mover pela série (este ponto da resposta de Ramsey é bastante semelhante à versão de Wittgenstein da metáfora do projetor). Assim, Ramsey sugere que esta mistura daqueles dois modos de representação da série temporal teria sido, principalmente, o que levou McTaggart à absurda tese da irrealidade do tempo. Por fim, será sustentado que Ramsey se antecipa aos filósofos que afirmam que nem a possibilidade nem a impossibilidade de tradução, sem perda de sentido, de sentenças-A (sentenças temporais (tensed sentences)) para sentenças-B (sentenças atemporais (tenseless sentences)) são decisivas para determinar se a realidade, ela mesma, é atemporal (timeless) ou temporal (isto é, uma tese sobre a linguagem não é decisiva para determinar a verdade de uma tese metafísica). Assim, Ramsey apresenta elementos originais também ao debate teoria-A/teoria-B da linguagem.

Palavras-chave: Tempo. Teoria-A/teoria-B. Série-A/série-B. Metafísica do tempo. Mudança.

RELAÇÃO ENTRE SÓCRATES E A SOFÍSTICA POR MEIO DE UMA ANÁLISE DA RETÓRICA GORGIANA E PROTÁGORICA

FARIA, Aline Apipe de. Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). Orientador: Prof. Dr. Luiz Paulo Rouanet. Bolsista do CNPq. E-mail: aline3p14@hotmail.com

Tornou-se dominante a ideia de que a tradição filosófica, desde os tempos da Grécia Clássica, tem uma visão negativa da sofística. Diversos filósofos e historiadores da filosofia, entre os quais Platão e Aristóteles, retrataram, muitas vezes, com dureza, o ofício dos sofistas. Para muitos, os sofistas eram disseminadores de relativismo e meros mercadores do saber. Com o passar dos séculos e com os estudos visando uma ênfase diferente, a figura do sofista passou a ser valorizada por comentadores e estudiosos dos antigos. No texto *Os sofistas*, de Gilbert Romeyer-Dherbey, pode-se encontrar uma interpretação acerca do sofismo de forma a valorizar as obras que muitas vezes foram importantes tanto sob o ponto de vista educacional, quanto jurídico na Grécia. Para Romeyer-Dherbey, os sofistas usavam sua sabedoria em diversas áreas com o intuito de formar cidadãos com posse de bons argumentos para atividades como a política. Para isso, estes cidadãos deveriam ter um perfeito domínio, em especial, da linguagem e da retórica. Com isso, os sofistas, passam a ter papel importante e até mesmo indispensável na pólis grega, que vivia tempos bastante conturbados em seu governo. Também uma leitura atenta à *Paideia* de Werner Jaeger, mostra-nos uma diferente concepção da possível relação entre Platão e os sofistas. Jaeger elucida-nos, que o filósofo foi fundador de uma escola, portanto, parece estranho que Platão se manifeste de forma tão drástica contra a capacidade intelectual dos sofistas. Seguindo esta perspectiva, nós nos ateremos ao estudo do diálogo *Górgias* e também de outros como, especialmente, *Protágoras*. O estudo visa explicar o contato que Sócrates tem com os sofistas, levando em conta a retórica que é praticada de forma diferente pelos sofistas *Górgias* e *Protágoras*. Trabalharemos, portanto, com o intuito de mostrar a possível relação entre Sócrates e a sofística, de modo a desconstruir, mesmo que parcialmente, este preconceito que foi estabelecido com o decorrer dos séculos e estudos filosóficos.

Palavras-chave: Sofística. Retórica. *Górgias*. *Protágoras*.

NOTAS SOBRE A CRÍTICA MARXISTA DO DIREITO DE PIOTR STUTCHKA

FARIAS, João Guilherme Alvares de. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: joaoguilhermealvares@gmail.com

O objetivo deste trabalho é debater um dos capítulos de nossa pesquisa, ainda em andamento, sobre as similaridades e discordâncias da compreensão do direito nas obras

Direito e Luta de Classes: teoria geral do direito (1921), de Piotr Stutchka e A Teoria Geral do Direito e Marxismo (1924), de Evgeni Pachukanis. Propomo-nos, aqui, tratar do direito como um fenômeno objetivo, uma certa relação social geral que corresponderia ao interesse de classe (STUTCHKA, 1988, p. 47), de tal sorte que, assim como um "direito burguês", seria igualmente possível, ao despertar da revolução socialista, vislumbrar a possibilidade de um "direito proletário". Por meio do método teórico-comparativo, buscamos demonstrar cinco hipóteses específicas, sendo uma delas justamente direcionada a refletir as implicações que decorrem da conclusão de Stutchka e sua correspondência com o método de análise utilizado por Karl Marx na sua crítica à economia política, a ser exposta nesta comunicação. Nesse sentido, a importância desse estudo reside em primeiro lugar na necessidade de se ampliar a crítica marxista do direito, ainda incipiente no Brasil. Em segundo plano, tal como afirma Alysson Leandro Mascaro (2010) advogamos a necessidade de haver uma transferência mútua de conhecimento entre filosofia e direito, enriquecendo ambas as reflexões. Igualmente, a compreensão do direito a luz da crítica marxista, para nós, deve ser não apenas apropriada pela classe trabalhadora, mas utilizada como estudo voltado para a ação política revolucionária contra o capitalismo, com o auxílio de militantes e dirigentes organizados em movimentos sociais e partidos políticos.

Palavras-chave: Direito e Marxismo. Direito Proletário. Piotr Stutchka. Direito. Luta de Classe.

OS DADOS ESTÃO LANÇADOS: A ESCRITA INTENCIONAL EM SARTRE

FERNANDES, Lailson André; LIMA, Paulo Willame Araujo de. Universidade Estadual do Ceará (UECE). Orientador: Prof.^a Ma. Eliana Sales Paiva. E-mail: paulo.araujo@aluno.uece.br

O filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980) em seu livro *O que é literatura?* Aborda o conceito de escrita afirmando a diferença entre a literatura e outras expressões artísticas, por exemplo, a música e a pintura. Neste sentido, o presente artigo levanta a problemática sartreana sobre por que escrever literatura e tem por objetivo apresentar a importância da literatura no pensamento de Sartre. Tendo por referência literária o livro *Os dados estão lançados*, sob a metodologia expositiva de apresentar, inicialmente, o que é escrever, para posteriormente questionar por que escrever e, por fim, apresentar que a literatura, segundo as considerações do pensamento do referido filósofo, é intencional e possível de verificação no livro *Os dados estão lançados*, este artigo propõe responder à problemática supracitada para explicitar que ao escolher a literatura como forma de ação no mundo, o artista quer emitir uma mensagem intencional para o leitor, mas esse objetivo literário só é possível ser atingido por meio da prosa, mas impossível pela poesia. Assim, com o texto *O que é literatura?* Sartre evidencia claramente sua escrita como uma arte livre de qualquer acaso, uma escrita onde o autor é apenas um guia, mas que a obra só passa a existir quando o leitor assume o compromisso de objetivar a obra com sua leitura e sua subjetividade onde a

intencionalidade do autor como fruto da consciência agindo sobre a obra de forma reflexiva ajuda o autor a guiar o leitor rumo a uma leitura inicialmente endereçada, mas livre. Os dados estão lançados – um texto literário classificado, enquanto gênero textual, pela literatura como um romance e onde Sartre conta as experiências de uma suposta vida pós-morte para trazer sentido à vida enquanto existência concreta – enquanto uma obra literária expressa bem a finalidade da escrita na concepção sartreana do que é literatura, haja vista sua íntima relação com o pensamento existencial sartreano.

Palavras-chave: Escrever. Intencionalidade. Literatura. Existência.

A RELAÇÃO HOMEM, MUNDO: O COGITO E O DASEIN COMO MODOS ANTAGÔNICOS DE COMPREENDER ESSA RELAÇÃO

FERREIRA, André Prock. Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Orientadora: Prof.^a Dr.^a Glória Maria Ferreira Ribeiro. Bolsista do CNPq. E-mail: andreprock@hotmail.com

O nosso trabalho tem por objetivo analisar e o confrontar os fenômenos do Dasein e do cogito cartesiano visando compreender a crítica de Heidegger ao pensamento metafísico, notadamente aquele que se desenvolve no período Moderno, o qual desloca a questão do ser para a experiência do sujeito. Para tal, tomaremos como norte os parágrafos 19, 20 e 21 de “Ser e Tempo” presentes na seção “B. Contraposição da análise da mundanidade à interpretação de mundo de Descartes”. Segundo René Descartes (1596 – 1650), Homem e Mundo constituem duas substâncias distintas e independentes uma da outra, respectivamente *res cogitans* e *res extensas*. Desse modo, a relação entre as duas substâncias se daria apenas quando o mundo, tomado como objeto, fosse representado no pensamento através de uma relação de conhecimento. Em suas *Meditações Metafísicas* (1641), Descartes abre um abismo entre homem e mundo, ao considerar a existência humana apenas enquanto pensamento, em ato de pensar. Conforme diz Descartes na segunda meditação: “(...) cumpre enfim concluir e ter por constante que esta proposição, eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito” (DESCARTES, 1991, p. 174). Estabelece, assim, a primeira certeza, ou seja, a certeza da existência enquanto ato de pensar. Pensamento que se faz presente, nessas *Meditações*, por meio da dúvida metódica. Em contraposição a essa concepção de existência, Martin Heidegger (1889 – 1976) em sua analítica existencial empreendida em “Ser e Tempo” (1927) investiga a existência humana em sua estrutura fundamental, qual seja, a estrutura ser-no-mundo (*Dasein*). Diferentemente de Descartes, no pensamento de Heidegger não se pode pensar homem\mundo como duas realidades distintas, isto porque para este autor, mundo se constitui como um horizonte de possibilidades de ser pertencentes ao próprio homem em sua existência. Mundo nada mais é ser-com os outros, ser-junto-as-coisas e ser-em-função-de- si mesmo; ou seja: mundo, considerado em si mesmo é o puro poder ser no qual o homem se encontra lançado em sua existência, isto é, enquanto *Dasein*.

Analisar e confrontar o cogito e o Dasein, nos permitirá dimensionar os pressupostos da hermenêutica utilizada por Heidegger em suas leituras da tradição metafísica.

Palavras-chave: Homem. Mundo. Substância. Ser-no-Mundo.

DESCARTES E BACON: SOBRE O MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO DA NATUREZA

FERREIRA, Kailani A. P. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).
Orientador: Prof. Dr. Kleber Cecon. E-mail: kai_ferreira@yahoo.com

O presente trabalho visa estabelecer um diálogo entre os métodos de investigação da natureza de dois autores: René Descartes e Francis Bacon, e propiciar um embate entre ambos.

Ambos os métodos são, entre si, inconciliáveis, mas ambos podem ser apontados com algumas proximidades significativas, e diferenças também notáveis, quais repercutiram no curso da ciência moderna. Para expor isso, o trabalho será desenvolvido em três partes: (i) As bases dos métodos de ambos os autores, (ii) as proximidades e diferenças mais notáveis e (iii) o embate na ciência moderna que seus métodos tiveram.

Palavras-chave: Descartes. Bacon. Método científico.

SÓCRATES E OS PARADOXOS DO ENSINO DA FILOSOFIA

FERREIRA, Rafael de Melo. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). E-mail: rafaelmmf1@gmail.com

Em seu livro *Filosofia: O Paradoxo de aprender e ensinar* Walter Omar Kohan dirá que Sócrates é um momento inicial a todo aquele que ocupa o espaço de professor de filosofia. Contudo, Sócrates, julgando nada saber, foi capaz de ensinar, sem saber coisa alguma, transmitiu conhecimento, sem escrever, filosofou. Por nada ter escrito não podemos encontrar a figura socrática em seus próprios escritos, mas nos escritos de Platão, em seus diálogos. Ao longo de tais diálogos encontram-se variadas tensões e polêmicas, destarte não podemos estabelecer, a Sócrates, um sistema de pensamento que conduz todo o seu modo de pensar, mas, todavia, podemos auferir conclusões importantes acerca do ensino da filosofia. Tais conclusões mostrarão que o ensino da filosofia acontece em três dimensões ou campos: dimensão política, educativa e filosófica. Tomando como base do diálogo *Apologia* de Sócrates percebe-se que Sócrates se depara com essas três dimensões, que darão origens aos paradoxos do ensino da filosofia, que são: O professor de filosofia só será um político quando praticar uma política diferente da polis. O professor de filosofia afirma que não é um professor, no entanto, os alunos aprendem com ele. O professor é mais sábio por afirmar que nada sabe. Ao conhecedor dos diálogos, essas características são marcadamente socráticas. Elas estão presentes na dimensão política, educacional e filosófica, respectivamente. De

modo geral, o intuito desse trabalho é analisar os paradoxos relacionados ao ensino da filosofia sob a perspectiva das dimensões políticas, educacionais e filosóficas a partir do diálogo *Apologia* de Sócrates.

Palavras-chave: Paradoxo. Ensino. Sócrates.

O ELENKHOS EM APOLOGIA 21b-22a

FITIPALDI, Danilo. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lucia Rocha Ferreira. Bolsista da FAPESP. E-mail: danfitipaldi@gmail.com

Trata-se de analisar o sentido do termo *elenkhos* em *Apologia* de Sócrates de Platão, 21b, onde Sócrates coloca a prova o sentido do oráculo que o definia como o mais sábio dos homens. A partir da investigação socrática em busca do sentido da palavra oracular, sua obediência categórica ao deus de Delfos é a característica que define seu modo de investigação do sentido da palavra do deus, palavra essa verdadeira, seu modo de vida e o despertar de sua filosofia, no limite, sua atividade investigativa na pólis grega é fruto de sua obediência ao deus, obediência com duplo significado: como forma de buscar o sentido da revelação aporética delfica e obediência as leis da cidade que era sua maneira de resistir. Submetendo-se as leis, tentava provar sua atitude filosófica e intenção moral. Como o saber humano e o saber divino podem estar intrinsecamente ligados ao desenvolvimento da filosofia socrática é uma questão posta pela *Apologia* a partir da revelação delfica, pois a partir da revelação (sagrado) é que a atividade investigativa (racional) socrática desperta com maior força. O desejo de *alétheia* (desvelamento; verdade) é imbuído pela pré-ciência divina, pela palavra de Apolo em Sócrates. Assim, analisar o sentido do *elenkhos* em *Apologia* 21b é entender a medida do valor da obediência socrática ao deus, é verificar o sentido do sagrado e do racional, se efetivamente são dois saberes antagônicos e em que ponto esses dois conhecimentos, se intrínsecos a ou antagônicos, dialogam e estruturam o pensamento socrático, em que dimensão esse desenvolver da razão socrática é uma tentativa de refutação a palavra verdadeira do deus de delfos ou se é uma tentativa de saber o sentido da revelação divina, assim tornando-a irrefutável.

Palavras-chave: *Elenkhos*. Dialética. Oráculo. Mântica.

PLATÃO E A DESCOBERTA DO EU

FREITAS, Bárbara de Abreu. Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). Orientador: Prof. Dr. Luiz Paulo Rouanet. Bolsista da FAPEMIG. E-mail: barbara-fr-ab@hotmail.com

O pensamento grego antigo era influenciado por seu grande educador Homero. Nos seus poemas notamos as descrições de feitos heroicos, grandes jornadas, guerras, além da direta intervenção dos deuses da vida dos homens. Temos razões para afirmar que, no

pensamento arcaico, não havia ainda condições de primeira pessoa, como mostra Jung. Quando se ouvia as vozes dos deuses, estas seriam a voz da consciência ainda não identificada falando. Nesta comunicação, nós nos basearemos na tese de que a psyche platônica seja a instauração de um novo modo de pensar. Em outras palavras, faz-se presente o pensamento consciente. Assim, a alma seria esse verdadeiro eu. Desta forma, Platão inova em sua filosofia. Baseada na razão dialética, a nova educação proposta por Platão rompe com o pensamento mimético, segundo o qual a repetição dos grandes poemas formava a base de opiniões e crenças da sociedade. Assim, ao conversar com um dos seus interlocutores sofistas, Sócrates (como um personagem de Platão), ao perguntar algo, motivava pelo seu método a estimulação de uma reflexão e não apenas uma repetição por parte desses interlocutores. Tentaremos no decorrer da comunicação demonstrar como Platão instaurou um novo tipo de educação na Grécia e como se dá o surgimento da psyche como eu. Dessa forma, ao analisar o livro *A república*, notaremos as rupturas com o pensamento Homérico. No entanto, nosso foco não será o diálogo em si, mas sim o argumento da alma presente nos diálogos. Como hipótese de pesquisa, além de um meio de argumentação com seus interlocutores (se faz presente aqui a tese de um realismo platônico), o argumento da alma seria usado como uma inauguração do pensamento racional. Assim, a inscrição do Oráculo de Delfos se faz presente. O cuidado da alma chamaria atenção para o cuidado que teríamos que ter com a consciência racional. Nós nos basearemos em três autores: Eric Havelock, com a tese de Platão ser um novo educador Grego, Werner Jaeger, em seu desenvolvimento sobre a formação do homem grego e no psicanalista Jung, com a tese que nos mitos homéricos ainda não havia um pensamento consciente.

Palavras-chave: Platão. Psyche. Eu. Consciência.

VIGIAR E PUNIR: PANOPTISMO INFORMACIONAL NOS ANOS 2000?

FREITAS, Felipe Sampaio de. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: felipesampaiodefreitas@gmail.com

Vigiar e Punir (Surveiller et punir, 1975), obra de Michel Foucault, pode superficialmente nos levar ao intuito de que trata apenas da origem da prisão demarcando historicamente seu nascimento, desenvolvimento e concretização – meados do século XVIII quando ainda não era a formal privação de liberdade que temos hoje, mas sim caracterizada pelo suplício: punição violenta e pública – até sua contemporaneidade, que define-se talvez pelo isolamento do indivíduo apenas correspondendo ao assim chamado “sistema carcerário”; ou de que se trata de um trabalho acerca das leis e códigos jurídicos que compõe o direito penal. É claro, estas premissas estão corretas e fazem parte da obra. Entretanto, *Vigiar e Punir* é muito mais do que um aglomerado de fatos históricos acerca da origem do cárcere, da privação de liberdade, da punição e da vigilância: simultaneamente a obra constitui-se como uma crítica sócio- política à sociedade moderna, definida por Foucault como sociedade disciplinar, produtora de indivíduos disciplinados, dóceis e úteis, sociedade esta que é

“individualizadora”, “normatizadora”, “disciplinarizadora”, que cria saberes e poderes controladores na qual, cognoscitivamente, venham subjetivar o homem à medicina, pedagogia, ao serviço militar, etc., por meio de dispositivos reguladores tais como, prisões, escolas, quartéis... Ponto importantíssimo de nossa discussão encontra-se no capítulo III, sob o título “Panoptismo”, que evoca-nos a figura do ilustre filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham: quando na obra de Foucault avoca-nos a questão do “controle” dos corpos e indivíduos apenados, nos vem à tona a questão do modelo arquitetônico do panóptico de Bentham. Modelo este que visava à subjetivação dos detentos através do repasse da sensação de total monitoramento que o projeto provocava sob os mesmos, exemplificando, o controle firmado sobre os presos deveria ser tal qual a de “ver, sem ser visto”. A propósito desta sensação de controle intenso introduzimos a “causa motora” deste trabalho que versa sobre nosso dia-a-dia e cotidiano: em tempos de grandes avanços tecnológicos, na área da comunicação, informática, etc., esta estrutura panóptica se perfaz e estende para níveis nunca anteriormente vistos. Muito embora Foucault tenha constatado e registrado em seu livro fatos que são atuais até hoje, o mesmo não vivera para presenciar a fundo este fenômeno que se tornou a internet: o que diferencia e caracteriza o homem urbano comum, hoje, é seu nível de informação acerca dos fatos que condizem com a vida coletiva, não importando a qualidade desta informação, se boa ou má, verídica ou fantasiosa, motivadora ou neutra. Neste trabalho propomos a análise deste fenômeno informacional analogamente com o tema do panóptico presente em *Vigiar e Punir* a fim de averiguar até que ponto a internet deixa de ser este veículo informacional para tornar-se um mecanismo de vigilância e controle, para tal percorreremos alguns pontos primordiais das obras *Microfísica do Poder* (1979) e *Vigiar e Punir* (1975), de Foucault, bem como alguns tomos da obra *Cibercultura* (1997), de Pierre Lévy, este último, que dedicou seus estudos centralmente à questão da informática e seus avanços no século XXI.

Palavras-chave: Internet. Poder. Panóptico.

CONSIDERAÇÕES NIETZSCHEANAS SOBRE O PERCURSO DA INTUIÇÃO DE TALES A HERÁCLITO

GAZOLA, Iago Orlandi. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Orientador: Prof. Dr. Márcio Benchimol Barros. E-mail: iago_gazola@hotmail.com

O objetivo do trabalho é comentar as considerações que Nietzsche faz sobre o desenvolvimento da intuição como método usado pelos pensadores nos primórdios do pensamento filosófico. Para isso, serão discutidos os sistemas filosóficos dos três primeiros filósofos descritos por Nietzsche na sua obra de juventude “Filosofia na era trágica dos gregos”: Tales, Anaximandro e Heráclito. A pesquisa se restringirá a esses três pois pretende focar na ênfase que Nietzsche dá ao pensamento de Heráclito como um momento em que o pensamento intuitivo atinge seu ápice na atividade filosófica e usará os dois anteriores, Tales e Anaximandro, para mostrar os caminhos percorridos pela intuição até chegar à filosofia heraclítica, que põe em evidência o devir do mundo.

De acordo com Nietzsche, Tales e Anaximandro também contribuem para o desenvolvimento da intuição e trazem novas discussões que serão assimiladas, mais tarde, pela tradição que será formada. O filósofo alemão afirma que Tales, como o primeiro pensador da filosofia, inova e se distingue da tradição anterior, fundada na mitologia, ao retirar o antropomorfismo do núcleo do pensamento e introduzir, em seu lugar, indagações que se ocupam de elementos da natureza e procuram um princípio fixo para as coisas do mundo. Ainda segundo Nietzsche, num segundo momento, Anaximandro, ao introduzir a ideia do "Indefinido" como o princípio eterno do mundo, do qual nascem as coisas definidas, predicáveis, fortalece o progresso da intuição, pois começa a retirar a fixidez do pensamento e, apesar de permanecer na aporia, conforme Nietzsche, abre caminho para a importante contribuição trazida por Heráclito, que traz um novo modo de considerar o mundo. A intuição em Heráclito alcança seu principal ponto ao retirar completamente qualquer ideia de substancialidade imóvel da constituição das coisas. Apesar de ele ainda considerar um princípio para o mundo, este princípio já não supõe nenhuma ideia de fixidez e imobilidade. Seu princípio é o fogo, que está sempre em movimento. Seu mundo também é o movimento. Para Nietzsche, Heráclito, justamente por considerar o mundo sempre em movimento, cria um novo modo de enxergá-lo. Ele o vê como um jogo estético, que nunca tem fim e é completo no criar-se e destruir-se. A intuição alcança toda a sua força com esse filósofo e se revela como o motor do pensamento dos pré-socráticos e, por isso, é digna de consideração, embora não fomenta muitos debates e pertença a um modo mais flexível de filosofar.

Palavras-chave: Intuição. Pré-socráticos. Nietzsche.

A POTÊNCIA VITAL E SUAS DIREÇÕES EM BERGSON

GHIRALDELLI, Paulo Francisco Martins. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Orientador: Prof. Dr. Paulo Cesar Rodrigues. E-mail: pfmg27@gmail.com

A vida foi sempre objeto de indagação e fonte de contemplação estética. Sua forma orgânica parece se mostrar completamente diferente do resto dos objetos do mundo. Vários filósofos, como Aristóteles, Kant, Bergson etc., pensaram a natureza e a vida. Além disso, vários estudiosos tentaram construir uma ordem, classificar esses seres tão particulares, e até encontrar neles uma hierarquia. Tarefa complicada, pois a Vida parece ter infinitas formas, formas estas que nem sempre são bem determinadas. A Teoria da Evolução de Darwin, assim como outras, propõe um elo entre todas as formas de vida e a transformação de uma vida primitiva em diversas espécies diferentes. Visto desta perspectiva, a tarefa de classificação e hierarquização parece tomar um rumo. Bergson, tendo em vista as teorias evolutivas de sua época, tentará expor sua própria teoria no livro chamado A evolução criadora. Esta obra visa muito mais que uma simples teoria da evolução, mas toda uma compreensão da realidade vital como um impulso que gera seres vivos e dá a possibilidade deles evoluírem em direção a uma

consciência cada vez mais ampla. O trabalho a ser apresentado discutirá um pouco do segundo capítulo dessa obra: “As direções divergentes da evolução da vida. Torpor, inteligência, instinto”. No primeiro capítulo da obra, Bergson confronta a ideia darwiniana de que a evolução ocorre por acidentes acumulados durante o tempo, assim como a ideia teleológica lamarckiana, na qual a vida tem um objetivo certo a ser realizado. Em contrapartida, ele trará a ideia de élan vital, dizendo que a vida se desdobra durante a evolução em vários caminhos, porém com certa direção, e neste ponto se reaproximando do finalismo de Lamarck, embora num novo sentido. Ele irá propor que a direção da evolução da vida deve ser compreendida a partir das três tendências que foram ditas no título. Estas três tendências ou habilidades da Vida serão, por sua vez, comparadas às três almas aristotélicas (vegetal, animal e racional). Bergson recusará a hierarquia entre essas categorias para então compreender essas três capacidades como existentes em todos os seres vivos, desde o primeiro ser vivo – que teria em si toda a potência a ser desenvolvida, mas que durante o longo processo evolutivo essas tendências foram sendo dissociadas. Apesar de Bergson recusar a ideia de um objetivo determinado da vida, ele acredita que a vida tem sua expressão máxima na efetivação de uma consciência profunda e diversa. O papel da evolução será trazer à tona a Vida como ela é em sentido último: espontaneidade, princípio este que também é o mesmo da consciência, de forma que consciência e vida irão confluir.

Palavras-chave: Bergson. Evolução. Élan vital. Inteligência. Instinto.

SARTRE: O CONFRONTO DE IDEOLOGIAS ENTRE O HOMEM E DEUS NA PEÇA AS MOSCAS

GOMES, Ester da Silva. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis). Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carla Cavalcanti e Silva. Bolsista da FAPESP. E-mail: esters.gomes@hotmail.com

Segundo Sartre, o homem está condicionado a ser livre para escolher e tomar decisões. Porém, essa mesma liberdade é regida por consequências que recaem sob sua exclusiva responsabilidade. Este pensamento está presente na peça teatral, *As Moscas* de 1943. Nesse drama, Sartre, além de expor sua filosofia existencialista, constrói uma metáfora de seu tempo já que a peça faz alusão à invasão alemã no território francês, conhecido por “governo de Vichy”. Ela é uma releitura do mito de Orestes, e se a história deste mito permanece imutável, o que muda é o tratamento que o escritor dá a seu drama, transformando a tragédia da fatalidade em tragédia da liberdade. Esta comunicação debruça-se em alguns aspectos da filosofia sartriana para compreender a composição dos conceitos transpostos da filosofia à literatura. Objetiva-se também, confrontar as ideologias de Orestes e o deus Júpiter. Enquanto Orestes é a representação do homem existencialista, aquele que responsabiliza-se por suas ações, e coloca-se como sujeito em constante mudança; o deus Júpiter é a representação da crença de um plano metafísico, do qual ao fim da peça, Orestes rompe definitivamente o vínculo com o deus. A existência humana ou o próprio “viver” implica numa atitude de escolha. A

todo momento pessoas escolhem e posicionam-se; seja a escolha pequena ou grande a ponto de interferir na vida do outro. O sujeito que dela se exime, automaticamente exerce este poder: a escolha de se eximir. Portanto, deseja-se realizar uma análise discursiva dos personagens tendo em vista a filosofia sartriana, bem como fazer uma reflexão de como o filósofo consegue projetar seu pensamento na peça. Assim, vê-se que os conceitos como liberdade, responsabilidade, atitude e consequência migram do plano filosófico e ganham forma na obra literária. Ou seja, saem do plano conceitual do qual a filosofia pertence e criam uma representação do mundo (narrações). Tem-se como suporte a conferência de Sartre *O existencialismo é um humanismo* (1946) que é um vital apoio pois seu teor filosófico guia-nos a encontrar os aspectos da filosofia na sua obra literária.

Palavras-chave: Sartre. Existencialismo. As Moscas.

A POSSIBILIDADE DE UMA CIÊNCIA EMPÍRICA: UMA ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE KANT E POPPER

GOMES, Paulo Uiris da Silva. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizabeth de Assis Dias. E-mail: paulouiris@gmail.com

Este trabalho tem como objetivo principal analisar e comparar as concepções de Popper e de Kant acerca da possibilidade da ciência empírica. Kant toma como modelo de Ciência Natural a Física de Newton, levantando a questão de como seria possível uma ciência pura da natureza. Popper, por sua vez, tem como modelo de Ciência a Física de Einstein, e, justamente por esta suceder a Física newtoniana, o filósofo austríaco interpreta a questão da possibilidade da Ciência numa perspectiva de progresso do conhecimento. Parecia inconcebível para Kant que a teoria newtoniana fosse inferida apenas de observações, isto é, seguisse uma lógica indutiva. Ainda que tivesse aprendido com o ceticismo de Hume que não podia haver conhecimento seguro de leis universais, pois para o filósofo inglês, todo o nosso conhecimento é fundado na observação, a precisão e demonstrabilidade da física de Newton impeliu Kant a admitir um conhecimento teórico seguro. Diante desse impasse Kant levanta a questão: “Como é possível uma ciência pura da natureza?”, dado que sua possibilidade é confirmada por sua realidade. Assim, o filósofo de Königsberg compreende que a teoria de Newton não era resultado simplesmente da observação e do método indutivo, mas era criação, produto da inteligência do próprio Newton. Desse modo, Kant conclui que é a inteligência humana que inventa as leis da Natureza, ou seja, nosso intelecto não retira suas leis da Natureza, mas as impõe a Ela. Popper, por seu turno, tendo testemunhado o declínio da soberania da Física newtoniana frente ao êxito da teoria de Einstein, compreende que, independente de uma ou outra serem verdadeiras ou falsas, esse conflito de teses nos mostra que o saber no sentido clássico, o saber certo ou a certeza não são possíveis. Por conseguinte, Popper concorda em parte com Kant, no que se refere a nossas teorias serem criações livres de nosso intelecto, discorda, porém na validade e efetividade dessas criações, para Popper, nós – tentamos – impô-las à

Natureza, contudo essa tentativa é, na maioria das vezes, malsucedida. Apenas raramente ela se aproxima da verdade, e nunca podemos ter certeza de sua validade: O conhecimento é fundamentalmente conjectural.

Palavras-chave: Popper. Kant. Ciência. Conjecturalismo.

A QUESTÃO ACERCA DA JUSTEZA DOS NOMES NO *CRÁTIL* DE PLATÃO

GOMES, Robson Farias. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: robsongomes_15@hotmail.com

A proposta deste trabalho é investigar e transparecer a temática acerca da linguagem – a possibilidade da justeza nos nomes – exposta no diálogo *Crátilo*, de Platão, com o propósito de apresentar de forma concisa, os principais pontos de vista dos personagens *Crátilo* e *Hermógenes*, que são os representantes de duas teses antagônicas entre si, tendo *Sócrates* como mediador e condutor do debate. Nossa apresentação ressaltará três aspectos envolvendo a questão acerca da justeza dos nomes, a saber, a delimitação dos aspectos centrais da obra, que em linhas gerais envolve um conflito de pensamentos e concepções entre os dois personagens e *Sócrates*; os argumentos empregados por *Hermógenes* e *Crátilo*, defensores, respectivamente, das teses convencionalista e naturalista; as impressões de *Sócrates* e suas considerações, nas quais a linguagem passa a ser pensada sob o contexto de uma incipiente teoria das formas.

Palavras-chave: *Crátilo*. Linguagem. Platão.

A RAZÃO INSTRUMENTAL NO CINEMA DE FICÇÃO CIENTÍFICA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO

GONÇALVES, Luiz Felipe Xavier. Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Orientador: Profº Dr. João Evangelista Tude de Melo Neto. E-mail: felipexter@hotmail.com

Em linhas gerais, nosso trabalho visa examinar, num primeiro momento, os principais argumentos de Adorno e Horkheimer, em *Dialética do Esclarecimento*, no que diz respeito à noção de razão instrumental. Num segundo momento, à luz desse conceito, pretendemos analisar algumas produções cinematográficas importantes para a história do cinema, extraindo pontos significativos em comum ao conceito de razão instrumental. Na *Dialética do Esclarecimento* nossos teóricos apresentaram uma análise negativa acerca do cinema, pois entendem a “sétima arte” como um mero instrumento da indústria cultural. Nós, contudo, enxergamos a possibilidade de fazer um caminho inverso. Isso porque, no cerne da Teoria Crítica, há um caráter dialético que revela uma clara aversão aos sistemas filosóficos fechados. Isto é, a Teoria Crítica consiste em ser

aberta e inacabada, ou seja, a todo o momento, ela exige do teórico uma constante renovação dos seus conteúdos temáticos. Ora, é justamente este caráter dialético da Teoria Crítica que motiva nossa pesquisa. Adorno e Horkheimer já declararam, em *Dialética do Esclarecimento* que o próprio texto não deveria se manter intacto. Seria incompatível com uma teoria de núcleo temporal. Nesse sentido, essa ideia parece corroborar e estimular ainda mais nossa pesquisa, já que demonstra o caráter histórico do texto que é, por isso, passível de revisões e intervenções. É essa exigência histórica da Teoria que permite a observação de fenômenos que, à época de nossos teóricos, não existiam ainda ou ainda estavam em pleno desenvolvimento, como é o caso do cinema. Ora, analisar o cinema contemporâneo de um modo contrário àquele que os frankfurtianos se propuseram não é uma subversão da Teoria Crítica, mas sim um desdobramento a partir da premissa da exigência de renovação histórica. Entender algumas produções cinematográficas como aliadas nesse processo de crítica à sociedade "tecnificada" é, na verdade, compreender que elas não se enquadram, totalmente, no padrão "hollywoodiano-capitalista" que visa, além do lucro, ser uma cartilha para a vida das massas. Nesse sentido, entendemos que é necessário verificar se é possível enxergar a "sétima arte", de fato, como um produto da Indústria Cultural, que promove o controle das massas e gera lucro ao capitalismo, ou como uma arte que realiza críticas ao modelo cientificista.

Palavras-chave: Teoria Crítica. Cinema. Razão Instrumental. Escola de Frankfurt.

A CRÍTICA DE DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO AO PROJETO ILUMINISTA

GONDIM, Paula Cristina Padilha. Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Orientador: Prof. Dr. João Evangelista Tude de Melo Neto. E-mail: gondimp@gmail.com

Muito já se falou sobre a crítica que Adorno e Horkheimer desferiram ao projeto iluminista em *Dialética do esclarecimento*. Entretanto, entendemos que pouco se fez no que diz respeito a uma contrapartida teórica a essa crítica. Em outras palavras, enxergamos ser necessário realizar um estudo minucioso das principais noções iluministas para, a partir disso, efetuarmos de fato o exame teórico acerca da validade da crítica dos frankfurtianos. Podemos dizer que o ponto de partida do iluminismo é uma extrema confiança no poder da razão esclarecida, cujo desenvolvimento progressivo levaria a humanidade a uma melhoria de condições sociais, políticas, morais e materiais. Os conhecimentos científicos e técnicos, frutos do desenrolar da razão esclarecida, serviriam como ferramentas para promover a caminhada da civilização ao progresso. Esse processo progressista da razão também conduziria os homens à libertação em relação aos mitos, superstições, dogmas e tiranias. Assim sendo, somente através do pensamento esclarecido é que a humanidade chegaria à maturidade, pois o homem emancipado seria um sujeito autorreflexivo e guiado por seu próprio intelecto. Entretanto, em *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer

colocaram em xeque esse otimismo iluminista em relação aos poderes da razão esclarecida e ao contínuo progresso material e espiritual da humanidade. Para estes pensadores, o que assistimos na contemporaneidade não é uma real melhoria das condições culturais e materiais, mas uma degradação e tutela da humanidade. No entender dos frankfurtianos, esse fracasso do projeto iluminista poderia ser explicado a partir de um exame do próprio iluminismo, pois nele já estaria contido o germe de seu fracasso – no iluminismo haveria um elemento obscurantista exercendo uma contínua contradição no seu caminhar. Esse elemento obscurantista seria a noção de razão instrumental. Isto é uma razão que caracterizar-se-ia pelo tipo de relação que ela estabeleceu com a natureza, uma relação de dominação e controle. Assim, para melhor observarmos a validade deste argumento frankfurtiano, realizamos um estudo minucioso nos textos iluministas. Primeiro elencamos e examinamos as principais noções do projeto iluminista. Isso se deu a partir de textos-chaves do iluminismo, como O que é o esclarecimento de Kant, assim como textos de outros filósofos iluministas como Diderot e Voltaire. Numa segunda fase nos voltamos ao exame do prefácio de dos três primeiros capítulos de Dialética do Esclarecimento, com o objetivo de entender e elucidar a crítica de Adorno e Horkheimer ao projeto iluminista. Por último realizamos a confrontação entre os resultados das duas primeiras fases da pesquisa. Colocando à prova as teses de Dialética do Esclarecimento.

Palavras-chave: Dialética do Esclarecimento. Iluminismo. Autodestruição do Esclarecimento.

O CORPO SEM ÓRGÃOS E O DESEJO: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA PSICOLOGIA CRÍTICA

GORJON, Melina Garcia. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis). Orientador: Prof. Dr. Wiliam Siqueira Peres. E-mail: gorjon.melina@gmail.com

Esta comunicação busca problematizar o conceito de Corpo sem órgãos (CsO) na obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari. O conceito foi transposto para o plano de imanência do pensamento por Deleuze e Guattari da obra estética de Artaud. Atonin Artaud foi um teatrólogo, ator e poeta Francês. Sua obra se esbarra na questão do corpo institucionalizado, dócil e útil isso em decorrência de sua experiência em internações. Uma das questões pertinentes na obra de Artaud é no que tange a esquizofrenia, diagnóstico dado a ele, onde a expressão de sua arte, do seu "teatro da crueldade" era visto como uma expressão doentia pela sociedade e pelos operadores da saúde mental da época em questão. Para Deleuze e Guattari esta expressão de Artaud era uma expressão poética, era um sintoma, mas um sintoma de um corpo potente, expressando desejo, um corpo que não se conformava ao ser organizado, decodificado e estratificado. O conceito de CsO pode ser situado em toda a obra de Deleuze e Guattari explicitamente ou nas entre linhas. Os conceitos produzidos pelos referidos autores estão conectados e produzem diálogos, não são unos, não possuem um componente, mas vários, possuindo um caráter múltiplo de criação e constituição. Neste cenário, faz-

se necessária a “problematização” de forma “rizomática” além da cartografia dos livros que deve evidenciar a respeito da atualização do conceito de corpo sem órgãos produzido por Artaud, para os operadores da psicologia na atualidade. Este estudo instiga o estudo do paradigma da esquizoanálise de Deleuze e Guattari. Para a psicologia a questão do desejo é fundamental, para se pensar a autonomia dos sujeitos que buscam atendimento psicológico. CsO é o plano de imanência do desejo, O plano de imanência é entendido como o suporte do desejo e o desejo é o motor da vida. O desejo esteve e está presente nas discussões teóricas de psicanalistas e psicólogos. Para Deleuze e Guattari o desejo não é faltante, mas se processa e é produzido no campo social, ele é revolucionário, é uma produção ética/estética/política. Sendo assim, o CsO não está se angustiando com as mercadorias, o dinheiro, os títulos ou os horários. Sua preocupação é por produzir outros modos de viver, caminhar e sentir o mundo. Percebendo que as sensações podem ser experimentadas de outro modo: desorganizar o organismo, pensar com a pele, saborear por meio do olhar, perceber os dizeres do estômago e observar com os ouvidos. O CsO não é órgãos sem corpo, ele não recusa os órgãos, mas sim o organismo, que é a estrutura que ordena os órgãos. O organismo é um estrato posto no CsO. Dentro deste panorama onde o desejo é um processo de produção, ou melhor, um laboratório de si mesmo, esse CsO é instrumento para desejar. Com isso, este estudo, buscar dar visibilidade à esquizoanálise e à filosofia da diferença, dando uma contribuição para uma Psicologia Crítica e atualizada guiada por um paradigma ético-estético-político de intervenção nos territórios subjetivos.

Palavras-chave: Corpo sem órgãos. Desejo. Esquizoanálise.

CONTRAPROPOSTA A TEORIA DE DESCARTES, MEDIANTE ABORDAGEM SOBRE O PENSAMENTO EMPÍRICO DE LOCKE E HUME

GRAÇA, Aline Vanessa Brito da. Universidade do Estado do Amapá (UEAP). E-mail: alinevanessa1989@yahoo.com.br

No que se refere ao período Moderno, temos o racionalista René Descartes, e os empiristas John Locke e David Hume como teóricos que tiveram contribuição para a construção das teorias do conhecimento. Assim, o presente artigo tem como objetivo fazer um levantamento acerca das contraposições ao pensamento de Descartes, segundo os empiristas Locke e Hume. Mostrando primeiramente o contexto histórico que Descartes passa a articular suas ideias no que refere ao princípio e fundamentação do conhecimento humano, visto que o mesmo estava inserido em um período de transição entre o declínio da Igreja Católica e o surgimento da Modernidade, período este marcado pela quebra de paradigmas, apresentando assim a dúvida cartesiana, para que então, seja possível identificar as falhas encontradas por Locke no que se refere ao pensamento de Descartes e mediante a esses erros mostrar a viabilidade da sua teoria, firmada no empirismo, apresentando uma perspectiva que se difere ao pensamento de Descartes. Locke afirma que a experiência é o que fundamenta a verdade, sua teoria surge com o intuito de encontrar algum princípio fundamentado que sustente a origem

do conhecimento . Em um segundo momento, expor as críticas feitas por Hume à Descartes, críticas essas voltadas à dúvida hiperbólica e a prova ontológica utilizada pelo filósofo francês como explicação da realidade, visto que para Hume, Descartes na tentativa de superar o ceticismo extremado vigente na sua época, acaba por aprofundá-lo, pois ao recorrer a dúvida hiperbólica como tomada para refutar o ceticismo, abre possibilidades para novos questionamentos, já que o problema do mundo externo continuava em questão, E, finalmente, apontar o que difere o pensamento de Locke em relação ao de Hume, visto que ambos são filósofos empiristas, pois, acreditavam que a única fonte segura para o conhecimento humano estava na experiência, segundo suas construções teóricas não há possibilidade da existência do conhecimento prévio a experiência, ou seja, o conhecimento só é possível quando a posteriori, com exceção da matemática que reconhecerão como independente à experiência.

Palavras-chave: Conhecimento. Experiência. Empirismo.

POR QUE MELHORAR? QUESTIONAMENTOS ACERCA DA IDEIA DE "MELHORAMENTO HUMANO"

GUIOMARINO, Hailton Felipe. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientador: Prof. Dr. Antônio Sérgio da Costa Nunes. E-mail: hailton_50@hotmail.com

A ideia de "melhoramento humano" remonta aos mais antigos mitos e histórias religiosas que expressam o desejo do homem de adquirir novas capacidades, melhorar as que já possui e transcender esta realidade. Exemplos deste anseio de superar a condição humana são encontrados no mito de Gilgamesh, de Dédalo, na busca pelo elixir da vida eterna pelos alquimistas, nos sonhos iluministas de Francis Bacon e mais recentemente, nos ideais do transhumanismo. Em nossa comunicação, questionamos: Porque melhorar? Em resposta à questão, adotaremos a perspectiva da valoração sobre o corpo, isto é, defenderemos que o imperativo do melhoramento se deve à maneira como se valorou, no ocidente, o corpo. Neste sentido, a argumentação terá quatro momentos. Primeiro, justificar porque é preciso hoje questionar a ideia de “melhoramento humano” e sobre ela buscar melhor compreensão crítica. No segundo momento, mostrar que as práticas de melhoramento tem sob si certa valoração pejorativa do corpo, proveniente de um dualismo religioso-metafísico. No terceiro momento, ensaiaremos a crítica deste dualismo. Concluiremos com uma síntese e comentários acerca do desenvolvimento da biotecnologia e da medicalização da vida, no mundo contemporâneo. Nossa argumentação será assim de caráter mais temático que propriamente analítico, procurando favorecer a tematização e conexão de teses de diferentes autores mais que aprofundar comentários acerca de seus pensamentos. Estarão em nosso arcabouço de ferramentas conceituais autores como Nietzsche, Foucault, Hermínio Martins e Nick Bostron.

Palavras-chave: Melhoramento Humano. Transhumanismo. Tecnologia. Corpo.

MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE: A CONSTRUÇÃO IMAGINÁRIA DA IDENTIDADE PESSOAL NA FILOSOFIA HUMEANA

HOLLANDA, Leandro. Universidade de São Paulo (USP). Orientador: Prof. Dr. Pedro Paulo Garrido Pimenta. Bolsista da Reitoria/USP. E-mail: leo@usp.br

Em uma das últimas seções do primeiro livro do “Tratado da Natureza Humana”, David Hume irá abordar a problemática sobre identidade pessoal. A complexidade do tema, muito provavelmente, fez com que o filósofo deixasse apenas para o fim de seu Livro I tal questão. Ora, como se vê durante toda a seção, Hume tratará de usar grande parte do seu arcabouço epistemológico, que desenvolvera até então, para explicar o self. Em suas palavras, o “eu” não é uma impressão mas, justamente, aquilo ao que as “diversas impressões e ideias supostamente se referem”. A Identidade depende, segundo ele, das relações entre ideias, e tais relações é que produzem a identidade através da fácil transição que elas proporcionam. Nesse processo, a memória terá papel primordial, uma vez que “se não houvesse memória jamais teríamos uma noção de causalidade”. E, justamente, é a relação de causa e efeito que, na verdade, constitui aquilo denominado como “eu” ou “pessoa”. Assim sendo, a identidade não passa, segundo Hume, de uma produção imaginária. O objetivo desse trabalho consiste, pois, em percorrer os caminhos que levam o filósofo a chegar em tal conclusão. E, por fim, evidenciar como “memória” e “imaginação” se relacionam na produção do self. Em vista dos fins supracitados, foram utilizados, além do Tratado, a “Investigação sobre o entendimento humano”. Além dessas, outros trabalhos, como os de G. Deleuze e J. P. Monteiro, sobre a presente problemática em Hume, foram utilizados como auxílio na resolução do problema. Ao fim, deverá ter-se bem claro de que maneira a imaginação é capaz de produzir algo como o “eu” e de despertar a crença em sua realidade e unidade.

Palavras-chave: Identidade. Memória. Imaginação.

A SUBSTÂNCIA DE SPINOZA

JARES, Mayara Karoline Leite. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientador: Prof. Dr. Agostinho Meirelles. E-mail: maiarajares@gmail.com

O presente trabalho tem como objetivo analisar o que vem a ser a Substância (SPINOZA, 2011) e como nós a percebemos. Por definição, a substância é única e infinita, dotada de infinitos atributos, causa de si e de todas as coisas. Portanto, há de se destacar a sua importância para a Metafísica moderna, pois o filósofo chama de Deus a substância primeira para o conhecimento de todas as coisas, o Ser. Assim, como seus efeitos, os atributos têm a função de serem somente o que nosso intelecto pode conhecer dele, ligando assim à sua essência. Utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, comparando teorias interessadas no tema (BARTUSCHAT, 2010; SPINOZA, 1973/2011; etc). Dessa forma, obtivemos como conclusões que Spinoza criou um sistema que não admite finalismo e sim a causa imanente.

Palavras-chave: Atributos. Causa. Deus. Substância.

AMOR E BELEZA NO ELOGIO DE FEDRO NO *BANQUETE*

LACERDA, Márjore Mariana Lima. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jovelina Ramos. E-mail: marjorelacerda@hotmail.com

O presente trabalho pretende focar o elogio do primeiro orador do diálogo *Banquete* de Platão, o personagem Fedro. Neste discurso, o Amor é apresentado como o deus mais antigo e fonte dos maiores bens. Na condição de um deus que inspira a virtude e a coragem de morrer pelo outro, Eros incita as ações belas e honrosas, tornando-se inadmissível que o amado pratique atos vergonhosos. Nossa análise levará em conta a relação entre amor e beleza presentes na estrutura discursiva do encômio de Fedro, no sentido de relacionar a noção de belo a um princípio de natureza ética.

Palavras-chave: Platão. Banquete. Amor. Beleza.

O INATISMO CARTESIANO E A CRÍTICA DE JOHN LOCKE

LARÊDO, David Alípio dos Santos. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientador: Prof. Dr. Agostinho Meirelles. E-mail: laredolaredo@live.com

O presente artigo visa elucidar a crítica realizada pelo empirista John Locke acerca da doutrinas ideias inatas presentes na filosofia cartesiana. Detalharemos como Locke, utilizando os conceitos de experiência externa e interna, chega a conclusão de que o inatismo é um equívoco. Segundo o filósofo inglês, só podemos conceber qualquer coisa através dos sentidos, somente por meio destes temos percepções do mundo externo, as quais, depois de concebidas, são remetidas para o nosso entendimento, onde são submetidas às operações desse entendimento. Após essas operações, as ideias são geradas. Só podemos nos referir a objetos mediante essas ideias, ideia acerca de um determinado objeto. Essas ideias, uma vez concebida por nós, unem-se a outras para a formulação do nosso pensamento. Sendo assim, as ideias nunca poderiam ser inatas como quer Descartes, pois dada a gama de informações que a experiência nos fornece jamais poderíamos desconsiderá-la como fonte de saber.

Palavras-chave: Inatismo. Descartes. Crítica. Locke. Ideias.

A MÚSICA COMO ESSÊNCIA DO MUNDO: UM ENCONTRO ENTRE SCHOPENHAUER E LUIZ GONZAGA

LIMA, Antônio Ismael da Silva. Universidade Federal do Cariri (UFCA). Orientador: Prof. Me. Emanuel Marcondes de Souza Torquato. E-mail: ismaellimasp@gmail.com

Esta pesquisa possui como objetivo estabelecer um diálogo entre o filósofo alemão Arthur Schopenhauer e o Rei do Baião, Luiz Gonzaga, tendo como elemento de aproximação a música, entendida como linguagem universal, portanto, mediadora do encontro entre mundos diversos. Num primeiro momento, busca-se a compreensão da música como arte suprema, conforme o pensamento de Schopenhauer. Estando em um nível superior às demais artes, devido ao efeito profundo provocado no que há de mais íntimo no homem, constitui-se, verdadeiramente, em linguagem universal. Enquanto tal, ultrapassa qualquer possibilidade de compreensão, pois é expressão da própria essência do mundo, da “Vontade”. Deste primeiro passo depende um segundo, em que se esforçará por estabelecer um paralelo entre a Filosofia da Música de Schopenhauer e a cultura brasileira regional nordestina, representada pelo Rei do Baião, Luiz Gonzaga. Como metodologia, partir-se-á, sobretudo, da análise do Livro III de *O Mundo como Vontade e como Representação* (1818), principal obra de Schopenhauer. Além disto, procederemos o estudo de músicas compostas e/ou interpretadas por Gonzaga. Como leitura complementar ao estudo utilizar-se-á as obras *Metafísica do Belo* (1820), do próprio Schopenhauer, e *Vida do Viajante: a saga de Luiz Gonzaga* (1996), biografia escrita por Dominique Dreyfus. Empenha-se, assim, por construir mm filosofar a partir daquilo que se faz presente no cotidiano das pessoas, ou seja, pensar filosoficamente aquilo que é propriamente nosso: a cultura, a política, a língua etc. O esforço direciona-se, deste modo, para revelar a profunda interação que deve existir entre o exercício filosófico e o mundo que nos cerca, estabelecendo uma aproximação cada vez maior com questões que fazem parte da realidade cotidiana de cada indivíduo, construindo uma ponte sobre o abismo existente entre a filosofia praticada no mundo acadêmico e os questionamentos constantes no dia-a-dia da vida coletiva. A ideia, portanto, é lançar-se sobre este aspecto ainda incomum de pensar a filosofia a partir daquilo que nos toca cotidianamente e que rejeitamos, muitas vezes, como fonte de profunda discussão e exercício do pensamento.

Palavras-chave: Música. Sofrimento. Arte. Schopenhauer. Luiz Gonzaga.

PERSPECTIVA DOS *PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA DO DIREITO* DE HEGEL

LIMA, Cristiane Moreira de. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). E-mail: cristianemoreiralima@yahoo.com.br

Pretendemos evidenciar a perspectiva de Hegel sobre qual seria o objeto da filosofia do direito e desenvolver as ideias fundamentais propagadas por Hegel. Fazendo uma análise dos aspectos do mencionado autor no âmbito do Direito, no que concerne ao Direito Abstrato, na esfera objetiva, e seu percurso para esfera subjetiva, onde integrará a Moralidade e por fim a Eticidade, onde se encontra especificadamente a questão da administração do direito. De acordo com Hegel a verdadeira natureza do homem é a saída do estado de natureza. Por natureza o homem é apenas possibilidade de ser bem ou mal na sua condição racional. Sendo o direito a expressão dessa segunda natureza. E o direito possui como fundamento o Espírito (racional/vontade) e a história. No que

tange ao Direito, Hegel diz que seu ponto de partida está na vontade livre constituindo a liberdade a sua substância e a sua finalidade; vindo o sistema jurídico consistir no império da liberdade realizada. E a variedade de formas do direito tem sua raiz nas distintas fases do desenvolvimento do conceito de liberdade. O direito possui a capacidade de integrar-se a personalidade; constituindo de acordo com Hegel o fundamento do direito abstrato, e consecutivamente do direito formal. Segundo Hegel “o imperativo do direito é, portanto: sê uma pessoa e respeitar os outros como pessoas”. O objeto da Filosofia do Direito para Hegel é a própria vontade exercendo-se livre. Podemos constatar três distintos momentos da liberdade no que tange a Filosofia do Direito para que possamos verificar a plena realização da vontade, quais sejam: Pela sua imediatez, onde o indivíduo se reconhece na coisa, possuindo um contato direto com o objeto, onde as coisas são como elas são pra mim (Direito Abstrato); posteriormente temos o momento denominado de mediação, no qual o indivíduo começa a diferenciar a vontade dela mesma e começa a reconhecê-la como tal – (Moralidade). E por fim o momento em que a vontade se determina (Eticidade); ou seja, da unificação da imediatez com o reconhecimento, digo, do imediato com o mediato. O homem em seu contexto histórico faz a compreensão de seu mundo, analisando suas razões e suas vontades, ou seja, o que ele pensa; o que ele faz e o que ele quer. E para que haja um convívio em sociedade de forma harmoniosa devem possuir regras que norteiam essas relações entre os sujeitos, por isso o direito deve ser posto e imposto ao acesso de todos e protegido pelos órgãos responsáveis pela administração da justiça.

Palavras-chave: Filosofia do Direito. Liberdade. Direito Abstrato. Moralidade. Eticidade.

PIBID: UMA ATIVIDADE REFLEXIVA DE ENSINO E APRENDIZAGEM

LIMA, Paulo Willame Araújo de. Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista da CAPES. E-mail: paulow.fin@gmail.com

Uma das grandes dificuldades encontrada por aqueles que concluem sua formação como professores é está, de fato (por está dentro da sala e transmitindo ou compartilhando conteúdo) e de direito (ser o responsável legal pelo grau de aprendizagem dos estudantes – o professor oficial da turma), dentro de uma sala de aula como o responsável direto pela formação dos estudantes que a compõe. Isto porque a experiência de ensinar só se tem, de fato, na prática. Nesta perspectiva, todo aquele licenciando que não teve a oportunidade de vivenciar o cotidiano de uma aula senão pela perspectiva de estudante encontrará muita dificuldade de se habituar à rotina de um professor. Neste sentido, temos a pretensão de mostrar a importância do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) de filosofia na formação do graduando em filosofia onde o mesmo se torna ao mesmo tempo e diretamente, agente e paciente da construção do conhecimento tanto profissional como educacional em um processo reflexivo na construção de uma prática de ensino. Para tanto é necessário que se perceba a característica de ambivalência do bolsista do PIBID de filosofia no

processo educacional: ora como professor ou facilitador do conhecimento, ora como aluno e colaborador relativamente passivo na busca pelo saber enquanto conhecimento e enquanto prática pedagógica. Para tanto, usaremos de exemplos práticos e já vivenciados no Programa da Universidade Estadual do Ceará no curso supracitado inferindo sobre estas atividades um olhar analítico que possa contribuir para a formação desta visão positiva sobre o exercício de tal subprojeto como ponto épico para a formação do formando na docência da filosofia de maneira que este artigo mostre, a seu fim, o impacto positivo que o PIBID traz no conhecimento de si mesmo como momento crucial na formação como professor de filosofia que seja capaz de filosofar e, assim, auxiliar os estudantes a trilharem seus próprios caminhos rumo ao conhecimento intelectual e à sua formação integral.

Palavras-chave: PIBID. Reflexão. Ensino. Autoconhecimento.

AVALIAÇÃO DA ÉTICA NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI NA PERSPECTIVA DE ADOLFO SANCHEZ VAZQUEZ

LIMA, Vitor de. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Franca). Orientadora: Helen Barbosa Raiz Engler. E-mail: vd.lima@hotmail.com

Na primeira década do século XXI se obtém várias definições sobre o que é ética e qual a melhor forma de exercê-la, sendo muitas delas abstratas e descontextualizadas devido ao ideário neoliberal. Perante isto, este trabalho busca desenvolver uma compreensão sobre a ética de forma sócio-histórica, utilizando a fundamentação teórico-metodológica de Adolfo Sanchez Vazquez, para entender como se dá estas relações éticas em meio à lógica ideológica imposta pelo sistema econômico capitalista. O autor desenvolve a ética como uma ciência transdisciplinar que observa a moral como seu objeto, com a relação intrínseca entre os conceitos de valor, moral e ética, definindo a construção da moral que se movimenta no decorrer do processo histórico, na qual gera doutrinas éticas a serem acatadas nos ideários da sociedade e introjetadas no caráter moral dos indivíduos que reproduzem em forma de valor. Desta forma, os problemas “ético-moral” são de origem prática, ou seja, relações efetivas na vida do indivíduo. O indivíduo pauta e julga suas ações em normas a qual acha mais apropriada, isto resulta em agir moralmente, ou seja, pautado na moral, em uma decisão refletida, não na ação oferecida pelo instinto. Estas reflexões sobre a moral vão formular os juízos morais do indivíduo que acarretam em seu comportamento. Desta maneira, surge o enfrentamento do indivíduo frente à situação ético-moral, tornando o sujeito um ser social. Entretanto, a avaliação moral contém três elementos: valor atribuível, objeto avaliado (atos e normas) e sujeito que avalia. Avaliação moral é o ato de atribuir valor ao ato ou produto humano por um sujeito, levando em conta as contradições e os elementos no concreto que intervêm na avaliação, sendo a consciência moral capacidade do sujeito em compreender o que está diante dele, seus atos e propor projetos de ações para sua vida, julgando e avaliando estes atos de acordo com as normas que este compreende como corretas. Esta vida social é a inserção da moral do sujeito para o coletivo, sendo a vida

social dividida em três instâncias: econômica, político-social, ideológica-espiritual, que define as relações sociais e as relações das instituições, dando forma ao caráter moral do sujeito. Sendo assim, este trabalho tem como base material a análise da obra *Ética* de Vazquez com apoio de outras obras as quais ligam a compreensão metodológica proposta pelo autor para entendermos como analisar e avaliar as situações éticas em nossa era contemporânea e como isso resulta no caráter moral, utilizando-se do método de leitura estrutural que consiste na análise dialética da realidade e a reconstrução dela como expressão mental de assuntos reais-materiais, ontológicos, tendo a categoria da totalidade. Através deste movimento transdisciplinar e da leitura estrutural com análise dialética, desenvolver e reconstruir uma prévia compreensão sobre a ética, e alguns apontamentos para a contemporaneidade.

Palavras-chave: Ética. Adolfo Sanchez Vazquez. Caráter moral. Contemporaneidade.

A CONQUISTA DA CONSCIÊNCIA ADVINDO DO SURGIMENTO DA ÉTICA
LISBOA, Wallacy Ancelmo. Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: wallacyancelmolisboa@gmail.com

Este presente trabalho tem como finalidade debater a relação do homem no seu estado natural e artificial e seus impactos sobre a humanidade e a natureza, diante do discurso sobre o impacto do surgimento da ética como divisor de consciência e não consciência do ser humano, que a cada movimento a luz da racionalidade e da moral política, faz com que o indivíduo se distancie mais do estado de natureza. Pois, a potência do homem está na Moral, na Razão e na Ética; e já que o homem é diferente dos outros animais, por que se comporta como selvagem? Por que se submete as leis da natureza? Por que se dominar a moral da natureza? Através de muitas indagações e reflexões, frente sua potência, a humanidade dá um passo gradual em direção a artificialização, que é negar sua identidade natural para aderir o estado civilizado. Nesta abordagem temos como fundos teóricos o livro “*Ética a Nicômaco*”, de Aristóteles, como o principal leme para desenvolvimento desse artigo, contudo, quando o ser virtuoso visa o sumo bem voltado para o coletivo, ou melhor, quando esse deixa de agir não completamente pelos extintos e pelas suas emoções, mas quando passa a agir pela consciência, é quando há a transição do estado de natureza para o artificial/civilizado. Tem-se um diálogo traçado entre Friedrich Engels, Jean-Jacques Rousseau e Aristóteles para abordar essa transição que é um marco na vida do homem.

Palavras-chave: Ética. Artificial. Natural. Consciência.

BELICIDADE, NÃO-BELICIDADE E FALSA BELICIDADE NO PENSAMENTO DE HERÁCLITO DE ÉFESO

LUIZ, Felipe. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). E-mail: gumapoldo51@yahoo.com.br

Por objetivos estratégicos, a história da filosofia apresenta Heráclito de Éfeso como um filósofo marcado por uma compreensão fluida do mundo, ou seja, um filósofo do movimento, que teria colocado na arché da physis o fogo, pyr, elemento movente, do qual não só tudo teria devindo como, ademais, tudo para ele tenderia, na conflagração final. Ademais, Heráclito teria, a partir deste mesmo elemento ígneo, pensado o mundo, ele mesmo, como tendo em sua origem a guerra, pólemos, que seria assim o princípio o qual o mundo comandaria. Nosso objetivo é demonstrar como esse entendimento da filosofia de Heráclito é já, ele mesmo, parte de uma falsa analítica de guerra. Para tanto, lançaremos mão de três noções: a de belicidade, quer dizer, uma analítica bélica ela mesma já bélica assim se compreendendo; de não-belicidade, isto é, de uma analítica ou não já desbélica, que não faz a guerra, não entende a guerra e não se entende efetivamente em guerra; e de uma falsa belicidade, analíticas ou não que se propõe a pensar a guerra, sem a si se entenderem em guerra. Nestes termos, buscaremos entender como compreender as colocações de Heráclito, a partir da problemática posta por dois gêneros de oposições assim constituídas: entre epos e logos, de um lado, e entre pólemos e stásis. O epos, quer dizer, tempo verbal do légein, verbo dizer, de onde derivar o termo logos, posteriormente ressignificado, em outra correlação de forças; já a diferença entre pólemos e stásis é a que marca a distinção entre a guerra entre gregos e bárbaros e aquela interna, dos helenos entre si guerreando. Para nós, o fato de Heráclito ter constituído seu vocabulário filosófico a partir dos termos acima destacados devem vincar uma interpretação bélica de seu pensamento, ajudando-nos, pois, no sentido de entender os motivos estratégicos que nos levam a entender a filosofia como metaestratégia, e, do mesmo modo, deve-se entender os motivos da ressignificação do pensamento heraclítico em outra correlação de forças.

Palavras-chave: Heráclito de Éfeso. Filosofia da guerra. Belicidade. Não-belicidade. Falsa-belicidade.

OBJETIVAÇÃO DO BELO EM SCHILLER

LULLI, Bárbara Ferrario. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Orientador: Prof. Dr. Márcio Benchimol Barros. E-mail: ba_lulli@hotmail.com

Segundo Friedrich Schiller, a beleza pertence a dois mundos; um deles lhe garante a existência sensível enquanto o outro garante sua fundamentação apriorística. Neste sentido, Schiller buscou como propósito a legitimação da arte que, segundo ele mesmo, não havia sido feita por Kant, já que em sua teoria estética o belo se encontra somente na ondem do ser, sendo assim algo indeterminado. Para isso, nosso autor recorre às teorias práticas de Kant com o intuito de desenvolver um conceito que compreenda

determinadas qualidades do objeto belo, tornando possível assim, seu estatuto objetivo. O trabalho de Schiller consisti portanto, em mostrar como o juízo estético se funda a partir da razão – em seu sentido prático. Para ele, é somente pela razão prática que se pode encontrar o belo em seu conceito, pois a experiência é somente uma representação do belo, logo, ela não expõe a Ideia do belo de fato e ainda o faz subjetivo já que cada sujeito fará de sua sensação, um juízo sobre tal. Assim, o belo schilleriano fundamentado pela razão prática se torna um imperativo e, por este motivo, se estabelece como necessário à razão e a sensibilidade, ainda que não se dê do mesmo modo em ambas as faculdades. Por isso, Schiller afirma que o belo ou seu juízo nunca será puro pois assim somente poderia sê-lo enquanto categoria já que o homem enquanto ser sensível – adverte ele – sempre permitirá que influências de seu estado momentâneo interfiram em sua contemplação. Dessa forma, esta contemplação pura do belo se manterá como ideia e, por esta razão, nunca será possível alcançá-la. Contudo é neste momento que, para Schiller, a estética surge como possibilidade de união dessa divergência por permitir sua aplicação no mundo por meio da cultura e da educação estética. Somente neste momento o homem poderá se desenvolver igualmente enquanto ser racional e sensível. Deste modo, pretendemos analisar, portanto, como se funda a objetivação do belo schilleriano por meio da razão e de que modo este mesmo belo pode se efetivar no mundo sensível por meio da cultura, conferindo à beleza assim, sua autonomia.

Palavras-chave: Schiller. Belo. Objetivação. Efetivação. Autonomia.

RAÍZES DA VIRADA LINGUÍSTICA: ENTRE MILL E FREGE

MAGALHÃES, Marcelo Marconato. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Orientador: Prof. Dr. Lúcio Lourenço Prado. E-mail: marconato.marcelo@gmail.com

O presente trabalho propõe-se a estudar a gênese da chamada Virada Linguística, calcada nos trabalhos de John Stuart Mill e Gottlob Frege no decorrer do Século XIX. “A System of Logic”, obra de Mill, tornou-se um marco das Teorias de Significado ao apontar contra-argumentos às teses idealistas e demonstrar, através de uma perspectiva realista, como se constitui o significado das palavras que usamos cotidianamente. “On Sense and Reference” e “The Foundations of Arithmetic”, de Frege, impulsionaram os estudos acerca do significado das palavras e do uso da linguagem ao encontrarem problemas na construção milliana de significado. Ambos os autores foram impactantes para os rumos que a Filosofia viria a tomar, especialmente no tocante à escola de pensamento da Filosofia Analítica, bem como às teorias contemporâneas de significado. A Virada Linguística, termo cunhado pelo filósofo Gustav Bergmann, elevou a Filosofia da Linguagem ao patamar de Filosofia Primeira para grande parte do pensamento filosófico da contemporaneidade. Assim, uma investigação acerca do início deste desenvolvimento é imprescindível.

Palavras-chave: Virada Linguística. Mill. Frege. Conotação. Sentido.

O CONCEITO DE SABEDORIA TRÁGICA EM SCHOPENHAUER E EM NIETZSCHE

MAIA, Leila Maria Neves. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: leila_maia04@hotmail.com

Intentamos com a presente comunicação apresentar uma análise e comparação dos conceitos de sabedoria trágica presentes nas filosofias de Schopenhauer e na filosofia de Nietzsche a partir de *Humano, demasiado humano* (1886). Dentre as obras correspondentes a tal fase da filosofia nietzschiana optou-se por utilizar, principalmente, *Assim falava Zaratustra*, pertencente a um momento de argumentação filosófica mais madura. A aproximação conceitual visa demonstrar pontos fundamentais de convergência e divergência no que se refere à tragicidade da vida humana. Podemos considerar que dentre as convergências está a aceitação de que a vida teria uma proximidade considerável com o enredo de espetáculos trágicos, e dentro desse enredo o herói busca como pano de fundo da história, entender qual é a natureza da existência. Quanto ao divergente entre as duas filosofias, destacamos o conteúdo das conclusões alcançadas pelos heróis, o direcionamento da sabedoria que adquirem procurando conhecer a vida mostram-se notoriamente distintos. Schopenhauer considera que a tragédia é uma das expressões artísticas que melhor representa a condição da vida do homem e a sua mais alta finalidade seria leva-lo à resignação perante a incessante mutabilidade da existência. Em contrapartida, Nietzsche considera que a mais elevada significação que a tragédia pode suscitar no homem é a percepção do eterno retorno, e a motivação em persistir na existência expressando a vontade criadora que este possui, sempre visando fugir do peso do sentimento niilista que o pessimismo expressa. A sabedoria trágica é acima de tudo um saber conquistado pelo homem que se propõe a seguir o solitário caminho em busca do significado da existência. Ambos os filósofos tratam da questão considerando um percurso comum para o homem atingir tal fim, o percurso do herói no enredo dos espetáculos trágicos. Dentro do contexto de investigador do significado e natureza da vida, o homem é visto como herói de sua própria história. Os objetivos específicos da apresentação oral da pesquisa são análise e comparação de três fases do percurso do herói na descoberta dos fundamentos de seu existir. Em primeiro lugar, fixa-se como ponto de partida da trajetória, o momento em que o homem sente-se motivado a entender o que significa a vida e como que ele deve se posicionar diante dela para viver de maneira mais aceitável. Em seguida, a busca do homem leva-o, inevitavelmente, à constatação do sofrimento que é inerente a existência, percebe a relação intrínseca entre sensações de prazer e dor e, além disso, a pequenez de si diante da força e indiferença com que o destino desenha as vidas dos homens. Por fim, mostra-se que tal busca desvela ao homem uma espécie de “segredo”, cito Machado sobre o que caracteriza esse percurso trágico do homem “(...) o que caracteriza a tragédia é uma descoberta... a descoberta de um segredo.” (1997, p. 30). Consideramos fundamentalmente que o alcance de uma sabedoria trágica da existência

seria o desvelamento de tal segredo, abordado de maneira singular por cada um dos filósofos citados.

Palavras-chave: Sabedoria Trágica. Schopenhauer. Nietzsche. Herói.

SILÊNCIO E HISTÓRIA

MALDONADO, Luccas Eduardo Castilho. Universidade de São Paulo (USP). Orientador: Prof. Dr. Luiz Bernardo Pericás. E-mail: luccas_eduardo@hotmail.com

Esta proposta de apresentação tem como enquadramento disciplinar uma interface entre História e Filosofia. Buscamos nos utilizar das reflexões teóricas do filósofo Michael Foucault para problematizar a respeito da produção histórico-política recente – com especial atenção com as obras editadas relacionadas com a Ditadura Militar Brasileira (1964-1985). Os conceitos de saber, poder e enunciado de Foucault serão manejados com o fim da construção de uma posição crítica ao ofício do historiador, assim colocando em contestação/cheque a responsabilidade das construções discursivas produzidas em relação ao passado – ainda mais quando estas envoltas em sentimentos e projetos políticos de facetas silenciadoras e negacionistas. De maneira geral, a exposição se propõe a pensar 3 (três) pontos gerais: 1) A disciplina histórica como um enunciado, logo, portanto, uma construção retórica a respeito do passado que pode justificar, induzir, impor, influenciar e moldar relações; 2) O segundo eixo de análise vai em direção ao uso e transformação do conceito de poder pelos historiadores ao longo dos últimos 40 (quarenta) anos, como uma concepção restrita ao entendimento que somente atos de “grandes homens” (monarcas, generais, imperadores) se transforma em uma abordagem mais ampla, que leva em conta as relações humanas (de maneira ativa e subjetiva) inseridas no contexto de uma sociedade; 3) Para o fechamento, uma exposição em relação a produção da historiografia a respeito da ditadura militar, ou seja, uma abordagem sobre o saber já produzido, contudo, não simplesmente um tecer demonstrativo das linhas interpretativas, visamos uma crítica mais profunda: os mitos, estereótipos e silenciamentos serão tocados e problematizados, como estes saberes produzidos a respeito do passado estão vivos e funcionais em programas de justificação de relações no presente. Resumidamente, são estes os espectros que serão. Acreditamos que tal exposição é de grande importância no atual momento histórico vigente no país, tempos que encontramos sentimentos antidemocráticos e discursos salvacionistas para com os militares.

Palavras-chave: Teoria da História. Saber-Poder em Foucault. Ditadura Militar Brasileira. Silenciamento.

CONTRAPOSIÇÕES AO INATISMO CARTESIANO: OS POSICIONAMENTOS DE LOCKE E HUME

MATOS, Diogo Luiz Souza de. Universidade do Estado do Amapá (UEAP).
Orientadora: Dilnéia Couto. E-mail: diogofaithful@gmail.com

Para se fazer uma discussão sobre a teoria do conhecimento é fundamental que se obtenha um conhecimento sobre René Descartes, entretanto é válido que também seja feita uma leitura de seus críticos para que seja possível um posicionamento com um grau maior de confiabilidade, ou seja, a partir da análise da teoria e das contraposições, é possível que haja um engrandecimento e consequentemente uma melhor compreensão através de um olhar feito de fora da teoria cartesiana. Descartes fez uma grande revolução na teoria do conhecimento quando apontou a existência do inatismo no homem, ou seja, conhecimentos que já nascem com o homem e apontou Deus como o princípio último. Porém toda grande teoria vem acompanhada de críticas e, nesse caso, a crítica veio pautada em argumentos bastante embasados, feitos por John Locke e David Hume, que apontavam falhas na argumentação feita por Descartes. John Locke e David Hume, ao criticar sua teoria sobre os princípios inatos e a explicação do conhecimento através de Deus, se destacam por organizarem suas críticas a tal teoria, porém de maneira categórica e despertam assim o olhar filosófico sobre o que é se tornar um crítico verdadeiro, e principalmente sobre saber se posicionar sobre o que acredita como verdade. O objetivo do trabalho é expor o posicionamento dos dois pensadores supracitados frente ao argumento cartesiano da teoria inatista e da prova ontológica da existência de Deus, e, posteriormente fazer uma interpelação entre ambos para que se analise em que ponto os críticos ao inatismo de Descartes divergem entre si, afinal, apesar de Locke e Hume estarem em um diálogo distinto, o que criticar a teoria cartesiana, os mesmo acabam o fazendo de maneiras diferentes e que se faz necessário que seja feita uma discussão sobre esses pontos. Para que o posicionamento a ser tomado como verdadeiro, posteriormente, seja feito de maneira que não possa ser obtido através de uma influência imposta.

Palavras-chave: Inatismo. Crítica. John Locke. David Hume.

A COMUNIDADE ANTRÓPICA: O FORA DA OIKONOMIA, O DENTRO DA HOSPITALIDADE E A FALÊNCIA DO PARQUE HUMANO

MENDES, Ramon Guillermo. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Keli Cristina Pacheco. Bolsista da Fundação Araucária. E-mail: ramon_pesquisa@hotmail.com

A partir dos conceitos de Oikonomia desenvolvido por Giorgio Agamben em *O Reino e a Glória: uma genealogia da economia e do governo* (2011) e *Hospitalidade* de Jacques Derrida articulado em *Da Hospitalidade* (2003), buscamos uma leitura da idéia de Comunidade elaborada por Sloterdijk em seu texto *Regras para o Parque Humano* (1999). Sloterdijk traz o conceito de que o Humanismo nasce da partilha sensível pela

literatura, no sentido amplo, como cultura escrita, da amizade, onde o processo de humanização se dá pela comunhão da cultura. Através desse ponto pretendemos construir uma conexão entre a animalidade imamente que constitui a natureza do ser vivente e a hospitalidade do Fora na linguagem que enquanto Outro (escrita, literatura e linguagem) institui a possibilidade do Antropos ou a Máquina Antrópica. Essa abertura é a fissura que instaura a possibilidade de Habitação do Humano, ocupação de um lugar comum que torna possível o Antropos. Tanto Derrida quanto Agamben citados anteriormente partem da leitura de Martin Heidegger, quando em sua Ontologia determina que o que constitui o homem enquanto homem é a possibilidade da linguagem como Morada do Ser, a casa/habitação que abriga as possibilidades de construção do mundo e do Homem enquanto si mesmo, porém essa possibilidade é exterior, pois não é natural, é um processo histórico, para Agamben aí nasce uma fratura, a de não poder ser concebido um Homem-animal, aquele Homem que não possui linguagem e do Homem aquele animal capaz de habitar a linguagem, o Homem não pode ser um animal que habita e sim um Humano que se descobre Humano, mas é a partir desses dois extremos que temos o princípio Antrópico, o homem só pode se pensar homem por meio da linguagem, pela exclusão dos que não são homens e inclusão dos que são homens, porém na cultura clássica e Moderna do Ocidente, segundo Agamben não atentamos para o fato de que o Humano já é pressuposto de si mesmo, como para Sloterdijk o Humanismo é a tentativa da supressão da animalidade para construção de uma Comunidade Humana, Comunidade Antrópica. Para Jacques Derrida a animalidade sempre nos acompanha, lado a lado, um flerte eterno com a impossibilidade de si, seguindo Nietzsche, um sempre andar na “corda bamba” que nos constitui como Humanos. Não cabe excluir o animal, mas compreender o Homem como essa abertura eterna, Hospitalidade de si através da Escritura, da formulação de uma Comunidade como Asilo dos exilados da animalidade, uma aporia comunitária. A pesquisa busca compreender a possibilidade de uma intervenção no que repensa a questão da Oikonomia de Agamben como administração das vontades, técnicas do humano a fim de manter a coerência da Comunidade Humana, dialogando com a noção de Humanismo de Sloterdijk que busca a construção de um lugar comum para o Humano, a manutenção da Comunidade Antrópica, pensando nos limites e problemas dessa “produção fabril” do Homem e do prolongamento dessa tentativa de instaurar o Humano fora da animalidade.

Palavras-chave: Oikonomia. Hospitalidade. Antropos. Comunidade.

DOS PRINCÍPIOS ANTERIORES À RAZÃO: AMOR DE SI E PIEDADE NO HOMEM NATURAL DE ROUSSEAU

MILANI, Johnatas Ximenes. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Yara Adario Frateschi. Bolsista da FAPESP. E-mail:
johnatasxm@gmail.com

Esta comunicação busca apresentar a caracterização do homem natural realizada por Rousseau na primeira parte do Segundo Discurso como o primeiro passo de um projeto mais amplo que busca compreender como é possível que Rousseau afirme que, embora a sociedade tenha corrompido o homem, ela não foi capaz de destruir sua natureza. Como lhe é possível compatibilizar essa afirmação com a exposição do processo de afastamento do homem de seu estado natural e o surgimento de uma sociedade corrompida? É possível que o homem civil, escravo das opiniões e indiferente a seus semelhantes possa ainda ter em si as virtudes de um homem natural, livre e piedoso? Quais elementos desse processo de transformação do homem natural em homem civil possibilitariam compreender essa mudança por um viés não irreversível? O primeiro momento dessa investigação exige que compreendamos o homem em seu estado natural, atentando para os princípios do homem que são anteriores a razão: o amor de si e a piedade. O princípio do amor de si, tomado como o princípio de conservação, está inteiramente ligado a sobrevivência do indivíduo no estado de natureza e relacionado a suas características físicas e metafísicas. As paixões do homem natural, ainda mantidas no âmbito do instinto e das necessidades básicas de sobrevivência, são supridas não de maneira puramente instintiva, como nos animais, mas sobretudo pela capacidade do homem de ser livre e escolher, conjuntamente a sua capacidade de aperfeiçoamento (perfectibilidade), os melhores meios para sua sobrevivência e conservação. O segundo princípio, o da piedade, se encontra ligado, por sua vez, a conservação da espécie no estado de natureza e pode ser tomado como o elemento “moral” em um estado no qual a moralidade ainda não existia. Assim, com a caracterização do homem natural concluída, será possível dar o passo seguinte para o desenvolvimento do projeto apresentado: investigar, de maneira aprofundada, o processo de gênese do amor-próprio e sua relação com a capacidade da perfectibilidade humana.

Palavras-chave: Amor de si. Liberdade. Perfectibilidade. Piedade. Rousseau.

HANNAH ARENDT E KANT: RELAÇÕES ENTRE A MENORIDADE KANTIANA E A BANALIDADE DO MAL

MILITÃO, Sandro Eduardo Gaia. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: sg40098@gmail.com

O presente trabalho tem por objetivo tecer uma análise acerca das articulações entre o conceito “minoridade”, desenvolvido por Kant em “Resposta à pergunta: O que é o Esclarecimento?” e a noção de “banalidade do mal” exposto por Hannah Arendt em “Eichmann em Jerusalém: Um Relato da Banalidade do mal”. A minoridade Kantiana define-se como “pensamento tutelado” e representa a incapacidade de “pensar por si mesmo” resultante da preguiça e covardia. A noção arendtiana de “banalidade do mal”, formulada quando do julgamento do nazista Eichmann, também indica a incapacidade de pensamento independente, que ficou exposta na linguagem “burocrática” utilizada por Eichmann - cheia de clichês e frases prontas- enquanto agente de um regime

totalitário no qual se operou a erosão do espaço público e do próprio sentido da política como exercício de liberdade e de pluralidade.

Palavras-chave: Esclarecimento. Minoridade. Banalidade do mal.

A TRAMA ACABADA DO NIILISMO: NIETZSCHE OU DOSTOIÉVSKI?

MORAES, Rodrigo Juventino Bastos de. Universidade de São Paulo (USP). Orientador: Prof. Dr. Eduardo Brandão. Bolsista da RUSP. E-mail: rodrigo.juventino.moraes@usp.br

É conhecida a maneira com a qual a temática do niilismo, a partir de 1880, começa a ganhar novos contornos na obra de Nietzsche. É de costume dos autores atribuir essa inflexão principalmente à leitura das traduções francesas de escritores russos e à análise do pessimismo literário nos "Essais" de Paul Bourget. Entretanto, ao lado desse último, talvez nenhum outro autor tenha causado tanta impressão quanto Dostoiévski, cujo impacto da leituras das obras como "Memórias do Subsolo", consta em Nietzsche a partir de 1886. Tratando da temática do niilismo em Nietzsche e na obra síntese do pensamento maduro de Dostoiévski, "Os irmãos Karamázov", procuramos destacar, primeiramente, as conexões e contrastes entre ambos. Dessa relação, deve nos chamar atenção sobretudo os contrates, pois, apesar de alcançarem resultados aproximados quando ao "diagnóstico" da modernidade, partindo da análise que do niilismo que se seguiria à morte de Deus, o horizonte de sua apreciação e superação se mostra não apenas de modos distintos para ambos, mas francamente antitéticos. Com isso, buscamos compreender o porquê de Nietzsche ter destinado tantos elogios ao grande russo, apesar de ser tão conhecido por não poupar críticas a tudo ao que ele se mostre como "decadent", mesmo a despeito das diferenças tão marcadamente antitéticas de suas ideias com relação ao pensamento de Dostoiévski.

Palavras-chave: Dostoiévski. Nietzsche. Niilismo. Cristianismo. Teodiceia.

SÓCRATES, ALCIBÍADES E A NATUREZA DO AMOR

MOREIRA, Ana Alessandra Gomes. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientador: Prof.^a Dr.^a Jovelina Maria Ramos de Souza. E-mail: ale.alessandra@ymail.com

Pretendemos evidenciar de que modo Platão, ao nos apresentar dois modos distintos de exposição acerca da natureza de eros no Banquete, presentes nos elogios de Sócrates e no de Alcibíades, acabar por, na verdade, questionar a ensinabilidade da doutrina de Diotima. Nossa posição de base consiste na admissão de que o fracasso de Alcibíades é fruto de sua má compreensão do que seja propriamente os grandes mistérios do amor e das funções de cada um dos degraus que compõem a ascese erótica.

Palavras-chave: Eros. Diotima. Sócrates. Alcibíades.

UMA CRÍTICA COMPORTAMENTALISTA AS METODOLOGIAS DE ENSINO TRADICIONAIS

MOREIRA, Karla. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio Teixeira Prado. E-mail: karla_sanmo@hotmail.com

Este trabalho tem como intuito oferecer elementos pra fomentar a discussão sobre o que realmente entendemos por uma educação emancipadora, apontando também as principais falhas nas metodologias tradicionais de ensino que consistem, em sua maioria, em artifícios aversivos, mesmo que de forma indireta, e que acabam fazendo com que o aluno associe o aprender com algo ruim ou distante de sua realidade. É muito perceptível na história da educação e da sua estruturalização, a existência de uma trajetória de pequenos ajustamentos em um sistema já determinado. Um sistema que além de não atender as necessidades e compreender verdadeiramente o estudante, tem a própria conceitualização de ensinar e aprender defasadas e obsoletas. A filosofia comportamentalista Skinneriana, apesar do que dizem os críticos, aduz uma grande preocupação em entender o ser humano, entendendo o comportamento como inter-relações entre sua história filogenética, o ambiente, a cultura que o rodeiam e a própria história de vida do indivíduo. Desta forma, percebe-o não como um indivíduo pronto ou feito de estados, como a maioria das metodologias de ensino tomam, mas sim um processo em constante mudança e evolução, podendo notar somente seus fenômenos ou, no caso, seus comportamentos. O trabalho traz também a discussão acerca da importância da participação do próprio estudante em seu ensino, colocando a educação como diretamente ligada ao exercício da liberdade, já que a partir disso o aluno pode aprender não só o mundo, como a si mesmo, aprendendo a perceber os principais estímulos que o influenciam, podendo assim escolher o seu próprio modo de responder. Concluindo, as discussões apontadas no decorrer do trabalho têm como objetivo o questionamento do que entendemos por educação e do que realmente deva significar o ensinar, o que acarreta no questionamento de qual deva ser a melhor postura do professor diante de seu aluno e o que ele deve esperar deste. Assim como o que é de fato ser um estudante e qual a melhor forma de desenvolver a relação entre aluno e professor.

Palavras-chave: Comportamentalismo. Skinner. Educação.

EXAME CRÍTICO DA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE IMAGEM NAS TRADIÇÕES METAFÍSICAS E PSICOLÓGICAS

MORGADO, João Pedro. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Orientador: Prof. Dr. Paulo César Rodrigues. E-mail: jaopedro9@hotmail.com

A atual pesquisa tem como intuito perpassar pela obra “A Imaginação” de Jean-Paul Sartre e sua reflexão que se desenvolve em dois níveis: o primeiro, crítico, no qual o autor passa pelos conceitos de imagem tal como foi pensada pela tradição metafísica (Descartes, Leibniz, Hume etc.) e psicológica (Taine, Ribot, escola de Würzburg etc.), e passa a ser examinada do ponto de vista do que ela não é ou do que ela não deve ser; o segundo, “científico” ou propositivo, onde a imagem é afirmada como uma realidade psíquica autônoma, funcionando segundo suas próprias leis. Trata-se, portanto, de um estudo de dupla face, pois apresenta uma crítica radical às concepções tradicionais da imaginação e uma breve exposição inovadora da atividade do imaginário, constituindo com isso seu primeiro “esboço” de psicologia fenomenológica. Sem dúvida, o alcance crítico dos primeiros movimentos da reflexão sartriana não se esgota na denúncia pontual de falhas teóricas nas doutrinas de filósofos e psicólogos prestigiados, nos mostrando que, para além das disparidades conceituais, há também uma ilusão comum permeando todas as doutrinas, de Descartes a Bergson, e de Taine aos psicólogos. De modo semelhante, o valor das teses que afirma sobre a natureza da imagem não se restringe ao campo da psicologia. Na vertente crítica da reflexão sartriana, constata-se que a imanência faz supor que a imagem está na consciência. Trata-se de pensar a interioridade como um lugar preenchido por conteúdos de consciência (a sensação, a imagem, a lembrança). Um conteúdo, na consciência, só pode ser passivo como o objeto, inerte como o objeto, uma vez que não pode ser mais do que cópia da impressão do objeto, mero decalque da coisa espaço-temporalmente determinada. Uma vez contaminada pela ilusão da imanência, a teoria da imagem-coisa torna-se a única metafísica da imaginação plausível; e o atomismo associacionista, o único modelo possível de psicologia, é o que nos mostrará de maneira melhor uma nova filosofia fundada por Sartre em sua próxima obra “O Imaginário”.

Palavras-chave: Jean-Paul Sartre. Psicologia Fenomenológica.

A TEORIA DO CONHECIMENTO DE DAVID HUME CONTRAPONDO COM A DE RENÉ DESCARTES

MOURA, Eva Klilvia Vasconcelos. Universidade do Estado Do Amapá (UEAP).
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Dilneia Tavares Rochana do Couto. E-mail:
eva_cbjr92@hotmail.com

David Hume, filósofo iluminista, nasceu em Edimburgo, na Escócia. Cético, contrapôs a teoria de René Descartes (conhecido pela frase “Penso, logo eu existo”) de que as pessoas já nascem com um conhecimento. Vai rejeitar as crenças e os conceitos metafísicos e afirmar, como John Locke, que as pessoas nascem com a mente sem nada, como uma tabula rasa, em que no decorrer da vida, vai sendo preenchida através de nossas observações, de nossas percepções, de nossas experiências, de nossos sentidos, de nossas emoções, de nossas paixões e de nossas sensações. O empirismo foi a causa de um grande reboiço na ciência, pois foi através da experimentação que o homem obteve o conhecimento científico. No empirismo, teorias não são mais o suficiente e a

observação e as experiências passam a ser prioridades. Aponto aqui o pensamento empírico de David Hume sobre a origem do conhecimento. É com o empirismo que a metodologia científica surge. Que dando seguimento ao trabalho do então empirista John Locke, afirma que nós vamos construindo nosso conhecimento através das experiências e que tudo o que sabemos até o presente momento foi adquirido através das impressões e percepções. Como por exemplo, uma criança que não sabe a diferença entre o quente e o frio, vê uma panela com água quente sobre o fogão. Tocar na água seria, para alguém que não entenda que ela é quente, seria algo que não tem nada de mais. A probabilidade de essa criança tocar na água quente e sofrer um acidente é grande. Visto que sem o conhecimento de diferenciar o quente do frio, a criança obterá uma experiência, até então, que ela não conhecia ou não presenciara em nenhum momento. Percebemos então que René Descartes, pai do racionalismo moderno, foi fundamental para os estudos de David Hume, que vem para mostrar como o conhecimento é adquirido.

Palavras-chave: Hume. Empirismo. Conhecimento. Descartes.

MÉTODOS EDUCACIONAIS E SUAS CRISES NAS ESCOLAS BRASILEIRAS E AMERICANAS

MOURA, Izabela Cristina de Carvalho. Universidade Federal de Goiás (UFG). Orientador: Prof.^a Ma. Kárita Paul de Melo Pedra. Bolsista PIBID. E-mail: izabelacmoura@hotmail.com

Em meados da década de 50, os Estados Unidos da América apresentavam uma configuração política e econômica de grande efervescência. Período este marcado por uma grande expansão demográfica, lutas por direitos civis e embates na empreitada por igualdade entre os gêneros. Esta época de pós guerra foi terreno fértil para o avanço da industrialização e, por conseguinte, houve um afluente considerável de imigrantes, atraídos pela promessa de uma terra que pretendia ocupar o lugar de uma "Uma nova ordem do mundo". É à luz deste cenário que em 1958, Hannah Arendt redige "A crise na Educação", artigo publicado em seu livro "Entre o Passado e o Futuro". É por intermédio de tal artigo que Arendt expõe sua crítica ao tipo de educação considerada moderna naquela época, questionando alguns conceitos pedagógicos e se posicionando a favor da autoridade na sala de aula (mas não do professor autoritário, mas numa autoridade que está estritamente vinculada ao sentido de responsabilidade), mantendo uma visão educativa conservadora no âmbito de que para ela o que deve ser conservado é a tarefa de proteção da criança em relação ao mundo e vice-versa, cabendo aos adultos essa responsabilidade de conduzir as crianças e acima de tudo a responsabilidade em relação ao mundo. Para ela o único campo a não ser conservado é o da política, pois, tal campo deve se renovar constantemente sempre com objetivo de igualdade e liberdade civil. O presente artigo divide-se em momentos, em primeiro momento realizaremos investigações e reflexões sócio-políticas sobre o que teria hipoteticamente desembocado a crise da educação no mundo contemporâneo relatada por Arendt. Em segundo

momento, realizar-se-á investigações de caráter também reflexivos acerca da “atual crise da educação” do ponto de vista de pensadores atuais como, Haydt, Cortella, Freire e entre outros. Em terceiro e último momento, a conclusão dar-se-á a mercê de uma linha de raciocínio que pretende unir causas de épocas distintas que foram aqui abordadas, com o propósito único de oferecer uma hipótese de que a crise vivenciada por Arendt atravessou gerações e se perdura até os dias de hoje. Sendo assim, a atual crise da educação é uma reverberação ainda atual da crise americana denunciada por Arendt.

Palavras-chave: Educação. Crise. Arendt. Freire. Cortella.

CONCEPÇÕES MODERNAS DE ESPAÇO E TEMPO

NASCIMENTO, Matheus Colares do. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientador: Prof. Dr. Agostinho Meirelles. E-mail: matheuscolares12@gmail.com

O objetivo deste trabalho é o de expor as concepções físicas e metafísicas referentes aos conceitos de espaço e tempo dos seguintes autores: Sir Isaac Newton e G.W. Leibniz, respectivamente. Apresentar e comentar as motivações teológicas e científicas que levaram estes a construção de seus pontos de vista, em seguida expor o trato que dá a tal assunto Immanuel Kant, na Doutrina da Estética Transcendental, proposta na sua obra Crítica da Razão Pura, de modo relacionar de forma crítica as duas primeiras concepções a terceira.

Palavras-chave: Princípios Matemáticos de Filosofia Natural. Mônada. Doutrina da Estética Transcendental. Conceitos de Espaço e Tempo.

ESQUIZOANÁLISE E TEORIA DA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

NASCIMENTO, Paulo Henrique Costa. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Orientador: Prof.^a Dr.^a Graziela Zambão Abdian. E-mail: paulo.hcnascimento@gmail.com

Este trabalho é continuação de uma pesquisa em que se buscou investigar possíveis contribuições da noção de Sociedade de controle de Gilles Deleuze para a teoria da Administração escolar no Brasil e, através dela, analisar o Paradigma multidimensional de administração escolar. Naquele momento foram levantados os principais elementos da Sociedade de controle e da filosofia esquizoanalítica que lhe fundamenta destacando, principalmente, as noções de sistema aberto, modulação e máquina panóptica e os conceitos de agenciamento, máquina abstrata e linhas de fuga. Como resultado obteve-se os elementos de saber-poder contidos no Paradigma multidimensional que o faziam paradigma dual e, por outro lado, a esquizoanálise contribui para uma análise que partiria da multiplicidade ao invés da dualidade. Neste momento a pesquisa parte destes resultados para investigar o problema da dualidade na teoria da Administração escolar

no Brasil. É que na década de oitenta os estudos clássicos na área, que formam sua perspectiva empresarial, encontraram uma frente crítica que promoveu uma ruptura com seus fundamentos, conceitos e concepções e consolidou uma nova perspectiva, democrática, fundamentada na especificidade do trabalho pedagógico, crítica ao modo de produção capitalista e na soberania popular fazendo parte, posteriormente, das políticas educacionais do Brasil: o embate entre estas perspectivas, ou essa dualidade, prevalecerá até os dias atuais e se constituirá como fundamento do conhecimento na área. Nos anos noventa e na primeira década dos anos dois mil houve um aumento significativo de pesquisas de campo que fomentam um espaço para experimentação dos fundamentos da perspectiva democrática contidas nas políticas educacionais tendo o cotidiano da escola como materialidade alvo de suas investigações. Também, alguns autores da área reivindicam, para além da participação da comunidade e agentes escolares na gestão da escola, participação na construção histórica do conhecimento na área. Assim, podemos ver os contornos de uma nova tendência de pesquisa: do cotidiano escolar. Porém, o importante é que estes trabalhos vão descentralizar a gestão democrática como fator, por excelência, de garantia de ensino qualidade na medida em que analisam instituições de ensino constatando não possuírem gestão democrática, destacando os empecilhos e colocando quais posturas devem ser tomadas para sua consolidação. Mas afinal, por que essa nova tendência não assume frente enquanto nova perspectiva? O problema é que, tendo a dualidade como fundamento do conhecimento na área, a tendência do cotidiano foi logo categorizada como uma perspectiva empresarial sobre nova roupagem. Por outro lado, na perspectiva democrática, apesar de vários estudos mostrarem seus limites e possibilidades, a dualidade a coloca como perspectiva em construção, como progresso e superação da perspectiva empresarial. Assim, a dualidade não permite que o conhecimento na área realize uma crítica sobre si, tal como a democrática realizou em relação a empresarial. E também impede a análise da multiplicidade de elementos que podem contribuir com a construção do conhecimento na área. Deste modo, o objetivo deste trabalho é investigar as razões que contribuíram para que o conhecimento em Administração escolar no Brasil não desenvolvesse uma nova frente crítica e não construísse uma nova perspectiva através da esquizoanálise.

Palavras-chave: Teoria da Administração Escolar. Dualidade. Esquizoanálise. Multiplicidade.

AMOR E ÓDIO EM ESPINOSA, E OS MODOS PELOS QUAIS SE EXPRESSAM
NASCIMENTO, Rodrigo Trindade. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail:
 nascimentorodrigo_17@yahoo.com.br

Na presente comunicação pretendemos elucidar os conceitos referentes a compreensão dos termos de amor e ódio em Espinosa. Para tal, levaremos em conta os conceitos fundamentais presentes na obra do filósofo intitulada *Ética*. Enfatizaremos, dentre os modos de percepção apresentados pelo filósofo, a saber, o Afeto (*Affectus*) e as Ideias-

afecção (Affection), o conceito de ideia. Segundo estes modos observaremos como essas percepções estão relacionadas a vida do homem e como influenciam-no a uma alegria (Laetitia) ou a tristeza (Tristitia). Assim, no decorrer de nosso trabalho, acentuaremos os pontos mediante os quais esses modos de percepção são considerados pelo filósofo e faremos as suas relações mediante ao amor e ódio.

Palavras-chave: Ética. Percepções. Amor. Ódio. Ideia.

HEGEL: A PAIXÃO, A RAZÃO E OS INDIVÍDUOS - A TRÍADE DA HISTÓRIA

NERI, Diego Calassa. Universidade Federal de Goiás (UFG). Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marcia Zebina. E-mail: diegocneri@gmail.com

Quando juntos a Hegel observamos a história e em seguida refletimos sobre as categorias em que a história se exhibe acaba tornando-se necessário abordar a presença da paixão na vida do ser humano. A importância da paixão na história é exposta pelo próprio Hegel de maneira clara e objetiva quando este argumenta em sua obra, dizendo que “nada de grande se realizou no mundo sem paixão.” (Hegel, 1995, P.77). Deve-se parecer um tanto estranho que Hegel faça tamanho elogio ao conteúdo da paixão pois como de início será abordado neste trabalho Hegel é um filósofo que acentua o papel da razão na história. Um dos objetivos ao qual este trabalho se propõe é mostrar como uma vez afirmada a importância da razão na história universal esta se efetivaria no campo do espírito veremos então quais os impulsos a induziriam a se utilizar das paixões e dos interesses presentes nos indivíduos particulares. A razão é sim aquilo que existe de mais importante para que possamos compreender a teleologia de Hegel mas o que principalmente deve ser colocado em questão, como objetivo principal, são os meios pelos quais esta razão se movimenta para poder atingir seus interesses e planos. Para isso o trabalho se atenta a necessidade de elucidar as questões que se competem a realização do espírito na história, compreendendo o conceito de espírito livre, seus impulsos, as diferenças que separam o homem racional do animal, seus estímulos e seus fins tanto aqueles particulares quanto os chamados universais. E por fim a partir deste horizonte observar de que maneira os grandes homens da história foram importantes para a conquista da liberdade do espírito. Pretendo aqui elucidar para aquele que entre em contato com esta obra de Hegel uma compreensão sobre o mito poderoso do herói e mais do que isso a importância de sua teleologia em um diálogo que pode se abrir entre os filósofos que se preocuparam com as questões da ética e com as questões da história.

Palavras-chave: Teleologia. Razão. Liberdade.

UMA ABORDAGEM ECOSSISTÊMICA INFORMACIONAL SOBRE A ORIGEM DO CONHECIMENTO

OEIRAS JUNIOR, Elias Freitas de. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientador: Prof. Dr. Antônio Sérgio da Costa Nunes. E-mail: eliasjunior1989@gmail.com

A reflexão sobre o conhecimento sempre foi um ponto crucial na história do pensamento que ocorre desde os poemas mitológicos, as escolas de mistérios (como os pitagóricos os kabalistas judeus e etc.), as religiões da antiguidade, passando por tratados teóricos consagrados pela tradição filosófica como: Teeteto de Platão, a Metafísica de Aristóteles, prosseguindo na modernidade com o Discurso do Método de Descarte, com a Crítica da Razão pura de Kant, e outras obras. Entretanto cada uma dessas particularidades de formas e sistemas de pensar o conhecimento tem como fundamento as três perguntas que são: qual a origem do conhecimento? Qual a natureza do conhecimento? Qual a possibilidade do conhecimento? Sendo assim, desde a antiguidade a tradição filosófica (filosofia ocidental) toma como critério de resposta uma referencialidade entre o sujeito do conhecimento ou objeto do conhecimento, resultando assim em uma dicotomia, pois, se a origem do conhecimento está no objeto, o conhecimento se torna de caráter empirista, se a origem do conhecimento está no sujeito, o conhecimento se torna de caráter racionalista, no que se refere à essência do conhecimento, se ela é o objeto, seu correspondente é o realismo, se a essência do conhecimento tem como referência o sujeito do conhecimento, então sua essência é o idealismo. O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma nova perspectiva sobre a origem do conhecimento, buscando na teoria dos sistemas complexos em conjunto com a filosofia ecológica de J. J. Gibson (1904 - 1979), e a filosofia da informação, contribuições para um melhor esclarecimento e fundamento sobre o problema da origem do conhecimento. Sendo assim esta comunicação tem como dinâmica explicar os conceitos de: sistema complexo, entropia, organização, ambiente, affordance, informação, invariantes, e input e output e relacionar tais conceitos com a teoria do conhecimento ou tradição filosófica, assim abordando a origem e o processo contínuo do conhecimento como resultado de interações informacionais sistêmicas como um novo parâmetro de organização emergente eliminando assim a clássica noção do “sujeito do conhecimento” e o “objeto do conhecimento”.

Palavras-chave: Teoria do conhecimento. Teoria de sistema complexo. Affordance. Organização emergente. Informação.

ENSINO DE FILOSOFIA E COMUNICAÇÃO: EDUCOMUNICAÇÃO UMA NOVA PROPOSTA METODOLÓGICA?

OLIVEIRA, Carlos Augusto Gouvêa de. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientador: Prof. Dr. Antônio Sérgio da Costa Nunes. E-mail: caosgouvea@gmail.com

Em tempos de intensos fluxos de informação através dos meios de comunicação, a educação enquanto espaço de informação tende a adaptar-se a esse fluxo na amplitude

desta complexidade. Neste sentido surge a “Educomunicação”, entendida como um conjunto de ações interdiscursivas e interdisciplinares a partir de elementos e temas cotidianos, num permanente diálogo com os de mais setores do conhecimento que visam propósitos como: a) aprimorar e desenvolver uma visão crítica sobre os conteúdos programáticos; b) uso dos meios de comunicação complementares na sala de aula enquanto metodologia de aprendizagem; c) abordagem de conteúdos que problematizem o “saber escolar oficial”, debatendo alternativas e reflexões; d) produção de conteúdos informativos e reflexivos, capacitando os agentes envolvidos a criarem veículos que possibilitem a livre prática de expressão e diálogo com a comunidade em que estejam inseridos, tendo como objetivo desenvolver e exercitar a cidadania. O presente trabalho tem como proposta dissertar sobre o conhecimento e as práticas da “educomunicação”, enquanto fluxo de informação na complexidade do saber interdisciplinar e filosófico como uma possível proposta metodológica inovadora.

Palavras-chave: Ensino. Comunicação. Filosofia. Informação.

AS BASES FILOSÓFICAS DO MÉTODO DE KARL MARX: UMA INTRODUÇÃO

OLIVEIRA, Eder Renato de. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Angélica Lovatto. E-mail: ederenatojau@hotmail.com

O filósofo alemão Karl Marx (1818-1883) deixou uma obra extensa e de grande alcance epistemológico para o campo das humanidades em geral. Marx orientou-se metodologicamente, para aquilo que Lênin chamou de as três fontes do marxismo: o idealismo alemão – notadamente o filósofo Friedrich Hegel, a economia política inglesa – principalmente Adam Smith e David Ricardo e os socialistas utópicos franceses – na figura de Fourier e Saint-Simon. Apesar das “três fontes” de que cita Lênin, não podemos esquecer-nos de Ludwig Feuerbach. Foram estes, os principais autores que influenciaram toda a produção de Marx. Mas decisivo mesmo, e especificamente como método, é no pensamento hegeliano e feuerbachiano que Marx produzirá um método de análise e uma filosofia social. O Materialismo Histórico e dialético tem suas bases nestes dois autores, primordialmente. Em suma, a filosofia hegeliana concebia que a ideia era “primeira” e nesse devir (movimento) viriam as demais coisas. Portanto, Hegel parte da ideia para explicar o real. Foi justamente aí que seu discípulo Feuerbach não concordou, lançando as bases do materialismo que Marx iria, mais tarde, se apropriar. No entanto, Marx em várias passagens de suas obras e, em especial nas famosas “Teses sobre Feuerbach”, denunciara as falhas do materialismo feuerbachiano. Para Marx, o materialismo de Feuerbach era mecanicista e via a realidade de maneira estática, ou seja, apesar de conceber a matéria como “primeira”, não enxergava nela movimento – nossa consciência só podia contemplá-la. Marx percebeu que este materialismo estava em descompasso com o atual estágio das ciências naturais. Assim, Marx parte do princípio de que a materialidade é movimento e que, esse movimento também está no ser social. Como vimos, Marx é um filósofo que busca um método de análise para

entender o social, os homens. Marx não está preocupado em fazer uma filosofia metafísica e construir uma obra extensa sobre método. Como observa o professor José Paulo Netto, a filosofia de Marx vincula-se a um projeto revolucionário. No que tange à questão do método, a teoria social de Marx não enfrenta apenas problemas teóricos ou de cunho filosófico, mas questões de alcance ideopolíticos. É relevante adiantarmos aqui, contrariando o filósofo francês Raymond Aron, que Marx não era um sociólogo. Aliás, Quando Marx escrevia, a Sociologia dava seus primeiros passos enquanto uma ciência da sociedade. Marx era, sobretudo, um filósofo social que buscou compreender o capitalismo. Por isso, o problema central da pesquisa marxiana foi no sentido de explicar com base na dialética materialista, a gênese, consolidação, desenvolvimento e crise da sociedade burguesa. O filósofo alemão está preocupado em descobrir a estrutura e a dinâmica da sociedade burguesa.

Palavras-chave: Método. Marx. Socialismo. Filosofia e Revolução.

A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL

OLIVEIRA, Maria Luiza Alves de. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: caosgouvea@gmail.com

O presente trabalho pretende desenvolver uma análise acerca da fenomenologia de Edmund Husserl. Em linhas gerais, o fenômeno, em fenomenologia, pode ser definido como Schein (aparência, ilusão) ou Erscheinung (aparição, aparecimento). Dessa maneira Husserl, assim como Kant, fala que o fenômeno possui caráter de objeto indeterminado (não contém nenhuma determinação) que provém de uma intuição empírica, ou seja, o fenômeno está ligado ao objeto (objetivação). Logo, a fenomenologia não se interessa por argumentos, mas sim pela descrição precisa de fenômenos, do que aparece, do que acontece ante a consciência cognoscitiva. Por isso dizer que a fenomenologia husserliana é uma tentativa de dar fundamentos apodícticos ao conhecimento, pois ela é considerada como sendo a ciência das essências. Para tal conhecimento é necessário antes buscar conhecer a consciência e de saber sua relação com o mundo, com a efetividade. E este é o objetivo geral do trabalho: mostrar de forma clara a fenomenologia na perspectiva do filósofo supracitado, assim como mostrar a concepção que o filósofo possui sobre a significação, intencionalidade e a relação entre consciência e realidade. E também será exposto a ideia de uma ciência filosófica a que Husserl tenta fundamentar, primeiro, a Filosofia, e depois, a fenomenologia, a qual pode-se dizer que ela (a fenomenologia) é o caminho (ou método) da crítica do conhecimento universal das essências. Logo podemos dizer que a fenomenologia, enquanto ciência filosófica, trata da descrição de fenômenos, entendidos como atos de conhecimento, no sentido puramente cognitivo.

Palavras-chave: Husserl. Fenomenologia. Filosofia.

TEORIA POLÍTICA NOS DOIS TRATADOS SOBRE O GOVERNO DE JOHN LOCKE

OTTONICAR, Flávio Gabriel Capinzaiki. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Orientador: Prof. Dr. Ricardo Monteagudo. E-mail: fottonicar@gmail.com

A produção filosófica, assim como qualquer produção do homem, está entrelaçada ao momento no qual é produzida. Assim sendo, não é por acaso que os Dois Tratados Sobre o Governo tratam da legitimidade do poder político ante aqueles sobre os quais está estabelecido. A Inglaterra do século XVII passava por transformações que delineariam o modo de vida da Europa e, num segundo momento, de todo o resto do mundo. A revolução Gloriosa (1688-1689) representou a materialização da perspectiva contratualista em oposição à naturalidade hereditária sobre a qual se assentavam os fundamentos do poder real. O monarca não seria mais visto como um escolhido de Deus para conduzir a sociedade e o poder não seria mais justificado à luz do direito natural hereditário. Para exercer o poder político, o governante deveria, antes de mais nada, contar com o consentimento dos governados para tal, pois dessa forma os homens abririam mão da igualdade propiciada pelo estado de natureza em troca da submissão a um poder político estabelecido, contando, certamente, com vantagens diversas como a preservação da vida e da propriedade. O objetivo deste trabalho é destacar a contribuição dada pelo filósofo John Locke (1632-1704) a questão da origem e dos fundamentos do poder político sobretudo nos seus Dois Tratados Sobre o Governo, assinalando o constante diálogo entre a referida obra e outras que se debruçam sobre o mesmo tema, ainda que de perspectivas diferentes, como o Patriarcha de Robert Filmer (1588-1653) o Leviatã de Thomas Hobbes (1588-1679) e O Contrato Social de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Quanto à metodologia, a análise será feita a partir do fichamento da seguinte edição da obra de Locke: LOCKE, J. Dois tratados sobre o governo. Tradução de Julio Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 1998; e dos seguintes comentadores: DUNN, John. Locke. São Paulo: Loyola, 2003; BOBBIO, Norberto. Locke e o Direito Natural. Brasília: UnB, 1997. Deste trabalho conclui-se que, se por um lado a obra de Locke pode ser vista sob o ponto de vista da tentativa de empreender uma justificação ideológica para as transformações do âmbito do poder político da Europa do XVII, por outro, enquanto produto estritamente filosófico, mostra-se como uma possibilidade para a compreensão dos reais fundamentos e legitimação do governo.

Palavras-chave: Locke. Contratualismo. Lei natural. Poder político.

ESPINOSA ERA PANTEÍSTA?

PEREIRA, Renato de Oliveira. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Orientador: Prof. Dr. Ricardo Monteagudo. Bolsista da Vunesp. E-mail: renato.o.pereira@hotmail.com

Ao longo da história da filosofia, Espinosa e seu pensamento foram apresentados envoltos por imagens, muitas delas até divergentes entre si, como a do “homem ébrio de Deus” (Novalis) e a do “ateu de sistema” (Bayle). Na origem dessas imagens, encontramos quase sempre a fórmula “Deo sive Natura” (Deus, ou seja, a Natureza), exposta na primeira parte da *Ética*. É justamente essa identificação de Deus com a substância que fez muitos comentadores e intérpretes considerarem Espinosa um panteísta, pois, se Deus é a Natureza, então a existência de seres finitos não é possível: Deus seria o único ser. Assim, neste trabalho, procuramos retomar essa discussão a partir de CHAUI (1994; 1999), de maneira a destacar conceitos fundamentais da *Ética I*, sobretudo o de substância e modo, com o intuito de desconstruirmos a imagem de um “Espinosa panteísta”.

Palavras-chave: Espinosa. Substância. Natureza Naturante. Natureza Naturada. Panteísmo.

PARA ALÉM DOS MUROS DO CONVENTO: MULHERES E TRAJETÓRIAS DE VIDAS EM UMA ETNOGRAFIA COM FREIRAS

PIRES, Joyce Aparecida. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Orientador: Prof. Dr. Antônio Mendes da Costa Braga. Bolsista da FAPESP. E-mail: cravinajoyce@gmail.com

A presente pesquisa financiada pela FAPESP teve como tema as trajetórias de vidas das freiras do instituto conventual católico denominado “Pobres Filhas de São Caetano” de origem italiana, localizado na cidade de Cândido Mota, SP, Brasil. Uma Congregação canonicamente estabelecida e tradicionalmente dedicada à manutenção de obras de assistência social, de saúde e de educação. A partir dos anos 60 do século XX, foram à missão algumas pioneiras para o Brasil e não abandonaram o estilo de vida conventual e de trabalho tradicional. Inserem-se em bairros periféricos de regiões pobres, dedicando-se a eles, à sua evangelização, e trabalhos de educação informal e de pastoral popular. No momento da pesquisa, voltei-me às condições e lugares das mulheres na sociedade brasileira, especificamente no caso de freiras de diferentes faixas etárias. O método aplicado em campo estabeleceu uma clara articulação entre biografia individual com o contexto histórico-social das freiras. Também uma maneira de revelar a universalização das pessoas e seu trabalho, em diferentes períodos históricos. Utilizou-se uma metodologia indicada por Pierre Bourdieu (1996) pautada na trajetória social de vida construída pelo indivíduo, podendo com isto verificar e comparar as escolhas, experiências e contextos sociais que levam mulheres rumo à vocação religiosa feminina. Na qual, as transformações sociais características das últimas décadas incidem sobre noções de autonomia e emancipação feminina. Procurou-se compreendê-las através da análise da rede de complexas relações sociais que essas mulheres religiosas estão situadas, e de onde vieram suas motivações pessoais e espirituais, dados objetivos das estruturas e conjunturas sociais presentes em suas trajetórias de vidas.

Palavras-chave: Catolicismo. Vocação. Gênero. Trajetórias de vida.

HEIDEGGER: UMA PROVOCAÇÃO AO PENSAMENTO

PLEBANI, Anderson Kaue. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsita do CNPq. E-mail: akplebani@hotmail.com

Para marcar oposição à natureza dos animais, diz-se sem rodeios com respeito ao homem que este pensa. Ao mesmo tempo, quando o discurso percorre exclusivamente a esfera social humana, há certa relutância em dizer que todo homem é um pensador. Referem-se os homens desta maneira a muitos dos seus semelhantes, mas não se atribui, sem dado comedimento, o título de pensador a todos os homens. Deste modo, já na linguagem ordinária é possível testemunhar uma noção normativo/qualificativa de o que é o pensamento, ainda que não muito rígida e nem adequadamente determinada. De maneira muito semelhante, com relação à normatização/qualificação da faculdade do pensamento, também muitos filósofos se pronunciaram ao longo da história, dentre estes, talvez um dos mais radicais tenha sido Heidegger. Para o filósofo alemão, ao longo de toda a história do Ocidente, o número de personagens que efetivamente pensaram cabe na contagem de uma mão: Anaximandro pensou, também procederam assim Parmênides, Heráclito, Platão e Aristóteles, contudo, além destes cinco pensadores gregos, mais ninguém exerceu tal ofício durante toda a tradição filosófica ocidental. "Disseram algumas coisas", testemunharia o filósofo da floresta negra, "contudo, não foram suficientemente originários para pensar". Ao mesmo tempo em que soa exagerada, a posição heideggeriana também cumpre um papel provocativo, pois sua consideração não passa sem causar certo espanto: por que apenas os gregos pensaram? Como é possível que tenha descartado Hume, Kant, Hegel, Russell, e tantos outros? Que quer dizer Heidegger, afinal, quando se refere ao pensar? O trabalho "Heidegger: uma provocação ao pensamento" se destina a elaborar uma apresentação introdutória do conceito "pensar" dentro da filosofia heideggeriana. Para isto, dedica-se a três tarefas básicas: (1) distinguir o procedimento que comporta o pensar frente a outras atividades que ordinariamente são assim denominadas; (2) localizar o objeto a que se encarrega o pensamento (assim legitimamente qualificado pelo filósofo); e (3), finalmente, apresentar exemplos de pensadores, utilizando-se dos resultados obtidos nas duas primeiras tarefas do trabalho para mostrar porque estes personagens se adequam a este título.

Palavras-chave: Pensar. Metafísica. Origem. Heidegger.

PEDRO ABELARDO E O NOMINALISMO E REALISMO PRESENTE EM SUA OBRA *LÓGICA PARA PRINCIPIANTES*

POLETTTO, Leonardo Queiroz Assis. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). E-mail: leonardoqap_02@yahoo.com.br

O presente trabalho tem por objetivo ressaltar a discussão entre nominalismo e realismo que ocorreu principalmente durante a idade média e que podemos notar presente na obra *Lógica para principiantes* de Pedro Abelardo. Em síntese, apresentaremos no a discussão que se dava durante o período medieval, a qual consistia em que realidade se tem os gêneros e as espécies? Tal problema se expressava, por exemplo, quando utilizo o termo ‘homem’ o que estou indicando? Há varias possíveis repostas apresentadas: a primeira, uma idéia realmente existente, como a idéia platônica. A segunda, um caráter distintivo, que possui uma realidade dentro da substância da coisa. Ou, a terceira, apenas um nome que utilizo para designar uma coisa que possui características semelhantes. Diante dessas três perspectivas, Abelardo apresenta um posicionamento bem interessante que, de certo modo, supera a dicotomia entre nominalismo e realismo, este posicionamento pode ser visto diante das repostas de Abelardo para as questões levantadas por Boécio, apresentadas em sua obra citada acima e que ressaltaremos no decorrer do presente trabalho.

Palavras-chave: Filosofia da linguagem. Filosofia Medieval. Pedro Abelardo.

“.COM CIÊNCIA”: CONTRIBUIÇÕES À CONSCIENTIZAÇÃO DE ALUNOS E PROFESSORES NO PROCESSO DO ENSINO E APRENDIZAGEM COM O USO DA TECNOLOGIA

PRADO, Cleudete Aparecida Dias do; SANTOS, Polliany Ramos dos. Universidade Sagrado Coração (USC-Bauru). Orientadora: Nilza Ferreira Ramos. E-mail: cleu.p.21@gmail.com

O projeto tem como finalidade conscientizar sobre o uso correto dos recursos tecnológicos e como o consumo da tecnologia determinou as transformações sociais e culturais das últimas décadas. A integração social e ética, o processo de descobertas no processo ensino aprendizagem, estimulando o jovem a ser produtor e não apenas mero consumidor da tecnologia, e também identificando o gosto pela tecnologia e finalmente ampliar a percepção e seu significado para a solução de problemas reais. Através do envolvimento de alunos e professores com as novas tecnologias que não fazem parte de seu cotidiano, da integração com as tecnologias digitais móveis, a utilização de recursos disponíveis na web (e-mail, blog e redes sociais), verificar como os alunos usam as tecnologias de informação e comunicação para dialogar, trocar informações e como consomem tais ferramentas. A apresentação de suas reais utilidades, buscando o significado para a revolução tecnológica na vida de cada um e em um contexto geral. No processo de construção da aprendizagem entre professor e aluno adequar uma linguagem de comunicação em que as partes envolvidas tornem-se objetos ativos e não apenas passivos na era digital. O avanço tecnológico exigiu que as pessoas aderissem aos processos mesmo que involuntariamente, gerando a aceleração de processos e possivelmente resultando em “ganho real de tempo”. Os aparelhos tecnológicos são considerados essenciais para as pessoas, passando a ser utilitários não só em nossas residências como também em escolas, clubes e etc. Com isso, o uso de processos

tecnológicos tem avançado em todas as áreas da humanidade. A tecnologia continua auxiliando os humanos e dando oportunidades de crescimento, por isso o conhecimento e o estudo desta área tem se tornado inevitável. Pela estimulação de criticidade aos participantes, em perfil qualitativo, por meio de encontros e debates, visando o aprimoramento de conhecimentos que permeiam a vida do estudante, dos pontos de vista escolar, social e ético. Assim, a integração a Filosofia como reflexão para encontrar um valor que nos permita discernir entre o que é bom e mau e certo ou errado. Sua apresentação ao jovem e sua capacidade crítica, afim de saírem da zona de mero consumidor tecnológico e passar a conhecedor do assunto e sucessivamente capaz de produzir.

Palavras-chave: Educação social. Consumo tecnológico. Criticidade. Contexto histórico.

O PRIMÁRIO NO EVOLUÍDO: SOBRE O RASTRO DA VIOLÊNCIA NA VIDA CIVILIZADA

QUEIROZ, Paulo Sérgio de. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Orientador: Prof. Dr. Tales Ab'Saber. Bolsista do CNPq. E-mail: p-queiroz@hotmail.com

“A vida é toda um processo de demolição. Existem golpes que vêm de dentro, que só se sentem quando é demasiado tarde para fazer seja o que for, e é quando nos apercebemos definitivamente de que, em certa medida, nunca mais seremos os mesmos.” Scott Fitzgerald (A Fenda Aberta, 2005) Partindo de uma leitura circunscrita a quatro textos freudianos, Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna (1908), Considerações atuais sobre a guerra e a morte (1915), O mal estar na civilização (1929) e Por que a guerra? (1932), o presente projeto buscará problematizar as diferenças de abordagem desenvolvidas por Freud, nos respectivos textos, concernentes à relação entre violência e moralidade no interior da ordem civilizacional. Mais precisamente, trata-se de: (1) inspecionar a razão pela qual, sob a perspectiva freudiana, os critérios de moralidade, uma vez internalizados pelos indivíduos na cultura ou nas sociedades reconhecidas como civilizadas, logram apenas uma precária contenção da violência e findam por produzir novas vias de sofrimento e agressividade, acirrando o conflito entre as tendências pulsionais e as exigências da cultura. Evidência que põe em cheque a clássica oposição entre o primitivo e o civilizado. (2) Interrogar de que modo esse impasse se manifesta nos textos citados. Certamente esta reflexão não desprezará os parâmetros instaurados pela primeira e pela segunda tópica de seu pensamento. Sob esse recorte, procuraremos perscrutar os pontos de contato entre o que o autor toma por vida primária e por vida civilizada, bem como o sentido contrastante que a violência adquire nesta última. A incompatibilidade entre as inclinações primárias e a cultura sempre ocupou foro privilegiado na teoria psicanalítica. Desse antagonismo de intenções irrompem mazelas no indivíduo e na sociedade, feridas que põem em xeque as noções de autonomia humana e de progresso cultural, a exemplo da doença neurótica

e da eclosão de guerras de alcance global. Situação que, como ressalta Freud, estremece o “firme” solo moral no qual se assentam os sentidos valorativos da modernidade. Sucintamente, é este o propósito do estudo a seguir apresentado, o qual, quando necessário, lançará mão de conceitos centrais da teoria freudiana, a saber: Construção do eu, pulsões de vida e de destruição, sentimento de culpa, sexualidade, agressividade e cultura.

Palavras-chave: Civilização. Pulsão. Violência. Sentimento de culpa. Subjetividade.

A TEORIA DO AGIR COMUNICATIVO DE JÜRGEN HABERMAS A PARTIR DO CONCEITO DE MUNDO DA VIDA (LEBENSWELT) DE EDMUND HUSSERL

RAYOL, Ana Caroline Tavares. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: hanactr@hotmail.com

O presente trabalho tem como objetivo explorar o conceito de sociedade estruturado no pensamento do filósofo Jürgen Habermas a partir do conceito de mundo da vida (Lebenswelt) de Edmund Husserl. Para tanto, será abordado as possíveis vertentes assim como as críticas proferidas por Habermas ao sistema desenvolvido por Husserl a partir da elaboração de sua teoria do agir comunicativo. Em consecução, será analisada inicialmente, a trajetória que Habermas conceitua da passagem do mundo sistemático para o mundo da vida, e posteriormente a análise da proposta de Habermas de uma sociedade pautada na razão dialógica, que busca pelo consenso, a consecução das relações comunicativas. O presente trabalho também vai partir do esforço de compreender o conceito de mundo da vida (Lebenswelt) elaborado por Husserl na obra *A ideia de fenomenologia*, e como seu pensamento e o de Habermas é influenciado pelo pensamento de Weber, através das análises de mundo da vida e mundo sistemático, como duas vertentes das relações sociais. Posteriormente, também será delineada a trajetória que Habermas conceitua do conceito de Husserl de Lebenswelt trabalhado na obra *teoria do agir comunicativo vol. II*, assim como a análise da proposta de Habermas de uma sociedade pautada na razão dialógica como a busca pelo consenso. No presente trabalho, por fim, será abordado o conceito de Habermas de uma sociedade pautada na perspectiva de investigação reconstrutora do mundo da vida, através da razão dialógica, tomando como consideração a análise pragmática formal do agir comunicativo, indicando que as mudanças estruturais acontecem em dois níveis de ação, a saber, pela racionalização e pela tecnicização, assim como a busca pelo entendimento, entendido como a união dos participantes; o consenso das relações objetivas através das relações comunicativas.

Palavras-chave: Agir comunicativo. Mundo da vida. Pragmática. Consenso.

KANT E A POSSIBILIDADE DA ESTÉTICA

REIS, Edson Sá dos. Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: uchiha_edson16@hotmail.com

O presente trabalho tem como objetivo a análise da estética como área de relevância da filosofia. A estética como área do conhecimento teve de enfrentar grandes desafios para ser reconhecida como tal. O pressuposto de uma ciência especializada nos estudos do belo, ligada ao mundo fenomênico, não poderia ter razão de ser quando o saber filosófico visava o conhecimento da verdade, ou seja, a apreensão do ser e essência das coisas em si mesmas, pois o estudo dos fenômenos não possuía importância dentro desta perspectiva, uma vez que eram considerados como sombras da realidade em si mesma. Por esse motivo, a estética sempre foi encarada com muita desconfiança por ir pela via dos sentidos e sabemos que a tradição anterior, principalmente no idealismo grego, tinha plena convicção na irrealidade do sensível. De modo que todo esforço em ir a seu auxílio era encarado como falsidade pela hegemonia idealista reinante. Assim, o presente trabalho busca a mudança desse paradigma a partir de uma leitura da proposta kantiana sobre a impossibilidade de um conhecimento das coisas em si, possibilitando a abertura de espaço para a constituição da estética como área do conhecimento relevante para a filosofia. Buscamos demonstrar que a teoria de Kant na tão aclamada “Crítica da Razão Pura” é uma obra que possui papel central para o desenvolvimento da estética na história. A revolução copernicana realizada por Kant é uma mudança de paradigma onde o mundo fenomênico ganha destaque e esse é um fator fundamental para construção de nosso assunto. É baseado no postulado kantiano onde a possibilidade do conhecimento está no mundo dos fenômenos, que buscamos bases para a estética e sua relevância dentro da filosofia. Dessa maneira, ela encontra na modernidade razão de ser e busca lugar dentro da filosofia como área do conhecimento que se pretende autônoma.

Palavras-chave: Estética. Mundo Fenomênico. Idealismo.

HOMEM: NATUREZA E TECNOLOGIA

REIS, Rachel Ferreira dos; MELO, Máximo Gustavo Rodríguez de. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientador: Prof. Dr. Antônio Sérgio da Costa Nunes. E-mail: rachelfdosreis@gmail.com

Ao longo do desenvolvimento humano, foram produzidas inúmeras tecnologias, e estas, o afastaram gradativamente da natureza. O homem faz da tecnologia seu principal aliado para solucionar problemas que muitas vezes surgiram pela mudança de postura em relação à natureza como na questão agrícola, discute-se bastante sobre os transgênicos, que são alimentos modificados geneticamente de tal maneira que não ocorreria naturalmente. Muitos são os que alertam sobre os riscos dessa alteração, principalmente sobre a adição obrigatória de mais produtos extranaturais (necessária nos transgênicos, já que as bactérias se tornam mais resistentes com o passar do tempo). A preservação da natureza mais “pura” torna-se também uma preocupação, devido ao avanço de outras tecnologias modernas. Visto isso, esta comunicação tem como objetivo

trazer uma reflexão acerca das mudanças de relação do homem com a natureza, como esta interação influencia o estado físico e psicológico humano – a saber, o consumo de alimentos industrializados, geneticamente modificados, a vida sedentária e estressante que se vive nas cidades –. Um dos conceitos que defendem a necessidade deste contato com o natural é o de biofilia empregado por Edward Wilson, que acredita que o homem é emocionalmente ligado à natureza, sendo uma característica intrínseca a sua existência. As questões em destaque são: “Se de alguma forma estas tecnologias vão conseguir preencher ou amenizar os danos obtidos pelo afastamento da natureza?” e o “Quão prejudicial pode ser tais mudanças?”

Palavras-chave: Natureza. Tecnologia. Biofilia.

O MAL DO ALIENISMO POLITICA SOBRE O OLHAR DE HANNAH ARENDT

RENTE, Karoline de Araujo. Universidade Estadual de Londrina (UEL). Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Muller. E-mail: karol_rente@hotmail.com

O presente trabalho tem por objetivo abordar a problemática do alienismo político na sociedade brasileira nos servindo como base a filósofa Hannah Arendt. De acordo com a filósofa, a política teria como objetivo alcançar a liberdade, ou seja, o sentido da política seria a liberdade. Mas, durante o século XX tal objetivo e sentido da política ficaram um tanto obstruídos por consequência das frequentes guerras e revoluções nesse século tendo em sua característica não mais seu sentido de liberdade (a isonomia para todos) e sim, um símbolo de força e totalitarismo. Mais adiante, o pensamento político de Hannah Arendt baseia-se na pluralidade dos homens e que ela trata da convivência entre diferentes, onde, a pluralidade implica na coexistência de diferenças, a igualdade a ser alcançada através desse exercício de interesses, quase sempre conflitantes, é a liberdade e não a justiça, pois é aquela, a liberdade, que distingue o convívio dos homens na polis de todas as outras formas de convívio humano que eram bem conhecidas dos gregos. Seguindo por tanto essa linha onde a política segundo a filósofa é a liberdade entre os homens e liberdade esta que distingue o convívio entre os homens, ao nos depararmos com uma educação fragmentada e de baixa qualidade que ao invés de formar um cidadão livre e consciente do que significa a política e que este possui um papel importante na sociedade, vemos uma nação que possui força para governar seu país e ao mesmo tempo não possui. Seguindo essa proposta, este trabalho tende a abordar tal questão, se de acordo com Hannah Arendt a política é a liberdade entre os homens e não a força ou a justiça, porque a nação brasileira ainda não possui interesse e é dispersa, não é ativa na vida pública não tem liberdade nem domínio entre ou sobre si.

Palavras-chave: Alienismo político. Liberdade.

RELAÇÃO CORPO E ALMA NA FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY

RIBEIRO, Cristiane Santos. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: xanehta@hotmail.com

Este trabalho tem por objetivo analisar a relação entre o corpo e a alma na visão do filósofo Merleau-Ponty. Para ele, o corpo e a alma do homem não devem ser pensados como dois componentes distintos, mas como duas dimensões complementares do ser humano: o aspecto físico e o aspecto psíquico. O corpo, para Merleau-Ponty, é dado de forma integral, juntamente com a percepção dos sentidos, por exemplo, quando uma pessoa olha para o que está à sua frente (visão) e também quando toca um objeto (tato). Desse modo, o estudo da fisiologia do corpo focaliza seu aspecto físico a partir de uma visão exterior: quando um indivíduo sente algo que não está bem no seu organismo, podemos inferir que ele sente “sinais físicos” de que não está bem. Por outro lado, a alma é considerada do ponto de vista interior, ou seja, pela consciência de algo que é representado na psique ou na mente do homem. Com este projeto, portanto, pretendemos examinar o problema da relação entre o corpo e a alma, procurando compreender a maneira como Merleau-Ponty reformula os conceitos de sujeito e objeto, de corpo e alma, de físico e psíquico, todos herdados da metafísica da modernidade.

Palavras-chave: Corpo. Consciência. Fenomenologia.

“BIXA, DENUNCIA ESSE OCÓ!” UMA DISCUSSÃO SOBRE O USO DA LEI ANTI-HOMOFOBIA COMO INSTRUMENTO DA MORAL NOBRE EM NIETZSCHE

RIBEIRO, Jose Fernando Rosa. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Orientador: Prof. Dr. Jean Gabriel Castro da Costa. E-mail: ribeiro.jose@grad.ufsc.br

Existe um debate nos movimentos sociais de que uma penalização das condutas desrespeitosas para com os indivíduos LGBTTI promoveria uma aceitação pelo silêncio e não por uma valorização dessas diferenças contingentes (ainda que o PL 7582/2014 compreenda um modesto esforço em fomentar uma cultura de valorização das diferenças, no seu art.7)._ Nossa principal questão aqui pode ser definida como a seguinte: é saudável para a política, no sentido de fomentar a (re)introdução do agon, de um ethos de pluralização_, a introdução de uma lei que responsabilize penalmente os indivíduos que agirem de forma preconceituosa contra indivíduos dos grupos LGBTTI? Nesse sentido, argumentarei que os projetos de lei que visam punir indivíduos por determinada propagação de um discurso de ódio não constituem um autoritarismo ou uma imposição do silêncio se, na linha do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, estivermos bem resolvidos com o fim dos fundamentos metafísicos da moral e da filosofia política e dispostos a afirmar positivamente as nossas diferenças, sendo sujeitos ativos dessa afirmação. Ainda nessa linha, os principais conceitos de que me servirei aqui são: a dupla moral escrava/moral nobre, o de ressentimento, e de ativo/reactivo, retirados especificamente da Genealogia da Moral, de Nietzsche. Por fim,

minha argumentação não está tanto localizada no estudo jurídico sobre as possibilidades de aplicação direta de uma futura lei, mas sobre a força moral que poderia justificar tal projeto que, pretendo argumentar, tem origem na moral nobre dos indivíduos LGBTTI justamente pela sua coragem em afirmar sua identidade/expressão de gênero e sexualidades, o que vai ao encontro do que Nietzsche comenta na Genealogia da Moral sobre o momento em que se tem origem da lei: ela nada mais é que uma invenção dos indivíduos de moral tipo-nobre para conter o ressentimento de uma moral voltada à destruição e anulação da diferença, da moral cristã ou moral tipo-escravo, ressentida pela ação puramente criadora dos nobres e pela sua impossibilidade de colocar em tal lugar criador.

Palavras-chave: Pluralismo. Moral. Direito LGBT. Nietzsche.

CASTIDADE, POBREZA E OBEDIÊNCIA: UMA EXPERIÊNCIA RADICAL DO CATOLICISMO CONTEMPORÂNEO

RODRIGUES, Anderson da Silva. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Orientador: Prof. Dr. Antonio Mendes da Costa Braga. E-mail: anderson-sr-ata@hotmail.com

O projeto busca desenvolver uma etnografia que seja capaz de compreender a vivência religiosa e a busca pela santidade dos jovens do Recanto Sagrado Coração de Jesus (Filhos da Pobreza) em Londrina. Os membros deste instituto é majoritariamente jovens, sendo uma média de 26 anos de idade. Os membros, chamados de "toqueiros", adotam uma vestimenta semelhante a de São Francisco de Assis, ou seja, trapos marrons que simboliza a terra e a humildade, usam no pescoço a Cruz de Tau, que simboliza a horizontalidade e verticalidade, o céu e a terra, enfim, a busca humana querendo tocar com o divino. O Singlo, uma corda amarada na cintura com três nós, que simboliza os votos que fizeram (castidade, obediência e pobreza). Além do corte típico de cabelo, a Tonsura: cabeça raspada com apenas um círculo contornando-a, que além de simbolizar a renúncia a vaidade, também simboliza a coroa de Cristo e todo o seu sacrifício, sacrifícios que já são esperados em suas rotinas nessa "nova vida". Devido a tudo isso citado, pode-se dizer que esses jovens assumem uma nova identidade após seu processo de conversão. Por meio de estudos prévios foi notado que o movimento busca a construção de um modelo de santidade voltado para a juventude mas que se dá de forma radical através dos votos de pobreza, castidade e obediência, além de propor uma ruptura com questões e valores modernos. Um ponto intrigante no processo de conversão e de vivência religiosa dos toqueiros é a crença em que se ganha ao se perder; que ao optar pela renúncia e sacrifício, realmente vão alcançar a felicidade plena; e somente assim estariam vivendo e valorizando o que seria importante. Se percebe uma sobreposição do passado, já que ele representaria uma oposição ao presente e ao futuro. O passado revelaria o egoísmo e a imaturidade do fiel, enquanto que o presente e o futuro mostra um espírito solidário. Observa-se então um processo de evolução do espírito. Além disso, ao exercer uma atividade, não se leva em consideração uma

realização pessoal, mas sim o benefício que essa mesma atividade pode fornecer ao grupo e principalmente aos acolhidos. Trabalhando então a idéia de comunidade de salvação. Isso tudo resultado de uma devoção e de uma religiosidade intensiva. E esse sentimento altruísta, talvez seja o que estreita os laços entre eles, cria um sentimento de pertencimento, já que eles estão a "nadar contra a corrente", como se fosse um grupo familiar em que pertencessem, e é justamente esse o seu discurso: "que se deixa uma família para ganhar outra". Logo, por conta desses fatores, o movimento vai de encontro com a postura religiosa que os estudiosos esperavam que os jovens e a Igreja assumisse nos dias atuais por consequência da modernização, ou seja, uma vivência religiosa que fosse capaz de mesclar elementos seculares, ou na linguagem dos jovens toqueiros, "mundanos", com elementos religiosos, sagrados. Por conta de tal ruptura que é proposta em relação ao mundo, será refletido, com o auxílio de debates antropológicos contemporâneos, a maneira que os jovens deste movimento buscam viver sua religiosidade, quais são as táticas para criar um sentimento de pertença religiosa nesse grupo, e quais são as tensões e como isto impacta nos seus relacionamentos com os espaços e pessoas que vão além dos religiosos. Por fim, o interesse do projeto é conhecer toda a complexidade que se desenrola por conta de tal posicionamento. Além disso, o que teria impulsionado jovens com idade média de 23 anos a assumirem tal postura.

Palavras-chave: Catolicismo. Vivência-religiosa. Toca-de-Assis. Religiosidade.

DAS PRATELEIRAS EMPOEIRADAS AO PRESENTE: NOTAS SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA NO BRASIL

RODRIGUES, Augusto. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Pelloso Gelamo. Bolsista do PIBIC/CNPq. E-mail: augustorodrigues10@yahoo.com.br

Esta comunicação tem o objetivo de apresentar as ponderações iniciais de nossa pesquisa PIBIC 2014/ 2015, cujo intento centra-se na investigação e análise sobre o debate do ensino de filosofia no Brasil. No primeiro momento da pesquisa nos dedicamos ao levantamento bibliográfico de vinte e sete periódicos que temos como material de análise e ao fichamento dos artigos encontrados que tinham ressonância com a investigação da pesquisa posta. Posteriormente, nossa iniciativa consistiu em mostrar duas vertentes de pensamento predominantes no debate sobre o ensino de filosofia no Brasil. A primeira vertente, se dá mais próxima dos anos 2000, aproximadamente desde os anos 70 até os dias de hoje, a qual atribuiremos o nome de vertente do filosofar. A segunda vertente consiste na defesa do ensino histórico, da história da filosofia, cujo nome atribuiremos de vertente da história. A fim de breve esclarecimento, mostraremos que a primeira vertente se dá como um movimento contrário à segunda. Sua militância reside no ato de mostrar que ensinar filosofia é ensinar a filosofar, isto é, ensinar filosofia consistiria numa prática que visa o desenvolvimento da razão, da criatividade e da crítica. Nessa vertente, poderíamos questionar se o filosofar apresentado não poderia

ser também interpretado como um exercício pelo exercício, onde ocorre a superestimação da espontaneidade, da criatividade e obscurecimento de um possível rigor. Já na vertente histórica, procura-se defender que o ensino de filosofia deve ser calcado na preparação dos estudantes para à compreensão dos autores da filosofia e, conseqüentemente, da história da filosofia com maior eficácia e precisão. Ou seja, ensinar filosofia, nesse caso, implicaria num ensino da história da filosofia e, por isso, faz-se da história um conteúdo e a sua compreensão um objetivo a ser alcançado. Portanto, o ensino filosófico consistiria em uma transmissão de um conhecimento e a reprodução, ainda que rigorosa, daquilo que foi dito pelos grandes filósofos. Pretendemos, dessa maneira, oferecer indícios acerca dos limites e as possibilidades dessas duas vertentes.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Periódicos. História da Filosofia. Filosofar.

O PROBLEMA DA PROPRIEDADE DOS NOMES A PARTIR DO CRÁTILO DE PLATÃO

RODRIGUES, Yuri de Lima. Universidade Federal do Ceará (UFC). Orientador: Prof. Dr. José Gabriel Trindade dos Santos. E-mail: yurirodrigues329@gmail.com

As páginas de Bernard Williams em *Cratylus's Theory of Names and its Refutation* (Nussbaum/Schofield, 1982) me levaram a pensar algumas vias que tenham levado as proposições de Crátilo à tese das etimologias. Nesse sentido, usa-se o problema da propriedade dos nomes (WILLIAMS, 1982, p. 83). Ele afirma que a fala de Hermógenes em 383b é indicativo da questão a respeito da propriedade de um nome N sobre um objeto X. O problema da propriedade pode ser notado pela diferença entre dois quadros conceituais que esboçam a relação entre nome e coisa: (a) em um primeiro quadro pensa-se o nome de modo geral como no caso de nome N que se refere a um conjunto de coisas X, assim N é nome de X1, X2, Xn como, por exemplo, no caso em que chamamos por Antônio um conjunto X de Antônio existentes na realidade; já em um segundo quadro (b) para cada X se refere um nome de modo específico, ou seja, há um N1 para X1 assim como um N2 para X2 e desse modo sucessivamente. Em suma, a importância do problema para a filosofia da linguagem consiste em investigar, dialogando com Platão, a respeito da relação nome/coisa ao ponto de se cogitar substituí-la por uma relação nome/objeto intelectual/objeto empírico como o projeto de filosofia transcendental kantiano posteriormente o fez. Aqui, aos diversos Antônio da realidade corresponderia um nome por propriedade, a despeito das mesmas sílabas e letras. O problema da tese de Crátilo reside no fato de transpor das coisas para os nomes o fator proprietário a partir das teses em 383a. Nesse sentido, a correção passa a ser uma propriedade do nome e isso, por sua vez, nos leva a algumas ideias a respeito dos nomes como, por exemplo, a de (I) ser o nome o que dita os critérios para que algo possa ser utilizado por ele; (II) a noção de que esses critérios consistem em algo do nome sem que haja influência das coisas na realidade presente sobre tais critérios; (III) com isso tudo também o fato de o nome ganhar ares de objeto autônomo e, por fim, (IV)

a noção de a referência ser a si mesmo ou, em outras palavras, a esses critérios próprios do nome.

Palavras-chave: Platão. Filosofia da linguagem. Filosofia antiga. Epistemologia.

DIALÉTICA E RAZÃO NO PENSAMENTO DE HEGEL

SALVIO, Thiago de Souza. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). E-mail: thiagosalvio@hotmail.com

Por idealismo especulativo, podemos conceber esta filosofia desenvolvida através duma intrincada lógica de contradições (dialética) levadas a cabo pelo trabalho da razão negativa no sentido de superá-las, ao mesmo tempo em que as conserva para elevá-las à uma nova unidade sintética do todo. G. W. F. Hegel (1770 - 1831), junto àquela corrente epistêmica: o idealismo alemão, alocando o substancial da razão no próprio devir histórico e ético, na racionalidade do Ser-aí humano. Nosso objetivo em termos de entendimento, é a apreensão refletida do presente conteúdo expositivo, de forma que, os conceitos fundamentais sejam dialogicamente elucidados no decorrer ideal da comunicação.

Palavras-chave: Idealismo especulativo. Dialética. Fenomenologia.

REPENSAR O IMPERIALISMO ATRAVÉS DOS CLÁSSICOS: PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS DO COLONIALISMO MODERNO

SAMPAIO, Thiago Henrique. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis). E-mail: thiago.sampaio92@gmail.com

A partir do último quartel do século XIX, surge uma nova configuração na política de dominação territorial e política desenvolvida pela Europa, o direito de ocupação histórico passa a ter um papel secundário e a ocupação efetiva de uma região começa a prevalecer. Diversas nações buscaram construir impérios coloniais ao longo do globo e as antigas potências coloniais, Espanha e Portugal, tentavam manter seu status de país colonizador diante da ascensão de novos Estados colonizadores, no caso, Inglaterra, Alemanha, França, Itália e Bélgica. A Conferência de Berlim (1884-1885) marcou a divisão do continente africano entre os países europeus e tinha como maior objetivo a elaboração de um conjunto de regras que legitimavam a conquista da África de forma mais organizada possível, quando a conferência terminou uma de suas principais consequências foi à substituição do direito histórico pela ocupação efetiva de um território. A busca de mercado, matéria-prima e mão de obra barata foram o forte desta nova mentalidade colonizadora de finais de Oitocentos, uma das consequências diretas dessa competição em busca de novos territórios foi a Primeira Guerra Mundial. Esta nova política colonial irá divergir daquela adotada ao longo dos séculos XV ao XVIII e prevalecerá até o pós-Segunda Guerra Mundial com o surgimento de movimento de

descolonização nos continentes africanos e asiáticos. Diversos escritores do período teorizaram sobre este acontecimento histórico e posteriormente suas reflexões foram reinterpretadas. O presente trabalho visa discutir as abordagens filosóficas e sociológicas clássicas do colonialismo moderno (Lenin, Rosa Luxemburgo, Schumpeter, Hobson) e reinterpretações da segunda metade do século XX (Sartre e Hannah Arendt) buscando construir um eixo comum nelas.

Palavras-chave: Imperialismo. Colonialismo. Teorias Coloniais. Pensamento Colonial. Neocolonialismo.

A ORIGEM DO AMOR MUNDI: A BASE AGOSTINIANA DO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT SOBRE O AMOR

SANCHES, Elissa Gabriela Fernandes. Universidade do Sul de Santa Catarina-Faculdade Nazarena do Brasil. E-mail: elissagabriela@sabercriativo.com.br

Como *appetere* ('um apetite'), o amor, segundo Agostinho, se resume no simples ato de desejar. Porém, quando o indivíduo se conscientiza da configuração temporária de seu desejo, este amor se converte em medo, um medo referente à possível perda. Todavia, o amor é um só, pois o desejo é um, porém ele pode ser direcionado às coisas do mundo como pode ser dirigido ao Sumo Bem, a Deus. Agostinho trabalhou com um conceito de amor associado à doutrina cristã, enquanto Hannah Arendt desenvolve esta ideia agostiniana, contudo afirmando a natureza não mundana do amor – contrapondo Agostinho –, e por isso o amor é uma das forças antipolíticas mais poderosas que existe. A autora readapta este conceito e se opõe à tese agostiniana quando ela argumenta que o amor público reside sob a forma de caridade. Ela analisa a condição do ato de amar na perspectiva do próximo – o *dilectio proximi* ('amor ao próximo'), que tem origem na frase cristã "ame ao próximo como a ti mesmo" –, em que o indivíduo esquece de si mesmo e o desejo se volta para o outro, contudo de forma distanciada uma vez que essa des-subjetivação também promove o esquecimento da relação que deu origem a esse novo norteammento. Esta última problemática foi observada a partir das análises que a autora realizou sobre Agostinho, visto que ele evidencia neste mandamento cristão uma maneira de viver diante de Deus (*coram deo*) por meio do outro. Ela então herda a noção agostiniana de amor mundi ('amor pelo mundo'), que não foi conceituado, mas é possível se aproximar de sua descrição através do conjunto de reflexões que ela mesma produziu, sobretudo em suas obras "A Condição Humana" e "O Conceito de Amor em Santo Agostinho". Desta maneira, o amor mundi se relaciona com a responsabilidade política do indivíduo para com o mundo, como lugar de vida essencialmente constituído pela política, definida como o meio que promove a convivência e comunicação entre os diferentes. Esta condição terrena e mundana é inerente à ação e pensamento de cada sujeito, o qual possui uma capacidade que, no todo, é geradora do espaço público, da comunidade (*societas*). É por meio dessa vida comum que cada um exerce a sua subjetivação social, processo este que individualiza em nível de memória e da história, considerando que um não é igual ao outro. Este trabalho procura explorar esse assunto

de modo a apreender o panorama geral que deu origem ao conceito de amor mundi desenvolvido pela filósofa e teóloga Hannah Arendt.

Palavras-chave: Amor mundi. Agostinho. Conceito de amor. Hannah Arendt.

UMA POSSÍVEL RELAÇÃO ENTRE O DISCURSO SOFÍSTICO E O DISCURSO DAS PROPAGANDAS PUBLICITÁRIAS: UMA FORMA DE INDUÇÃO E MANIPULAÇÃO

SANTO, Deborah Gadelha Espírito; ALVES, Leon Victor Fernandes; CUNHA FILHO, Paulo Cesar Franco da. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientador: Prof. Dr. Antônio Sérgio da Costa Nunes. E-mail: gadelhafr@hotmail.com

As propagandas refletem um mundo persuasivo e indutor, em que as pessoas aparecem felizes por consumirem produtos que aparentemente os satisfazem. O que leva as pessoas sentirem-se felizes, é o fato de já possuírem os produtos que aparecem no comercial, tais como: carro do ano, produtos de beleza, viagens dos sonhos, aparelhos tecnológicos, moda, bebida alcoólica, entre outros. A mídia trabalha para que sua produção de imagens chegue ao indivíduo de maneira que afirme não só o consumo, mas também os modos de sociabilidade em grupo. Pois, é a propaganda quem diz, onde, o que, quando e como consumir, sendo esta uma estratégia, que a mídia usa para alienar e manipular. O argumento na comunicação é tudo aquilo que nos faz pensar de modo diferente, ou seja, usa uma maneira de convencer e induzir na mudança de hábitos e comportamentos. Argumentar é a busca do convencimento e da persuasão e o objetivo do discurso publicitário é persuadir o público de todas as classes sociais a consumirem determinado produto independentemente do poder aquisitivo, na verdade a intenção é bem clara, convencer a consumir sem restrições. Nos comerciais a felicidade é ponto chave da propaganda, pois, faz uso de tal sentimento, para criar uma ilusão de satisfação ao consumidor e, atribuem qualidades aos produtos que seduzem e induzem o consumo. O que pretendemos no referido trabalho é estabelecer uma possível relação entre o discurso da propaganda, e o discurso sofístico. Ambos têm o mesmo objetivo, persuadir e mascarar a realidade das coisas, criando uma ideologia e, fazendo assim uma forma de vender a sua “verdade”. No discurso sofístico, podemos encontrar exatamente esse interesse, em persuadir e convencer os interlocutores a acreditarem nas suas verdades por meio de um falso discurso, usando a persuasão. Através da obra “O Sofista” de Platão vamos poder observar alguns pontos que indicam essas possíveis relações, por meio do debate entre o Estrangeiro e Teeteto.

Palavras-chave: Propaganda. Comunicação. Discurso. Filosofia.

O POTENCIAL EMANCIPATÓRIO DO DIREITO LIBERAL NA OBRA DE FRANZ NEUMANN

SANTOS, Alan Ferreira dos. Universidade Federal do ABC (UFABC). Orientadora: Prof.^a Dr.^a Monique Hulshof. Bolsista do CNPq. E-mail: alanferreirasantos37@gmail.com

A visão marxista predominante considera o direito um instrumento que efetiva e oculta a dominação de uma classe sobre outra. Dentro dessa perspectiva, a teoria crítica desenvolvida no Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, analisa o direito sob o ponto de vista marxista, sublinhando o seu papel na reprodução da dominação de classe. Franz Neumann (1900 – 1954), teórico do direito e ligado ao Instituto de Pesquisa Social, não concorda com essa afirmação. Para ele, o direito liberal não é apenas um instrumento para satisfazer os interesses da classe dominante. Ele afirma que o direito liberal pode deixar de ser mera ideologia de classe, ou seja, um instrumento de dominação, e constituir-se em condição necessária para a emancipação. Para compreender a visão de Neumann, que contesta certas obras do jovem Marx e vários escritos marxistas, inclusive dos próprios colegas do Instituto de Pesquisas Sociais, pretendemos examinar em que medida ele considera que o direito liberal pode deixar de ser uma mera técnica para conquista e manutenção do poder pelas classes dominantes e apresentar um potencial emancipatório.

Palavras-chave: Teoria crítica. Direito. Filosofia. Política. Emancipação.

DA INJUSTIFICABILIDADE À RECUSA DA ANGÚSTIA: O CONCEITO DE MÁ-FÉ

SANTOS, Diemmenon Miguel Maria dos. Universidade do Estado do Pará (UEPA). Orientadora: Prof.^a Regina C. Nery. E-mail: diemmenonmiguel@hotmail.com

O estudo trata do conceito sartreano de má-fé, bem como expõe a noção de angústia. O termo injustificabilidade remete ao surgimento do homem ao mundo, a saber, a existência aparece como injustificável. Mas cabe apenas mostrar que esse fato contingente leva até à culminância daquilo que Sartre chama de má-fé, que é recusa, negação da angústia perante a liberdade. Não se trata de anular a angústia da consciência, mas ser angústia para dela fugir. A má-fé se constitui como mentira diante de si, tenta nos constituir como sendo o que não somos; é o meio pelo qual se dissimula a liberdade.

Palavras-chave: Angústia. Má-fé. Recusa. Negação.

A CONCEPÇÃO DE PHRONESIS NA ÉTICA A NICÔMACO DE ARISTÓTELES

SANTOS, Gabriela Esther Nascimento dos. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientador: Prof. Dr. Sérgio Nunes. E-mail: gabriela.logos@hotmail.com

Esta comunicação consiste numa análise do conceito aristotélico de sabedoria prática. A análise concentra-se principalmente nos livros II e VI da *Ética a Nicômaco*, que mostra o saber prático está em função de sermos bons e, é concebido por Aristóteles como um retorno à empiricidade do ethos, mas não como um empirismo do senso comum, considerado que seu núcleo é a phronesis. Portanto, a phronesis é uma sabedoria prática concebida como uma estrutura dianoética fundamental do agir ético. Logo, o conceito aristotélico de phronesis coloca a teoria como intrínseca e construtiva da práxis. Inicialmente será feita uma exposição dos principais traços do conceito aristotélico de Sumo Bem ou Felicidade (eudaimonia). Esta exposição visa contextualizar minimamente a problemática que gira em torno do conceito de sabedoria prática. Tendo sido a felicidade caracterizada como uma atividade racional conforme a virtude, passou-se a caracterizar o conceito de virtude moral, a despeito da afirmação de Aristóteles segundo a qual a vida feliz é a vida conformada pela atividade contemplativa. A abordagem do conceito de sabedoria prática foi então alcançada através do seguinte caminho, a virtude moral implica a realização de uma escolha; a escolha virtuosa é aquela que se realiza segundo princípios racionais práticos; a escolha racional é o resultado de uma deliberação moral racional; e, finalmente, a excelência da deliberação moral racional é a sabedoria prática.

Palavras-chave: Phronesis. Sabedoria prática. Ética. Virtudes.

INTERSECÇÕES ENTRE FILOSOFIA E ANTROPOLOGIA: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE CONTEMPORANEIDADE EM GIORGIO AGAMBEN, CLAUDIA FONSECA E LÚCIA ARRAES MORALES

SANTOS, Héder Junior dos. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). E-mail: heder_eu@hotmail.com

A comunicação visa a buscar no ensaio “O que é o contemporâneo?” (2009), de Giorgio Agamben, na etnografia *Família, fofoca e honra* (2000), de Cláudia Fonseca e no breviário de anotações resultante do curso de Antropologia contemporânea, ministrado pela Profa. Dra. Lúcia Arrais Morales (DAS da FFC da Unesp/Marília, 2013-2014), subsídios para o estabelecimento de linhas gerais do contemporâneo enquanto categoria analítica, por um lado; por outro lado, inversamente, visa a buscar nas práticas cotidianas atitudes de suspensão de idolatrias oblíquas, produção de desconexões e afastamentos em nós e nos entornos do sentido da vida patriarcal e burguesa, e das ações e concepções advindas da aliança com tais visões hegemônicas do mundo ocidental, sua ontologia e cosmologia. De algum modo, impõe-se a pensar em exercícios fundamentais para a formação dos modos de ver da/o profissional em

Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, sobretudo, aquela/e que lida diretamente com formação de expressões únicas da espécie (no caso da docência em salas de aula dos 1º, 2º e 3º graus), ou aquelas/es outras/os que se querem intérpretes dos mesmos (no caso da pesquisa acadêmica), haja vista que nem sempre a alteridade com a qual se está estabelecendo uma relação é cristã, branca, burguesa, de pensamento masculino, heteronormativa, adulta, escolarizada e magra, e nem nós mesmos. E o que não se ambiciona é solidificação de categorias, normas, valores, percepções, orientações, imagens e representações enquanto sistemas cognitivos que comandam nosso comportamento individual e coletivo. Reunindo apontamentos sobre o contemporâneo, práticas de saber e de ensinar, e filosofia de conduta, tentamos esboçar a história de experiências paradoxais: de luta contra a Academia, no interior dela mesma; de uma prática avessa às suas normatizações e de uma reflexão sobre essa prática. Por isso, à primeira vista desligados (ou nem tanto para aqueles que frequentaram a disciplina de Lúcia Arrais Morales), cremos haver, entre os três “caçadores do contemporâneo”, uma coerência de fundo, ou, pelo menos, os passos de uma problematização, a possibilitarem-nos a formação de uma espiral dialética que se move em direção do contemporâneo, contorna a condição de ensino e pesquisa no campo das Humanidades, e retorna ao contemporâneo ampliado, procurando alternativas intelectuais e pedagógicas que, na verdade, são também atitudes políticas. Recai-se, assim, na necessidade de estudar concretamente essas leituras e as diferentes formas de conexão que os textos e práticas adquirem através delas. E a questão da função ou das funções da pesquisa e da sala de aula, cumpre lembrar, só ganha sentido se discutida em relação às circunstâncias históricas, concretas e determinadas, como por exemplo, o uso que certas instituições fazem dos textos das Humanidades e do próprio conceito de humanidade, em certos períodos da história de um país. Entre essas, a instituição escolar, da educação infantil à pós-graduação.

Palavras-chave: Contemporâneo. Atitudes de transgressão. Filosofia de conduta.

FILOSOFANDO COM AS CRIANÇAS FORA DA SALA DE AULA

SANTOS, Heriberto Gregorio dos; COSTA, Jerlan. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: gregoriovip@yahoo.com.br

O presente trabalho relata uma experiência vivida no ano de 2014 com as crianças e adolescentes do Samba de Roda Mirim da cidade Saubara, situada no recôncavo baiano a 100 km de Salvador. É público e notório que na grade curricular do ensino fundamental na nossa cidade não existe a disciplina filosofia, o encontro com a mesma só se dará no ensino médio, precisamente no primeiro ano. Nesta perspectiva, a intenção deste trabalho foi apresentar a filosofia com seus respectivos filósofos a exemplo de Aristóteles, Platão, Thomas Hobbes. Aproveitando do ano eleitoral, discutimos então o conceito de política em Aristóteles, contrapondo a ideia de Platão e Tomas Hobbes. A experiência vivida com os integrantes do samba mirim partiu da curiosidade de alguns adolescentes ao ver o livro O mundo de Sofia, perguntaram então, o que é pra que serve

a filosofia? O que é um filósofo? E qual a função? Então, foi se distribuída apostilhas para estudos, na verdade o que se chama de dever de casa, após a leitura prévia foi marcado um encontro.

Palavras-chave: Política. Crianças. Filósofos.

UMA COMPREENSÃO DE VERDADE E RAZÃO EM DESCARTES E KANT

SANTOS, Inês Ferreira; ALVES, Carlos Danilo dos Santos. Universidade Federal do Recôncavo Bahiano (UFRB). E-mail: luisferreirasants@gmail.com

É preciso, antes de tudo, para encontrar um sentido real ou a razão das coisas, desprender-se de tudo aquilo que interferirá na análise e seu resultado final. A presente pesquisa tem o objetivo de enlaçar o método cartesiano de conhecimento e a busca pela Razão Pura como sugere Kant. É fundamental desfazer de todos os conceitos antes obtidos e recriá-los de modo que não reste nenhuma dúvida da validade do conhecimento. Se de acordo com o racionalismo cartesiano o conhecimento acontece por meio do pensamento onde é fácil e claro notar as impressões das coisas e permitir que esta compreensão seja verdadeira, seria isto talvez a ideia. E toda ideia será verdadeira, segundo Descartes, mas o seu conteúdo ou juízo ainda pode ser julgado como verdadeiro ou falso. Kant vem nos dizer sobre a razão humana e a tormenta das questões inevitáveis, onde estas serão impostas pela natureza e de modo algum serão respondidas, consequentemente ele afirma que tais perguntas e as suas devidas respostas são por excelência uma tarefa inacabada, o encontro com a razão pura acontecerá pela crítica da faculdade da razão em geral que acontecerá para além da experiência e é neste caminho que o Kant afirma que a razão pura resolverá inclusive os problemas da metafísica. Para este filósofo, a parte pura da razão, ou seja, tudo aquilo determinado a priori pela razão deverá ser exposto sem misturas que provenham de outras fontes, para que no fim não possam ser distinguidos. No entanto, ao perceber a dúvida, é compreensível a ida ao encontro com a certeza da verdade, a desconstrução e reconstrução de si e do conhecimento não se daria a troco de nada, a inquietação pela incerteza e pela dúvida promove a busca do conhecimento verdadeiro, assemelhando-se com a busca pela pureza da razão, ou praticamente se igualando. De modo meio turvo essa busca acabaria num reconhecimento de algo pré-existente.

Palavras-chave: Kant. Descartes. Verdade. Razão.

PSEUDO-REFORMA NO SISTEMA PENAL OCIDENTAL: A NOVA FACE DO MODELO ESCOLÁSTICO

SANTOS, Jean Holanda. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: jeanhollandasantos@hotmail.com

Este trabalho, que utiliza o curso “Os Anormais” (1974-1975) de Michel Foucault, mais especificamente a primeira aula, busca traçar um perfil do sistema penal ocidental do século XVIII até a contemporaneidade mostrando que o modelo escolástico-aritmético, mesmo com uma grande crítica dos “reformadores” que gerou mudanças nesse sistema, ainda é vigente, travestido de “sujeito universal”.

Palavras-chave: Anormais. Foucault. Justiça.

SOB O VÉU DA IGNORÂNCIA: UMA TEORIA DA JUSTIÇA EM RAWLS

SANTOS, Leandro Rocha dos. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Orientador: Prof. Dr. Walter Valdevino. Bolsista do CNPq. E-mail: leandro_rocha2006@hotmail.com

O presente trabalho fundamenta-se inicialmente na exposição da teoria da justiça elaborada por John Rawls, suas características e ideias principais, bem como analisa os princípios da justiça que dela advém, a ideia de justiça como equidade, a de igualdade democrática e o princípio da diferença. Em Justiça como equidade: uma reformulação, o filósofo norte-americano John Rawls (1921-2002) propõe uma concepção de justiça em que seus princípios mais razoáveis seriam aqueles que fossem objeto de um determinado acordo mútuo entre pessoas em condições equitativas. Nesse sentido, o presente trabalho é um esforço de problematizar o conceito de justiça como equidade visto como uma concepção política de justiça, concepção essa que, embebida nas fontes do contratualismo, articula uma compreensão liberal, no entanto, ampla, de liberdades e direitos básicos.

Palavras-chave: Justiça. Equidade. Política. Cooperação social. Véu de ignorância.

À CRÍTICA DE WALTER BENJAMIN A REPRODUÇÃO EM MASSA DA OBRA DE ARTE

SANTOS, Rodrigo Silva. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: unicamente_humano@hotmail.com

Nesta comunicação pretendemos abordar a teoria do Filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940) Acerca da obra de arte em seu período de reprodutibilidade técnica. O desenvolvimento dos processos industriais ocasionou profundas mudanças na maneira de conceber e produzir obras de arte, inclusive, através de novas manifestações artísticas como a fotografia e o cinema que inauguram um novo paradigma no campo das artes. Os novos meios de reprodução técnica coincide com o período de emergência da cultura de massas, o que permite levantar uma série de questões sobre o estatuto da obra de arte. Afinal, podemos considerar o filme cinematográfico e até mesmo a fotografia como legítimas obras de arte? Qual a diferença entre um ator de teatro e um intérprete em cinema? Podemos indagar se as novas manifestações artísticas, que permitem a realização de ensaios prévios e montagens de imagens com sobreposição de

som e dublagem através de técnicas e aparelhos sofisticados, não se perde algo do que caracterizava a arte como tal, a saber, o “aqui e agora”, e essência que seria captada por meio da arte tradicional. Com efeito, esse aspecto que confere certa “autenticidade” à obra de arte é valorizado pelo filósofo, ao passo que estaria ausente na fotografia e no cinema, uma vez que intervém a reprodução técnica nas obras assim produzidas. É por isso que se faz necessário, primeiramente, discutir o conceito de “aura” para avaliar em seguida como é que a reprodutibilidade técnica destrói a aura da obra de arte. Isso nos permitirá também examinar algumas consequências do modelo capitalista de produção, sobretudo, no campo social e político em que opera uma verdadeira revolução.

Palavras-chave: Arte. Aura. Sociedade.

O PODER EDUCATIVO NO PENSAMENTO DE ADORNO

SHIRAKAVA, Rafael da Silva. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).
Orientador: Prof. Dr. Sinésio Ferraz Bueno. E-mail: rafael.091133@hotmail.com

O objetivo desse trabalho é abordar os temas da "educação" e da "emancipação" nos textos de Theodor Adorno, principalmente, nos ensaios escritos na década de 60 (período em que Adorno retorna para Alemanha após ficar exilado nos Estados Unidos). Para Adorno, a educação deve ser produtora de experiência, voltada, principalmente, para a primeira infância. Além disso, ela deve auxiliar o indivíduo em sua emancipação, em seu próprio entendimento, deixando este guiar-se pelo uso da própria razão. Tais textos buscam trazer possíveis soluções para sanar problemas abordados em grande parte da produção filosófica de Adorno: a barbárie e a violência contra a figura de estranheza, o unheimlich, o diferente. Para fundamentos de suas pesquisas Adorno busca nos trabalhos do psicanalista Sigmund Freud, os fundamentos necessários para teorizar acerca da educação. Buscando analisar os fenômenos de massa de países democráticos como Alemanha e Estados Unidos. Com isso, Adorno percebe e alerta sobre a emergência de se falar sobre a barbárie, a violência e a criação social de figuras de estranheza (tais como mendigos, prostitutas, homossexuais,...). Por isso, a emergência de falar sobre Auschwitz e ao mesmo tempo a "elaboração do passado" para que este não se repita. Tais temas são centrais em textos como "Educação após Auschwitz" e "O que significa elaborar o passado", o primeiro refere-se a não repetição, a quebra do ciclo de produção da barbárie e o segundo sobre a necessidade de pensar o passado como algo que pode emergir a qualquer momento na civilização, caso este não seja devidamente pensado, elaborado. Dito tudo isso, buscaremos fazer uma breve análise dos textos de Adorno enfatizando o tema do "poder educativo", isto é, a maneira como a educação pode auxiliar na diminuição da violência e criação social de figuras de estranheza (aqueles que não estão dentro dos limites impostos pela cultura, pela civilização).

Palavras-chave: Adorno. Psicanálise. Educação. Emancipação. Freud.

DESMISTIFICANDO A IMAGEM POPULAR DA CIÊNCIA: INDUTIVISMO VERSUS FALIBILISMO

SILVA, Adam Augusto Silva e. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizabeth de Assis Dias. E-mail: adamaugusto59@gmail.com

O objetivo do trabalho é fazer uma crítica à concepção de ciência do senso comum e à concepção empirista da ciência tal como Bacon a concebe. Iremos mostrar que ambas as concepções veem o conhecimento como fundado na experiência, na observação dos fatos e por isso a ciência é concebida como certa e infalível. Tal certeza e infalibilidade são dadas pela sua base empírica. Tendo a concepção de Popper como fundamento, iremos desmistificar essa imagem da ciência como “conhecimento certo e infalível”, pois o filósofo austríaco defende que todo conhecimento é falível e sujeito a erros e não tem por base a experiência.

Palavras-chave: Ciência. Experiência. Certeza. Falibilismo.

CONDIÇÕES E POSSIBILIDADES DA TRANSMISSÃO DA FILOSOFIA SEGUNDO KANT: O QUE É E COMO APRENDER FILOSOFIA

SILVA, Camila da Cruz. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). E-mail: milamingroni@ig.com.br

Assim como Kant considera que a Filosofia é uma ocupação apenas para a idade adulta, ele afirma que a Filosofia em si não existe, tomando-a apenas como uma unidade dos múltiplos conhecimentos ante a uma ideia, ou seja, é um sistema de todo conhecimento filosófico já produzido. É necessário pontuar que, ainda que existisse uma Filosofia, não seria possível sua aprendizagem, quer dizer, alguém que aprendesse Filosofia não seria filósofo, pois seu conhecimento seria sempre subjetivamente histórico e não ultrapassaria o nível aquisitivo da aprendizagem de conhecimentos, sem que se atingisse o nível ativo do próprio exercício da razão, que como sabemos é o objetivo de Kant ao propor o ensino da Filosofia. Para Kant a Filosofia pode ser tida objetivamente apenas como um modelo, e assim sendo não é possível ensiná-la ou apreendê-la, a partir da Filosofia é possível apenas que se aprenda a exercitar a própria razão, ou seja, é possível que se aprenda a filosofar. Levando em consideração que o ensino da Filosofia não é um ensino de conteúdos, o aprendiz deve, portanto aprender a pensar, e não aprender pensamentos. A partir de tais limitações ante ao ensino e aprendizagem da Filosofia deparamo-nos com a seguinte problemática: qual o momento certo para que se inicie a transmissão da Filosofia e qual o método adequado para que seu fim seja atingido. Meu objetivo com este trabalho é percorrer com Kant, o caminho já traçado por ele, com a finalidade de repensar as condições e possibilidades para o ensino da Filosofia, uma problemática presente ainda na atualidade que está longe de encontrar uma solução efetiva, tendo como princípio a condução do aprendiz à sua independência, ou seja, a intenção será sempre a de que o aprendiz seja capaz de exercer sua razão, mas com o

cuidado para que haja o máximo de respeito possível à ordem natural de aquisição dos conhecimentos de cada um, que como Kant afirma, vai contra a ordem dos conhecimentos a serem transmitidos.

Palavras-chave: Transmissão da Filosofia. Kant. Exercício da razão.

A TRANSDISCIPLINARIDADE E SEU PAPEL

SILVA, Carlos Henrique Lemes da. Universidade Estadual Paulista (FCLAr - UNESP). Orientador: Prof. Dr. Sérgio Gertel. E-mail: portnway@gmail.com

O presente trabalho busca discutir a relação estabelecida entre as Ciências Biológicas em seu paradigma de interação com as Ciências Humanas. Logo, este trabalho se propõe a apresentar uma discussão transdisciplinar das Ciências Biológicas com as Ciências Humanas, teorizando e integrando métodos para intervenção na realidade do cotidiano do objeto de forma que abranja diferentes áreas do saber via integração metodológica das diferentes ciências. Com a aproximação das áreas que dividem e caracterizam as diferentes ciências, a teorização e materialização para construção desse novo paradigma se fazem necessárias, e não a insistência dada à sua separação por parte dos levantes acadêmicos. Os campos de análise anteriores propiciaram métodos que se prenderam à singularidade departamental científica de análise. A necessidade de uma análise do cotidiano via seus momentos de formação, deve considerar a totalidade do objeto analisado, em suas mais diversas interações, formação e forma, logo, exige-se nessa relação-situação uma aproximação dos campos dos saberes objetivando a mais próxima interlocução e perspectiva do real do objeto. Por meio dessa busca, é possível estabelecer nexo das interações do objeto. Assim, os mais diversos campos científicos e filosóficos poderão avançar na compreensão das perspectivas do Físico e do Metafísico. Essa discussão evidencia que a análise complexa transdisciplinar pode demonstrar e criar modelos teóricos capazes de padronizar um sistema onde haja um procedimento de análise do objeto pelos muitos campos das ciências, visando contribuir para um quadro geral e universal mais próximo da totalidade do problema. Ao se apresentar nesse crivo, será possível observar e compreender a realidade de forma complexa, se aproximando do mais real possível e, assim, intervir de maneira assertiva no cotidiano do objeto e, em alguns casos, no sistema de ações que o desencadeou. No atual paradigma de complexidade em que os novos problemas se deparam, por exemplo, as crises no âmbito do diagnóstico de doenças e suas medicações necessitam de maiores informações sobre o cotidiano dos indivíduos para que então haja o diagnóstico adequado das doenças como uma maior probabilidade de cura, isto é, resultados efetivos, não dependendo apenas da qualidade ou composição fármaco, mas também dos hábitos familiares, particulares, coletivos, isto é, o contexto sociocultural no qual o indivíduo se situa. Os comportamentos que induzem aos estados alterados de saúde são os mais comuns e explícitos exemplos sobre o atual contraste do tema. O uso disciplinar de métodos exclusivos não satisfaz a condição a qual o problema biossocial se apresenta. É preciso, a partir das novas

discussões epistemológicas sobre a transdisciplinaridade, observar e teorizar a interação entre o biológico e o social, indivíduo e coletivo, formular novos modelos técnicos para prognóstico e diagnóstico, intervindo assim com maior intensidade e obtendo resultados em múltiplas áreas na realidade cotidiana do objeto proposto.

Palavras-chave: Transdisciplinaridade. Complexidade. Ciência. Século XXI.

AS BASES FILOSÓFICAS DA TEORIA DA LITERATURA

SILVA, Cássio Vasconcelos e. Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: cassiovasil.dm@gmail.com

A Teoria da Literatura enquanto investigação cerrada e intrínseca, por vezes tratada como ciência, é um saber organizado que possui uma dupla gênese. A primeira remonta à Rússia pré-revolucionária. A partir de 1930, surge então uma corrente anglo-americana de estudos literários chamada New Criticism, segunda gênese da Teoria da Literatura. O principal interesse desses dois movimentos, tanto do Formalismo Russo como da Crítica anglo-americana, era lançar as bases para um novo tipo de saber objetivo sobre a Literatura, sem, entretanto, fazer concessões ao positivismo francês, que orientava toda a epistemologia da História da Literatura. Para esta, a meta fundamental dizia respeito ao conhecimento das causas. Para aquela, entretanto, tratava-se de, antes mesmo de buscar as causas, ser necessário investigar os princípios e os elementos daquilo que se pesquisava. Destarte, a Teoria da Literatura buscou investigar a natureza mesma do seu objeto, lançando assim questões de ordem ontológica sobre ele. Suas questões, entretanto, por não serem originárias, mas originais, remontam à Arte Poética (ou simplesmente Poética) de Aristóteles: primeiro tratado conhecido sobre aquilo que nós ocidentais passamos a chamar, no século XVIII, de Literatura. A Poética, em seu turno, remonta a todo o sistema do filósofo de Estagira. Assim, nosso trabalho intenta relacionar as questões originárias com as originais, na busca de investigar as raízes daquele saber que se originou no século XX. Relacionaremos, então, as questões filosóficas levantadas por Aristóteles com aquelas propostas pelas primeiras correntes da Teoria da Literatura, procurando desse modo descobrir se há conteúdo filosófico naquele saber sobre a Literatura, ou se se trata de puro “ataque ao ente”, no sentido que Heidegger atribui a esse termo. Por fim, faremos um paralelo entre o conceito de *ostranenie* dos Formalistas Russos com o de catarse em Aristóteles, para entendermos portanto como ambos pensam a função da Arte.

Palavras-chave: Aristóteles. Arte. Literatura.

A FENOMENOLOGIA DO CONCEITO NA DIALÉTICA DA CONSCIÊNCIA COMUM

SILVA, Guilherme Diniz da. Faculdade de São Bento (FSB). Orientador: Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva. E-mail: g.diniz.op@gmail.com

Ao abordar a dialética da consciência comum, na primeira parte da *Fenomenologia do Espírito*, Hegel estabelece o movimento que descreve a sua teoria geral do conhecimento. Nela, compreendem-se três momentos ou figuras da consciência (Bewusstsein): a certeza sensível (sinnliche Gewißheit), o perceber (Wahrnehmung) e o entendimento (Verstand) que representam a passagem da sensibilidade imediata à universalidade sensível e, em seguida, à universalidade incondicionada. Enquanto suprasumir (aufheben) dos momentos anteriores, a terceira e última figura se apresenta como conceito (Begriff). Por isso, a formação fenomenológica da consciência se identifica à formação fenomenológica do conceito: superação do imediato estático pelo imediato em devir. O sensível, o universal e o incondicionado são apenas as articulações do conceito. Isso significa que a sensibilidade da certeza sensível é negada pela universalidade da percepção. Esta negação é novamente negada pela universalidade incondicionada do entendimento, formando assim a fenomenologia do conceito nas primeiras figuras da consciência. Mas, visto que a posse do conceito implica a consciência de si, a dialética da consciência comum (sensação, percepção e entendimento) corresponde da dialética da consciência de si (desejo, reconhecimento e liberdade). Há, portanto, um paralelismo entre os elementos cognitivos da consciência e os elementos emotivos da consciência de si (Selbstbewußtsein).

Palavras-chave: Consciência. Consciência de si. Conceito. Dialética.

O RISO PERVERSO DA INDÚSTRIA CULTURAL: A DOMINAÇÃO PELO SORRISO

SILVA, Júlia Pereira da. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Franca). Orientador: Prof. Dr. Gustavo José de Toledo Pedroso. Bolsista da FAPESP. E-mail: julia_ps11@hotmail.com

A presente pesquisa procura abordar alguns aspectos da questão da indústria cultural tal como este tema aparece na obra de Theodor Adorno. Desde o final dos anos 1920 Adorno se preocupa com o significado dos novos meios de produção e distribuição de produtos culturais. Durante seu período de exílio nos Estados Unidos ele se surpreende com o nível de desenvolvimento deste processo e procura aprofundar suas reflexões a respeito, elaborando o conceito de indústria cultural. A indústria cultural é, para Adorno, um fenômeno complexo, que envolve diferentes níveis, problemas e aspectos inter-relacionados. Neste trabalho abordamos um aspecto relacionado ao caráter manipulador da indústria cultural: o riso. Através do estudo do riso em si e das transformações por ele sofridas após sua absorção na indústria cultural, podemos, partindo de uma análise da parte para o todo, iniciar uma abordagem da indústria

cultural, com vistas a entender melhor as preocupações de Adorno. O material utilizado é composto por uma seleção de textos de Theodor Adorno, os quais se relacionam direta ou indiretamente com o tema. Estes textos são objeto de uma análise metódica que lança mão principalmente do chamado método estrutural de análise de textos. Como apoio, são ainda utilizados textos de comentadores sobre a indústria cultural. De potencialidade ambígua, o riso é um meio pelo qual se atinge e manipula a psicologia das pessoas. Adorno distingue duas possibilidades opostas: o riso de reconciliação e o riso de terror. Ambas acompanham o momento em que se supera o medo, mas elas se diferenciam pelo sentido desta superação – na primeira, o riso manifesta o alívio da liberdade alcançada frente a uma potência ameaçadora, enquanto que na segunda ele exprime a submissão à potência e a negação da liberdade. O riso mostra-se, assim, como elemento capaz tanto do desenvolvimento do senso crítico e do questionamento da ordem social quanto da manipulação do indivíduo e do assentamento da ideologia vigente conforme o uso que se faz dele.

Palavras-chave: Indústria cultural. Riso. Manipulação. Dominação. Theodor Adorno.

ANTIMATERIALISMO E TEORIA DA IDENTIDADE: O ARGUMENTO DE KRIPKE CONTRA A IDENTIDADE ENTRE ESTADOS MENTAIS E ESTADOS CEREBRAIS

SILVA, Patrick dos Santos. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientador: Prof. Dr. Luís Eduardo Ramos de Souza. E-mail: patrickdss@yahoo.com.br

As conferências Naming and Necessity (1980) – obra do filósofo estadunidense Saul Kripke – um conjunto de três palestras realizadas em janeiro de 1970 na Universidade de Princeton, direciona a atenção filosófica para questões na filosofia da linguagem, filosofia da mente e, especialmente, na metafísica contemporânea. A discussão procede em três partes: nas duas primeiras, essencialmente, Kripke apresenta uma dialética sobre as teorias descritivistas dos nomes próprios – ligadas à teoria de referência – articulando a sua concepção lógica à tese do filósofo John Stuart Mill, segundo a qual: nomes não possuem conotação, mas apenas denotação, confrontando a ideia clássica, de origem em Frege e Russell, de que os nomes próprios estão estritamente associados a uma descrição do objeto nomeado. Neste artigo, será apresentado o argumento modal de Kripke que impossibilita esta concepção. Segundo ele, a referência de um nome próprio se conserva ainda que descrições como “o autor da Metafísica” associada ao nome “Aristóteles”, se revelassem falsas a respeito de Aristóteles, caso descobrissem, por exemplo, que o autor de Metafísica fosse um de seus alunos, ainda assim o nome “Aristóteles” referir-se-ia a Aristóteles e não a quem quer que fosse o autor da Metafísica. O mesmo ocorreria em “o estagirita”, “o preceptor de Alexandre” ou “o filósofo referido pelo professor”. Isto é: a maioria das descrições definidas são enganadoras, pois exprimem regras de conexão com o objeto que são meramente auxiliares. Por conseguinte, será apresentado o argumento de Kripke, referindo os suportes que garantem sua cogência: a necessidade da identidade, a designação rígida e

mundos possíveis, para, apresentar o objetivo principal desta comunicação, que é a crítica à identidade mente-cérebro proposta por Kripke no III ensaio de Naming and Necessity (1980), onde ele rebate a tese segundo a qual os estados mentais e estados neurológicos são idênticos, e diz que a única maneira de defender tal identidade seria uma identidade necessária a posteriori, o que será elucidado na comunicação. Utilizando de um caso paradigmático da Filosofia da Mente: a dor, consideramos os enunciados “água = H₂O” e “dor = estimulação das fibras-C” – a identidade entre certa sensação e a enervação de certa fibra cerebral, falar em estimulação das fibras-C não significa sentir dor. Todavia, é possível que tal sensação aconteça sem que ocorra tal enervação. Logo, não se trata de uma identidade, segundo Kripke. Diferentemente da proposição: 2+2=4, onde é possível afirmar que ela é válida em todos os “mundos possíveis” – conceito que será mais bem trabalhado no decorrer deste trabalho. Kripke dizia ainda que os mundos possíveis têm de ser concebidos a partir do nosso, e que, se neles houver alguma variação, elas têm de ser inteligíveis.

Palavras-chave: Identidade. Modalidade. Dualismo. Mundos Possíveis.

PARA UMA AÇÃO POLÍTICA E TEÓRICA NA ABORDAGEM DA PEDAGOGIA DA AUTONOMIA

SILVA, Pedro Henrique Ciucci da. Pontífica Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Orientador: Prof. Antonio Valverde. E-mail: pedrociucci@yahoo.com.br

Este trabalho tem como objetivo abordar os desafios que o educador tem em mostrar as perspectivas filosóficas no mundo contemporâneo. As principais ações que o educador pode trazer na sua práxis é, seguramente, o seu conhecimento acerca da realidade de seus educandos. Conhecer é respeitar o mundo enquanto linguagem teórica e política, pois não podemos falar em educação sem falar em transformação, não podemos falar em transformação sem nos aproximarmos da linguagem e das necessidades urgentes do mundo que os cerca. Numa perspectiva autônoma, ensinar exige respeito aos saberes dos educandos e sua linguagem, por isso o educador deve abrir mão de um discurso distante daquele de seus alunos, deve conhecer a realidade daquela comunidade, seus anseios e seus desejos de mudança. Deve-se discutir a realidade dos alunos de forma concreta, deve-se associar como disciplina a sua realidade agressiva, pois se trata de uma abordagem cotidiana, a qual ele vive. Portanto a perspectiva para uma ação política e teórica é estar continuamente relacionando sua experiência, como também a sua visão de mundo. Tal pesquisa tem objetivo dissolver os impasses educacionais, que ressurgem no mundo atual, refletindo criticamente sobre o quanto o nosso discurso faz sentido ao mundo que permeia nossos educandos. Não podemos nos esquecer de que ensinar está longe de ser uma mera transferência de conhecimento, pautado num discurso vazio, ensinar é, nada mais do que criar possibilidades para sua própria produção ou sua construção. Quando entramos no contexto da sala de aula, devemos ter consciência de que estamos num campo aberto à indagações, curiosidades, inquietações e a toda sorte de reações, inclusive ao da agressividade e repulsa. Mas a Filosofia nos possibilita

poder adentrar ao mundo ao qual eles pertencem. Numa reação de adversidade podemos usar como discurso o Mito da Caverna, onde o aluno encontra-se preso nos grilhões e o professor vai funcionar como um agente político, o qual possibilitará uma reflexão e posterior ação libertadora daquela realidade. Evidentemente torna-se uma tarefa árdua, mas o discurso sempre será o mais próximo possível daquilo que lhes fará sentido, pois o que lhes faz sentido é aquilo capaz de lhes levar a um modo de mostrar possibilidades de mudança. Pensando desta forma, a discussão deste trabalho nos leva a repensar o indivíduo enquanto ele mesmo, sua própria autonomia, pois caso contrário ao imitar o outro, ele já é ele mesmo. Não valem as palavras bonitas, bem talhadas, muito acadêmicas, sem saber trabalhar a autonomia do indivíduo, pois um educador sem a noção de uma educação libertadora torna-se também um sujeito alienado e sem consciência de seu próprio existir. Um profissional da área da educação, que seja um alienado é um ser inautêntico. Seu pensar não está comprometido consigo mesmo, não é responsável. O ser alienado não enxerga a realidade como critério pessoal, mas com olhos alheios. Por isso vive uma realidade imaginária e não a sua própria realidade objetiva. O ser alienado não procura o mundo autêntico, mas sim uma cópia. Com isto, é preciso partir de nossas possibilidades para sermos nós mesmos. O erro não está na imitação, mas na passividade com que se recebe a imitação ou na falta de análise ou de autocrítica.

Palavras-chave: Educação. Autonomia. Autocrítica. Ação e Reflexão.

DISPOSIÇÕES INICIAIS PARA UMA ÉTICA EM SCHOPENHAUER NO MUNDO ENQUANTO VONTADE

SILVA, Sergio William Damasceno da. Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: swdsuepafil@hotmail.com

O artigo surge a partir de estudos para a elaboração do primeiro capítulo do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Iniciou-se através de leitura integral da obra *O Mundo como Vontade e Representação* resultando em exposições em forma de comunicação, trazendo a investigação acerca do 'principio individuationis' presente no primeiro livro, e posteriormente sobre a Vontade e seus graus de objetivações apresentados no segundo livro da obra. A vontade não é acessada pelo homem senão pelos fenômenos. Mesmo com as ciências etiológicas e morfológicas tentando descobrir a essência do mundo através do seu decorrer e “permanecer”, apenas o artista se aproxima da Vontade por ter as condições do gênio, bem como disposto no terceiro livro. Logo Schopenhauer afirma que todo o mundo é proveniente da Vontade independente de como ela se manifesta para a representação. Posteriormente, no quarto livro do Mundo como Vontade e Representação, Schopenhauer aborda não mais a investigação de como o homem pode acessar ou conhecer a essência do mundo. As considerações então se desdobram para as ações do ser humano. Ações que diferem, no entanto, de uma ética prescritiva e de doutrina que se baseia em deveres incondicionados tratados no apêndice crítico elaborado por Schopenhauer. Assim, “ganha vida” uma ética do agir humano

proveniente da Vontade que também é o mundo, e que contém toda a essência íntima deste. Então, relacionando ao disposto no segundo livro, há proposta de uma ética que se desdobra no agir humano, e que esse agir provém do “sem-fundamento” (Vontade), não suscitado mais pelo princípio da razão. A diferença não discute a validade deste princípio que viera da filosofia de Kant, pois este dá as condições formais de apreensão do fenômeno, que Schopenhauer não nega. Consiste agora em afirmar que o agir e o mundo provêm da Vontade. E de início, tratar-se-á de uma Vontade em íntima relação com a “vida”, onde as duas viram pleonasmo na filosofia schopenhaueriana se colocadas juntas: Vontade de vida. Vontade é vida. A tarefa consistirá em trazer a afirmação da vida, pois a vontade sempre afirma a vida, mesmo que no decurso desta esteja a morte. Como aparece esta exposição de Schopenhauer? Será o propósito deste trabalho.

Palavras-chave: Schopenhauer. Ética. Vontade. Vida.

CONCEITO DE PODER PASTORAL EM FOUCAULT E SUA RELAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

SILVA, Tâmmilys Rafaely Soares da. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientador: Prof. Dr. Ernani Chaves. E-mail: tammilysilva@hotmail.com

Nosso objetivo é procurar compreender o conceito de poder pastoral segundo Michel Foucault como uma forma de poder exercida pelo menos desde o sec.XVI e relacionar suas características peculiares, transplantada das instituições eclesásticas, com o Estado contemporâneo. Trata-se de pensá-lo como uma sofisticação do poder adotada pelo Estado segue o modelo do cristianismo: não se comporta como um poder soberano e opressor, pelo contrário, é um guia, pronto a sacrificar-se por seu rebanho; é globalizante, mais analítico, quer conhecer cada indivíduo em particular, sua vida e desejos; mas quer também estar de posse de suas mentes, preferível a seus corpos. Assim, o Estado tem sob seu controle, tanto o conhecimento da população como o do indivíduo, e para tanto se faz imprescindível um múltiplo de instituições que vão desde as mais amplas às mais discretas, como a família.

Palavras-chave: Poder. Poder Pastoral. Estado. Soberania.

FÉ E RAZÃO NA UNIVERSIDADE

SILVA, Wellington Aparecido. FAEF/Marília. Orientadora: Bárbara Fonseca. E-mail: wepm@ymail.com

Partir destas duas afirmações inicio meu trabalho falando sobre fé e razão dentro da universidade. “A fé e a razão são as duas asas com as quais o espírito humano alça vôo para contemplar a verdade” (João Paulo II, Fides et ratio, 1). “A ciência verdadeira contrariamente a arriscadas afirmações do século passado, quanto mais avança tanto

mais descobre Deus, como se Ele estivesse vigiando à espera, por trás de cada porta que a ciência abre...”. (Pio XII, 1951). Porque hoje dentro de muitas universidades o aluno não pode falar de Deus e também não pode professar sua fé? Não foi dentro da religião, mosteiros católicos que iniciou as universidades? No entanto, foi exatamente a Idade Média que ofereceu a maior contribuição intelectual que o mundo conheceu até hoje, ao dar início às universidades, que nasceram sem nenhum precedente histórico. Como se sabe, na antiguidade, pelo menos no mundo greco-romano, cada filósofo e mestre de ciências tinha a sua escola, totalmente diferente do que é hoje a universidade. Ela surgiu na Idade Média, pelas mãos da Igreja Católica, à sombra das catedrais e dos mosteiros, e logo se transformou num poderoso centro de saber e de erudição. Para o escritor Daniel Rops, “a Igreja é a mãe de todas as universidades”. (<http://notacatolica.blogspot.com.br/2010/05/igreja-e-as-universidades.html>). Porque então não podemos dentro da universidade estudar a fé e razão? Porque temos de entrar na universidade deixar nossa fé para viver somente a razão? Estas e muitas outras perguntas contribuirão para aprofundamento sobre este tema que é muito interessante nos nossos dias dentro da universidade. Perceberemos que a vida acadêmica impõe sérios desafios aos jovens, mormente àqueles que desejam viver de acordo com os preceitos de sua fé. A estrutura universitária atual é montada para inibir a religião. Isso se mostra ainda mais flagrante quando se está a pensar no cristianismo. De fato, o posicionamento cristão — em especial o católico — dentro de uma universidade é quase como que um suicídio social. Os alunos religiosos são frequentemente intimidados — seja pelos colegas de classe, seja pelos professores — a esconderem suas opiniões, a fim de que possam sobreviver aos anos de estudo. (<https://padrepauloricardo.org/blog/nao-e-vergonhoso-ser-catolico-na-universidade#.VLhxeUPaP7Q.facebook>) 2008, Bento XVI faz a seguinte consideração: “Diante duma razão não histórica que procura autoconstruir-se somente numa racionalidade não histórica, a sabedoria da humanidade como tal - a sabedoria das grandes tradições religiosas - deve ser valorizada como realidade que não se pode impunemente lançar para o cesto da história das ideias”. Ora, não foi exatamente isso que fizeram o Ministério Público, recolhendo as cartilhas, a Faculdade de Direito do Recife, expurgando uma imagem histórica do prédio da instituição, e meia dúzia de professores e alunos intolerantes, ao impedir a participação do Santo Padre na abertura do ano letivo da Universidade de Roma? Jogaram na lata de lixo da história dois mil anos de sabedoria e progresso, cujo legado abarca inclusive a La Sapienza, fundada ainda no século XIII, pelo Papa Bonifácio VIII. (No discurso que proferiria à Universidade de Roma La Sapienza).

Palavras-chave: Fé. Razão.

FILOSOFIA PARA PENSAR POLÍTICA E POLÍTICA SEM FILOSOFIA: PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ÉTICA E MORAL NA PRODUÇÃO DO CONCEITO DE SAÚDE

SIQUEIRA, Kassia de Oliveira Martins. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: kassia_siqueira@yahoo.com.br

Este trabalho tem como objetivo problematizar o conceito de saúde presente nas legislações e políticas públicas e sua (não) relação com o pensamento filosófico. Com isso, pretende também colocar em análise a relação entre ética e moral que atravessa a produção do que se define como saúde na contemporaneidade. Para tanto, pretende-se problematizar o conceito de saúde a partir de autores como Nietzsche, Fuganti, Spinoza, Foucault, Deleuze, Guattari, entre outros. O conceito de saúde vem sendo amplamente debatido no âmbito das ciências sociais, sendo considerado de grande relevância. A Organização Mundial de Saúde definiu saúde como “o completo estado de bem-estar físico, mental e social, e não simplesmente a ausência de enfermidade”. Ao mesmo tempo, a Lei Orgânica da Saúde, em seu artigo 3º define que “os níveis de saúde expressam a organização social e econômica do país, tendo a saúde como determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, a atividade física, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais”. No entanto, apesar das inúmeras prescrições acerca do que se define como saúde e de como fazer para “alcançá-la”, poucas são as problematizações que de fato pensam o conceito de saúde de modo filosófico, colocando em análise, por exemplo, o que é vida, o que é saúde, ou o que seria um “completo estado de bem-estar social”, por exemplo. Enquanto profissional que atua na área da saúde há dez anos, de acordo com minha experiência, entendo que a concepção de “bem” nessa área geralmente está pautada em valores morais, em que prescreve-se um “bem” que seja comum a todos, em detrimento da possibilidade de que cada um de modo singular afirme o que deseja como saúde para si. Essa imposição de um conceito de saúde afirmado como natural, embora produzido social e historicamente, foi o que me impulsionou a produzir o presente trabalho.

Palavras-chave: Saúde. Filosofia. Política.

A IMPORTÂNCIA DO IMPERATIVO CATEGÓRICO NA FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES DE KANT

SOUSA, Albert Matos de. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: albertsmatos@gmail.com

Este trabalho tem como objetivo analisar a necessidade do conceito de imperativo categórico desenvolvido e explicitado pelo filósofo Immanuel Kant, na Fundamentação da Metafísica dos Costumes. Primeiramente faz-se necessário clarear as motivações de Kant em quanto à causa pela qual o filósofo introduz o a ideia de imperativo categórico. Para tal finalidade, será evidenciado aqui o descompasso que existe entre a vontade

humana e a boa vontade, uma vez que esta relação de caráter desproporcional cria a necessidade do surgimento de tal conceito. O autor deixa claro o significado de boa vontade como uma vontade em harmonia com a razão. Entretanto a ideia de vontade dos homens, ou vontade humana não corresponderia à boa vontade, haja vista que a primeira sofreria influência de desejos individuais denominados de inclinações. Para Kant, só a boa vontade, seria uma vontade livre, pois esta, sendo uma vontade racional, ignoraria os desejos humanos, não por completo, mas ao ponto de mapear para o possuidor de tal vontade o que se deve ou não fazer. Contudo, não poderemos falar em vontade, sem antes falar em liberdade, ou seja, falar da não determinação completa do homem pela natureza, diferentemente do que ocorre com os outros animais, motivando uma busca pelo que regularia a ação humana no convívio em sociedade, e na visão do autor trabalhado aqui, tal motivo de regulação só se pode dar de maneira racional. Devido a esta busca, surgem os conceitos de mandamento da razão e de imperativo que buscaremos explicar e diferenciar para que não sejam confundidos e desta maneira entenda-se que o Imperativo categórico não é uma lei moral, mas um elemento de extrema importância para a moral Kantiana. Este elemento é esclarecido por Kant como fórmula do mandamento da razão e durante o Texto abordado aqui, esta fórmula é diversas vezes reformulada, mas sem perder a sua essência, o seu real sentido de guiar o homem a encontrar uma lei que o ajude a agir moralmente.

Palavras-chave: Imperativo categórico. Boa vontade. Mandamento da razão.

MANIFESTAÇÃO DE VONTADE

SOUSA, Sam Alves. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientador: Prof. Rodrigo Freitas Costa Canal. E-mail: archegnosis@gmail.com

Neste trabalho, procuramos aventar a hipótese de que a apreensão de conhecimentos é norteadada pelos estímulos à recompensa, a tese de que a vontade é a faculdade ordenadora na busca de conhecimentos. Apresentamos algumas informações, sob a luz dos desenvolvimentos recentes da neurociência e da neuropsicologia, que pode nos ajudar a apoiar nossa hipóteses, segundo a qual o sistema de recompensa humano está intrinsecamente ligado ao prazer, significando isso que os indivíduos são estimulados a apreender informações e resolver problemas por estímulo ao prazer, causados por fenômenos físico-químicos, ou, bioquímicos, responsáveis pelos fenômenos da mente, havendo uma relação mente-corpo, relação a qual se pode determinar por um velho conhecido conceito filosófico, a vontade. No entanto, alertamos que nosso conceito de vontade não se refere a definição dada por filósofos clássicos e alguns da era moderna, não se diferenciando da moral, e sim, a ideia de uma faculdade volitiva com uma definição mais relacionada com os conhecimentos atuais, vontade como o impulso que o corpo exerce sobre a mente, o conceito de vontade schopenhauriana.

Palavras-chave: Vontade. Corpo. Mente.

O CONCEITO DE AURA NA FILOSOFIA DE WALTER BENJAMIM

SOUZA, Cleiton Silva. Universidade Federal da Bahia (UFBA). Orientador: Prof. Me. Ricardo Calheiros Pereira. E-mail: tonsouza_8@hotmail.com

O presente texto tem por objetivo principal, realizar uma análise referente ao conceito de aura na Filosofia de Walter Benjamin. A aura nunca revela a sua natureza, mas traz consigo suas características imprescindíveis que são: distanciamento e proximidade, autenticidade e unicidade. O conceito de aura passou por algumas transformações, como o repouso nas obras de arte, sendo seu atributo principal. As características centrais da aura permaneceram não sendo superadas, porém, terminaram por adaptar-se às mudanças técnicas, adaptação essa que ocorreu em torno da industrialização, ponto muito importante para a produção cultural no século 20. Benjamin vai destacar a impossibilidade da reestruturação da experiência aurática apontando um enfraquecimento para a recepção dessa mesma experiência, ao passo que aumentava a dinâmica nas cidades, aumentava a distância do sujeito com o objeto artístico, porque a percepção dos indivíduos estava modificada.

Palavras-chave: Proximidade. Indústria. Aura. Distanciamento.

PAIXÕES E MORAL NA OBRA "AS PAIXÕES DA ALMA" DE RENÉ DESCARTES

SOUZA, Felini de. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria de Lourdes Alves Borges. E-mail: felini_92@hotmail.com

Em sua última obra, "As Paixões da Alma", o filósofo francês René Descartes utiliza do estudo da anatomia humana e da relação corpo e alma, com o intuito de conhecer suas limitações e a causa das paixões da alma. O filósofo apresenta a moral com o intuito de trabalhar a razão no entendimento do funcionamento do corpo e, a partir disso, propõe técnicas para o controle das paixões da alma. Para Descartes as paixões não são ruins, mas é preciso saber bem utiliza-las. Atentando ao risco de se tornar escravo das paixões é preciso ter conhecimento para saber lidar com seus excessos e faltas. A moral cartesiana tem como princípio a boa conduta de vida e uma melhora na vida do homem, discernindo o bem do mal, livre dos desequilíbrios provocados pela má administração das paixões da alma. A moral cartesiana é baseada no conhecimento, assim como os principais "remédios" propostos para as paixões da alma buscam no conhecer a chave para que o ser humano não seja levado por suas paixões. Descartes concebe a generosidade como principal remédio para as paixões da alma, pois, por meio da generosidade possuímos o conhecimento dos nossos limites, sendo assim, não desejaremos nada que não esteja ao nosso alcance. Com a generosidade nos tornamos seguros a ponto de não ter medo em excesso. Passamos, também, a não odiar nossos inimigos, pois, entendemos que eles podem cometer erros por falta de conhecimento. É o conhecimento que faz da moral cartesiana definir o que seria o "bem" e o "mal". Para

discernir o bem do mal é preciso agir com bom senso, da melhor forma possível. Sendo assim, o mal só seria cometido por falta de conhecimento. E, portanto, o arrependimento não é uma paixão negativa, pois ela demonstra que a pessoa se arrependeu de uma ação que fez sem ter o conhecimento de que sua ação não foi correta. A moral cartesiana é a moral do “conhecer”.

Palavras-chave: Paixões. Corpo. Alma. Moral.

O APORTE SOFÍSTICO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

SOUZA, Franciele Vaz de. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Barbosa Lopes. Bolsista do PIBID/CNPq. E-mail: fraanvaz@hotmail.com

Ao revisitar os principais conceitos atrelados à filosofia, sem dúvida, filósofos (profissionais ou amantes) têm como certo a inutilidade que os sofistas tiveram no curso da história da filosofia. Contudo, deve-se atentar que a visão, costumeiramente negativa dos sofistas vem da tradição socrático-platônica; tão influente que quase ninguém colocou em dúvida suas concepções filosóficas e existenciais. O que procuro mostrar no atual projeto está na dúvida que é necessária ser posta em prática ao tomar como certas algumas teorias que são tidas, pelo fato de alguém preeminente tê-las dito. Mesmo a filosofia sendo uma área de conhecimento vista como crítica, na própria está engendrada diversas afirmações sem análise minuciosa e profunda. Dessa forma, o que o leitor extrairá deste projeto, não será um demérito das discussões socrático-platônica, e sim, uma dúvida a ser posta, especificamente, à imagem que se fez dos sofistas, e atentar-se para ver, sob outro prisma, a influência positiva que os sofistas tiveram, para a ciência, e, por conseguinte à filosofia e seu ensino. É importante ressaltar que minha pesquisa leva em conta discussões suscitadas no limitar da educação, em especial, de como pode dar-se o ensino de filosofia. Para tal, me utilizo, preponderantemente da parte teórica como subsídio, aliando, assim, à minha experiência em sala de aula com o projeto PIBID. Ao analisar mais criticamente alguns diálogos de Platão é possível perceber uma estrutura que não desejo às minhas aulas; onde eu, enquanto professora, sou a figura esclarecida, e levarei a verdade aos alunos. Diante de tantas subjetividades, é difícil levar uma verdade pronta e acabada², sem antes colocar em discussão, e ouvir o que o aluno, submerso na sua realidade particular, tem a contribuir com aquela teoria. O trabalho foca na importância de se ter diversos pontos de vistas de um mesmo objeto de estudo, pois, bem se sabe que são nas discussões que aparecem as teorias mais férteis. Para tal, será necessária a defesa da influência que os sofistas tiveram, burlando a visão socrático-platônica que perdura até a atualidade. Estando em sala de aula é difícil acreditar que há um processo de reminiscência, e nós, professores, somos os únicos capazes de fazê-los percebê-la. Será que há apenas uma verdade una e imutável?

Palavras-chave: Ensino. Filosofia. Sofistas. Verdade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DO INFINITO E A SUA RELAÇÃO COM O ETERNO E AS COISAS ETERNAS NA METAFÍSICA DE ARISTÓTELES

SOUZA, Igor Ismarsi de. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Orientador: Prof. Dr. Reinaldo Sampaio Pereira. E-mail: ismarsi_@hotmail.com

Este trabalho tem por objetivo explicar, de uma maneira geral o conceito de infinito presente no Cap.10 do Livro 11 da Metafísica de Aristóteles e uma certa relação entre o infinito e o eterno. Sobre o infinito, existe sete modos diferentes de se dizer o infinito. O infinito enquanto o não percorível; como aquilo que se pode percorrer, mas sem termo; como o que dificilmente se pode percorrer; como algo que mesmo sendo por natureza um percurso, de fato não é percorrido ou não tem limite; também por acréscimo ou subtração; ou ainda pelos dois juntos (o acréscimo e a subtração). E o porquê de o infinito em ato não poder existir; sendo dito de um certo modo como potencia. Isso se dá porque o infinito para ser em ato deve ser enquanto substancia, para poder participar dos seres, mas se for substancia ele não poderá ser grandeza, nem multiplicidade, será indivisível e todas as suas partes devem também ser infinitas. Mas, como existem coisas finitas no mundo ele não pode existir em ato, pois ele não poderia ser dividido entre as coisas finitas e as infinitas, se assim fosse, deixaria de ser substancia e deixaria de ser em ato. Mas ele ainda pode ser dito enquanto potencia no sentido de um acréscimo temporal e também em um certo sentido pode-se dizer de um movimento infinito, só que aí já se confundiria o conceito de infinito com o de eterno. Assim, levando a algumas consequências desta tese, de o infinito não existir em ato, que se refletem nas diferenças de infinito e eterno. O infinito sendo apenas em potencia. Já o eterno pode se dar em ato. As coisas eternas, como o movimento e o tempo, são ditas como eternas e não como infinitas, por serem necessariamente em ato e não em potencia. Por exemplo: o movimento só é em ato, pois, se não fosse em ato o movimento não moveria e não teria como passar a mover. E o tempo se não fosse em ato não poderia existir o antes e o depois, pois ficariam apenas na potencia, e o tempo também não existiria.

Palavras-chave: Infinito. Eterno. Potência. Ato. Movimento.

ÉTICA: A NEGAÇÃO DA VONTADE

SOUZA, Jéssyca Brenda Barradas de. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: jessyca_brenda21@hotmail.com

Este projeto pretende mostrar que a ética não é possível de se realizar no mundo, pois segundo a visão de Shopenhauer, ela é fundada no princípio do egoísmo, este por sua vez prioriza o princípio de individuação, o Homem buscará a satisfação de sua Vontade individual não se importando a Vontade dos outros. Shopenhauer não pretende estabelecer um modelo de como o Homem deve viver, ele apenas deseja analisar esse modelo, ao fazer isso, ele chega a conclusão de que não é possível viver de acordo com

que regras impostas pela ética, pois os homens não estão dispostos a negar suas vontades, logo o mundo não é ético.

Palavras-chave: Ética. Egoísmo. Vontade. Princípio de individuação.

ASPECTOS DA ÉTICA ARISTOTÉLICA E O CONCEITO DE EUDAIMONIA

SOUZA, Lays Alvarez de. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientador: Prof. Dr. Paulo Corôa. E-mail: laysalvarez01@hotmail.com

O objetivo do nosso artigo é analisar um conceito básico quando se estuda a Ética em Aristóteles, considerando a importância que ela tem para a Filosofia. Partindo do fato que a felicidade parece ser o móvel mais importante da ação dos homens, Aristóteles delinea que tipo de ação é boa para alcançá-la e em que medida essa felicidade pode ser visada pela Polis inteira. Diversas interpretações, como a do autor Jonathan Barnes, ao conjecturar sobre a relação entre ética e felicidade, não distinguem o plano empírico da ação e misturam os prazeres particulares e individuais e a satisfação moral, ou seja, social, da ação, que é o que interessa a Aristóteles. Como o filósofo separa o fim individual, i. é., do homem, e o fim geral, i. é., da Humanidade, só discernindo o que cabe à “virtude dianoética” (entendimento) e a “virtude ética” (razão), podemos perceber a unidade da ação, realmente, moral, e não confundi-la com a ordem do pragmático.

Palavras-chave: Ética. Felicidade. Razão. Virtude.

REALISMO MODAL: O PRINCÍPIO METAFÍSICO DOS MUNDOS EM LEWIS

SOUZA, Marcos Aurelio da Costa. Orientador: Alessandro Bandeira Duarte. E-mail: marcos@ufrj.br

O objetivo deste trabalho é apresentar a teoria metafísica do Realismo Modal em David Lewis. Basicamente, sua tese é afirmar que o nosso mundo é apenas um de uma pluralidade de mundos. Isso significa que os mundos possíveis existem no mesmo sentido que o nosso mundo. Na primeira parte, veremos uma análise sistemática do Realismo Modal Lewisiano e a natureza ontológica dos mundos. Na segunda, apresentaremos uma descrição básica do seu sistema metafísico, abordando algumas características peculiares à formação dos mundos. E, na terceira parte do trabalho, trataremos da aplicação do Realismo Lewisiano às noções modais aléticas como a necessidade e a possibilidade.

Palavras-chave: Mundos Possíveis. Lógica Modal. Metafísica.

O ESTADO DE CRIAÇÃO NO ESTADO DE EXCEÇÃO: O CORPO ARTÍSTICO COMO PROTESTO DA VIDA - CONCEPÇÕES DE NIETZSCHE E AGAMBEN

SOUZA, Paulo Roberto Lima de. Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: paulinexcel@hotmail.com

Vivemos a época da exceção em permanência um momento em que os direitos e garantias constitucionais são temporariamente suspenso pelo Estado e em favor dele. O “estado de exceção” é arma recorrente para nos oprimir contra a crítica e até mesmo a desconstrução deste modelo, o Estado. Agamben assim bem expõe: “Diante do incessante avanço do que foi definido como uma ‘guerra civil mundial’, o estado de exceção tende sempre mais a se apresentar como o paradigma de governo dominante na política contemporânea. Esse deslocamento de uma medida provisória e excepcional para uma técnica de governo ameaça transformar radicalmente – e, de fato, já transformou de modo muito perceptível – a estrutura e o sentido da distinção tradicional entre os diversos tipos de constituição. O estado de exceção apresenta-se, nessa perspectiva, como um patamar de indeterminação entre democracia e absolutismo.” O que resiste ao poder, nesse caso, é a própria vida que por ele é sufocada. A pretensão deste texto é expor as visões de mundo a partir das distintas escritas que se desvelam constitutivas do pensamento entre Agamben e Nietzsche. Hoje a arte parece ser o último refúgio da resistência da vida ante o poder que a aniquila, as correspondências que Agamben, por exemplo, traça entre sagrado e profano e as dinâmicas artísticas da nossa época são inteiramente procedentes. Sagrado é o objeto que é separado dos viventes, sacrificado (*sacrum-facere*), tornado indisponível. Profano, ao contrário, é aquele gesto que devolve aos viventes o que estava separado, permitindo então um novo uso. A arte, por isso, não é um espaço sacro que deve ser conservado na ideia do museu. Ela é, ao contrário disso, o protesto da vida contra o poder que a captura. Nesta perspectiva, Nietzsche, nos apresenta um interessante visão da Criação, do corpo que se inventa e resiste esteticamente aos desafios da existência. Este corpo, que é arte em potência, que se determina a não se determinar, num eterno devir! Que transita no fluxo criativo, e que pode sim, funcionar como protesto da vida!

Palavras-chave: Exceção. Crítica. Arte. Corpo. Visões.

XAMANISMO E LÓGICA-MATEMÁTICA, GÖDEL E QUESALID: UM ESTUDO PRELIMINAR SOB O VIÉS DA ANTROPOLOGIA SIMÉTRICA

SOUZA, Pedro Bravo de. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Orientador: Prof. Dr. Ricardo Pereira Tassinari. Bolsista do PIBIC/CNPq. E-mail: pedrobavodesouza@hotmail.com

Considerados com um dos maiores resultados da lógica-matemática no século XX, os teoremas da incompletude de Kurt Gödel geraram, e ainda geram, discussões para além de seu domínio. De fato, tanto o primeiro teorema da incompletude - que diz haver

sentenças verdadeiras em determinado sistema, porém não passíveis de serem refutadas ou provadas -, quanto o segundo - o qual, por sua vez, sustenta a impossibilidade de um sistema demonstrar sua própria consistência -, foram utilizados como argumentos em debates que vão desde à inteligência artificial ao fundamento da sociedade. Não obstante, dentre tais discussões, uma é quase invisível: a comparação entre a atividade do austríaco com a do xamã Quesalid feita pelo cientista social belga, Paul Jorion. A presente comunicação busca, então, preencher essa lacuna na produção teórica especializada almejando, principalmente, aprofundar a comparação estabelecida por Jorion. Para tanto, utilizar-se-á alguns dos elementos do processo metodológico utilizado por Bruno Latour em seu ensaio *Jamais fomos modernos*. Em especial, o princípio de simetria generalizada, o qual extingue as separações entre, primeiro, verdade e erro, e, segundo, natureza e cultura. Cabe dizer que, muito embora a antropologia simétrica caracteriza-se não somente pela descoberta de semelhanças entre domínios até então considerados totalmente diferentes, mas também pela descoberta de diferenças relevantes, limitar-se-á a presente comunicação ao terreno das semelhanças. Assim sendo, ao final poder-se-á notar que tanto o lógico-matemático Gödel quanto o xamã Quesalid possuem ao menos três equivalências funcionais interessantíssimas para um melhor entendimento tanto da atividade lógico-matemática, assim como do xamanismo e, enfim, dos atores humanos e não humanos envolvidos em ambas práticas. São tais equivalências: (i) a experiência íntima com um conhecimento; (ii) a adequação de suas práticas às exigências de um público específico; e, finalmente, (iii) a característica de ambos se colocarem como porta-vozes de seus objetos.

Palavras-chave: Gödel. Incompletude. Antropologia Simétrica. Bruno Latour. Xamanismo.

ANÁLISE DOS CONCEITOS DE IMAGINAÇÃO, CONSCIÊNCIA E BELO NA OBRA *O IMAGINÁRIO* DE JEAN PAUL SARTRE

TOALIARI, Juliana. Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). E-mail: toaliarij@gmail.com

O objetivo central desta pesquisa é explanar a importância da obra *O Imaginário*, do filósofo francês Jean Paul Sartre (1905-1980), aprofundando a análise dos conceitos de imaginação e consciência, relacionando-os com o conceito sartriano de Belo. Na obra *O Imaginário*, Sartre apurou o processo de assimilação dos objetos do mundo real fundamentado na fenomenologia, esta tendo sido diretamente influenciada pelos filósofos Husserl e Bergson, incorporando a imaginação como uma forma fundamental para a realização da consciência transcendental. A consciência tem diversos modos operando em conjunto, como a percepção, a reflexão e a imaginação. Para que a consciência possa formar imagens, é fundamental que uma tese ou um objeto seja colocado no campo da irrealidade, ou seja, da imaginação, portanto é necessário que haja uma abstração, um afastamento psíquico do mundo real para a realização imaginária de um mundo irreal, que é moldado através da intencionalidade da

consciência. Algumas correntes filosóficas tendem a afirmar que na obra de arte, um artista primeiramente engendra a idéia da obra, criando uma imagem mental deste objeto e, posteriormente, efetiva esta idéia na realização material da obra, ocorrendo, então, uma passagem da imaginação para a obra de arte. Sartre irá problematizar este processo da produção da obra de arte, bem como a forma que os objetos do mundo real são apreendidos pela nossa consciência. Quando engendramos uma imagem o fazemos com a intencionalidade da consciência, ou seja, inserimos nelas idiossincrasias subjetivas relacionadas aos nossos desejos e vontades, o real é somente a ação, como no caso de um pintor, quando ele mistura as tintas ou pinta um quadro. Portanto não é possível expressarmos fielmente, no mundo real, a idealização de uma imagem. Esta passagem que há entre esses dois processos podemos denominar, quando muito, de objetivação. Dialogando com Kant e Schopenhauer, Sartre irá fundamentar que a Beleza é fruto da consciência imaginante, do imaginário e não uma passagem do imaginário para o real. Dito isso, debruçar-nos-emos sobre os conceitos centrais do Imaginário, quais sejam, a consciência e a imaginação, a fim de fundamentar esta interpretação que Sartre faz sobre a obra de arte.

Palavras-chave: Sartre. Consciência. Imaginário.

ORTEGA Y GASSET: UNIVERSIDADE E CIÊNCIA

TOMAZ, Mauro Sérgio de Carvalho; CARVALHO, José Maurício. Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Orientador: Prof. Dr. José Maurício de Carvalho. Bolsista da FAPEMIG. E-mail: msctomaz@hotmail.com

Neste artigo investiga-se como o filósofo espanhol Ortega y Gasset associa os limites da razão científica com a crise de cultura que ele enxerga na Europa. Indica-se que esse será o tema da célebre conferência de Husserl intitulada A crise da humanidade europeia e a Filosofia. Porém, fica esclarecido que a análise de Ortega é mais ampla que a realizada por Husserl. Ortega avalia que a vida inautêntica é o outro aspecto da crise de cultura que decorre, além do entendimento inadequado da ciência, do comportamento infantil e gozo irresponsável do homem massa. Logo, a análise orteguiana tem pontos comuns com a feita por Husserl, mas é mais ampla por incluir um elemento ontológico, ligado à condição do homem, à raiz da crise de cultura que então se experimentava.

Palavras-chave: Universidade. Conhecimento. Ciência.

O FALSIFICACIONISMO POPPERIANO

VALE FILHO, José Pereira do. Universidade Federal do Pará (UFPA). Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizabeth de Assis Dias. E-mail: jp.spat@hotmail.com

O objetivo do presente trabalho é analisar a concepção falsificacionista de Popper. Para elucidá-la, iremos primeiro contrapor-la às doutrinas tradicionais da epistemologia, a saber: a empirista que considera a ciência como um conhecimento observável e validado na experiência e a verificacionista cuja posição é considerar que a ciência é constituída de um conjunto de enunciados significativos sendo estes reduzíveis a enunciados atômicos ou empíricos verificados pela empiria. Popper rejeitou a ambas, pelo fato de estarem fundamentadas em uma lógica indutiva. A posição popperiana é o falsificacionismo que deve ser entendido, tanto no sentido lógico como um critério de cientificidade (falseabilidade) e também como prova empírica, a qual as teorias são submetidas (falsificação). E por fim, iremos abordar algumas críticas feitas por filósofos à doutrina falsificacionista de Popper.

Palavras-chave: Popper. Ciência. Falseabilidade. Falsificação.

UMA ANÁLISE ESPECULATIVA ENTRE A PROPOSTA DE CIÊNCIA DE PAUL FEYERABEND E A TEORIA DA COMPLEXIDADE DE EDGAR MORIN

VALENTE, Alan Rafael. Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio Alves. E-mail: valente.alan@hotmail.com

Neste trabalho propomos uma relação entre a concepção de ciência de Paul Feyerabend e a teoria da complexidade de Edgar Morin. O posicionamento anárquico metodológico de Feyerabend reflete o caráter multidimensional do desenvolvimento científico, que acreditamos representar uma das engrenagens centrais da sociedade contemporânea. Nesta abordagem, supomos a existência de certas características na atividade científica que nos permitiriam caracterizar a ciência como um sistema complexo. Para tratar desta suposição, nos apoiamos na Teoria dos Sistemas Complexos e na abordagem da Complexidade sugerida por Edgar Morin. Nossa proposta consiste em elaborar uma análise crítica acerca das formas como os cientistas são capazes de violar ou salvar determinadas teorias. Acreditamos que estas desenvolturas sobre a atividade científica, proposta por Feyerabend, existem conforme um sistema complexo, que não abala ou subjuga as estruturas do conhecimento. Percebe-se que a história da ciência se revela conforme um complexo caótico de interpretações acerca dos fenômenos que não se encontram puros, mas tomados sob certa perspectiva epistemológica. Destaca-se que a consolidação de regras imutáveis na ciência revelam apenas opiniões simplistas acerca da natureza dos fatos científicos. Pois, dada uma regra geral como fundamental e necessária, é evidente que, em certos momentos, seja conveniente adotar regras opostas ou hipóteses ad hoc. Há circunstâncias que ocorrem com determinada frequência, em que é aconselhável admitir hipóteses que se colocam em contradição com os resultados experimentais bem estabelecidos, com objetivo de salvar as teorias vigentes ou para violá-las, para assim compreenderem uma nova perspectiva acerca de um problema, apesar dos sistemas científicos serem capazes de expressar certa estabilidade e previsibilidade em suas previsões, leis e princípios. Denota-se que, no âmbito do

desenvolvimento teórico, existam aspectos de previsibilidade e imprevisibilidade, estabilidade e instabilidade, ordem e desordem, que são característicos dos sistemas complexos. Neste trabalho apresentamos os principais conceitos da teoria dos sistemas complexos e esboçamos uma relação entre os sistemas complexos e as formas como o anarquismo metodológico compreendem o progresso, métodos e objetivos da ciência.

Palavras-chave: Sistemas científicos. Sistemas complexos. Anarquismo metodológico.

BACON E DESCARTES, CIÊNCIA MODERNA E INTERDISCIPLINARIDADE: IMPLICAÇÕES ATUAIS

VEIGA, Dean Fabio Gomes. Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Bolsista da Agência PUCPR. E-mail: deanfilosofia@gmail.com

O tema da interdisciplinaridade tem permeado as discussões científicas no Brasil, especialmente a partir da década de 80. No Brasil especialmente multiplicaram-se as revistas e periódicos relacionados com o tema além de programas de pós graduação que incorporam as linhas do CAPES, consideradas como interdisciplinar. A própria discussão da reforma escolar baseadas nas leis dos anos 90 apontam para a preocupação interdisciplinar. Com a filosofia não fora diferente, a interdisciplinaridade tornou-se um tema espinhoso, ora controverso. Entretanto perscrutando a história da filosofia compreende-se que o tema da interdisciplinaridade aparece como problema desde a constituição da ciência moderna a partir das contribuições de Francis Bacon e Rene Descartes. Considerados como “pais” da ciência moderna, os escritos dos filósofos apontam para a discussão interdisciplinar. Objetivamos neste texto, apresentar uma síntese das discussões acerca da interdisciplinaridade e sua relação com a filosofia a partir da filosofia baconiana e cartesiana. Pretende-se também realizar uma incursão na discussão interdisciplinar na atualidade, buscando responder a questão: pode a filosofia ser interdisciplinar?

Palavras-chave: Bacon. Descartes. Filosofia. Interdisciplinaridade.

MERLEAU-PONTY E A QUESTÃO DA SEXUALIDADE: ESPECULAÇÕES FILOSÓFICAS ENTRE AS CLASSIFICAÇÕES INTERNACIONAIS DE DOENÇAS MENTAIS (CID E DSM) E OS CONCEITOS DE “NORMAL” E “PATOLÓGICO” PRESENTES NOS DISCURSOS MÉDICOS

WARMLING, Diego Luiz. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Orientador: Prof. Dr. Marcos José Muller. E-mail: diegowarmling@hotmail.com

Para o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, a sexualidade atravessa nosso íntimo e atinge diretamente nossa formação enquanto sujeitos (seres ontológicos). No entanto, não são poucos os discursos que, com base em prerrogativas científico metodológicas, sob uma lógica de prazer e dor, buscam vincular as práticas sexuais aos discursos

médicos e, partindo destes, fundamentam um imenso aparato teórico/coercitivo capaz de quantificar, qualificar e determinar verdades e falsidades não só sobre nossa vida sexual, mas, direta ou indiretamente, também sobre nossa existência como um todo. Discreta e indiscretamente, não apenas introduzem classificações em grupos e subgrupos, como instituem sobre o corpo termos bastante polêmicos, tais como o normal e o patológico. No entanto, o que significam e à que nos remetem tais pressupostos? São, tal qual almejam os cientistas, leis naturais, objetivas e, portanto, universais ou, como busca propor Merleau-Ponty, ideias históricas compreendidas no movimento geral da nossa existência? Vejamos, de sua obra, o que este francês do séc. XX nos traz de novidade: para tal, se buscamos evidenciar a gênese do ser, é preciso ter em vista uma parte de nossa experiência que só tem sentido e realidade para nós. Neste sentido, enquanto corpo (gestalt e, num só tempo, estrutura estável de nossa existência), é a partir de nossa vida afetiva que, para além de uma experiência para mim, evidenciamos nossa tomada de posição sensível e subjetiva diante do mundo; segundo o próprio, “é a sexualidade que faz com que um homem tenha uma história” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 219). Diante disto, não há pois, para o autor, sentido falar em sexualidade normal ou patológica, pois esta (sexualidade) não somente escapa ao tratamento que os discursos científicos lhe buscam impor, como evidencia a maneira geral pela qual, existencialmente, o sujeito se relaciona e está compreendido entre as coisas do mundo. Das leituras e discussões sobre corpo, sexualidade e existência presentes nas obras de Maurice Merleau-Ponty, este trabalho visa, portanto, não só expor o que pressupõem tais discursos, mas principalmente explorar possíveis novas interpretações acerca do modo como as ciências médicas e as Classificações Internacionais de Doenças Mentais (CID e DSM) trabalham as ideias de “normal” e “patológico” dentro das questões sobre sexualidade.

Palavras-chave: Classificações internacionais. Normal e patológico. Maurice Merleau-Ponty. Sexualidade. Existência.

MULTIPLICAÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO: SUBVERSÃO DA ORDEM SAGRADA NO REINO DO INTELECTO

XAVIER, Tiago. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: sophosxavier@hotmail.com

Com a multiplicação dos estabelecimentos de ensino na Alemanha do século XIX, fomentada pelo Estado, o ensino humanista – tão importante para combater os pensamentos rasteiros, impróprios para o voo – foi perdendo sua importância para um saber científico, utilitário (lucrativo); destruindo as raízes das forças mais elevadas e mais nobres da cultura alemã – subvertendo a ordem sagrada no reino do intelecto. Diante de toda essa decadência que se alastrava na Alemanha, lugar fecundo, onde brotaram vários espíritos eminentes, Nietzsche aparece como crítico, iconoclasta, demolidor e intempestivo que reivindica a golpes de martelo uma renovação e purificação dos estabelecimentos de ensino, abrindo espaço para que as forças mais

sadias vindas da antiguidade clássica (Greco-romana) desse as armas necessárias para a peleja contra a barbárie que se cristalizava em sua época; pois o mesmo entendia que os estabelecimentos de ensino (ginásio e universidade) na Alemanha não deveria ser unicamente um viveiro para o saber científico, mas sim um ambiente consagrado a toda cultura nobre e superior: a que defende com vigor e veemência a natureza aristocrática do espírito. Afim de que tudo se consolidasse, a renovação e purificação dos estabelecimentos de ensino deveria se iniciar pelo ginásio, partindo do gênio grego seu processo de transformação; pois uma investida a partir da universidade seria desperdiçar tempo e energia, visto que a mesma estava corrompida. Por conta disso Nietzsche volta o olhar para o ginásio – que, embora estivesse também doente pela enfermidade da época, tal enfermidade ainda não o tinha consumido por completo pelo fato do mesmo ser constituído por espíritos jovens. E bem sabemos que quando um espírito jovem é acometido por uma enfermidade, a possibilidade de purificação e renovação é maior – o que não acontece com um espírito mais velho que passou a maior parte do tempo em um estado de miséria, vítima da doença.

Palavras-chave: Estado. Ciência. Educação. Gênio. Ginásio.